



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ALDA LIMA DA SILVA

A AUTO-IMAGEM DO PROFISSIONAL
BIBLIOTECÁRIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
estudo de caso no Município de Salvador (BA)

Salvador
2009

ALDA LIMA DA SILVA

**A AUTO-IMAGEM DO PROFISSIONAL
BIBLIOTECÁRIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
estudo de caso no Município de Salvador (BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. HENRIETTE FERREIRA GOMES

**Salvador
2009**

Silva, Alda Lima da.

A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea: um estudo de caso do Município de Salvador (BA) / Alda Lima da Silva. – 2009.

112 f.

Orientadora: Profª. Drª. Henriette Ferreira Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2009.

1. Bibliotecários - Autopercepção. 2. Trabalho bibliotecário – Efeitos das inovações tecnológicas. 3. Bibliotecários – Valorização profissional. I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. II. Gomes, Henriette Ferreira. III. Título.

CDD 023.2

Dedico este trabalho a meus pais
Antonio Correia e Maria Filomena,
pessoas do bem que forjaram a vida
com coragem, ternura e sacrifício.

A G R A D E C I M E N T O S

Digo muito obrigada a essas pessoas que, por serem como são, contribuíram com a minha jornada na pós-graduação, dando de si, incentivando, acreditando, me ouvindo e fazendo acontecer. A elas meu muito obrigado!

A Professora Doutora Henriette Ferreira Gomes, minha orientadora, uma mestra comprometida com a missão de formar novos discípulos para o labor científico.

Aos Professores Raymundo Machado e Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes, os primeiros incentivadores e ouvintes.

As colegas Lúcia Vera, Iole e Janneth, garotas valorosas e amigas.

A Ângela, Cândida, Conceição e Julita, amigas da Escola de Administração da UFBA, sempre alertas para servir, sorrir e chorar junto.

A Ariston Mascarenhas e Nádia Ventura, funcionários do Instituto de Ciência da Informação, pessoas essenciais aos trâmites da nossa vida acadêmica.

A Professora Aída Varela, que me tutelou durante o tirocínio docente e permitiu um “olhar” diferenciado, humano e comprometido sobre a função de ensinar.

Ao Conselho Regional de Biblioteconomia, 5ª Região, 13ª e 14ª Gestões importantes para a consciência do tanto que ainda é necessário fazer.

Aos colegas do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia pelo companheirismo, aceitação da pesquisa e oportunidades de aprendizado.

RESUMO

Identificar a auto-imagem do bibliotecário se constituiu no tema central dessa pesquisa, considerando as mudanças que têm ocorrido no campo e a permanência de uma imagem pouco esclarecedora, salientando a baixa visibilidade e reconhecimento social, o que levou a investigação das idéias, opiniões e percepções dos bibliotecários a cerca de si mesmos, delimitando os objetivos específicos em verificar se ocorre alguma influência da formação acadêmica na construção da auto-imagem do profissional; verificar quais as mudanças que foram percebidas pelo bibliotecário em suas atividades profissionais no contexto atual; identificar como o bibliotecário percebe a imagem que a sociedade tem da profissão e por fim identificar as características e habilidades que o bibliotecário considera importantes para a profissão. De caráter descritivo a pesquisa utilizou o método *survey*, coletando dados através da aplicação de questionários junto a uma amostra de 120 bibliotecários em atividade na Cidade de Salvador-Bahia, lotados em bibliotecas escolares, especializadas, públicas e universitárias. A realização de um grupo de foco aprofundou temáticas levantadas por meio da técnica anterior. Para o tratamento e a análise dos dados foram utilizadas abordagens quantitativas e qualitativas. Os resultados obtidos na pesquisa revelaram a insatisfação dos bibliotecários com a formação que tiveram na graduação, a busca pela educação continuada, com expressiva ocorrência em cursos de especialização. O fazer profissional, sustentado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, parece não ter sofrido alterações significativas nos diversos tipos de bibliotecas. Os profissionais apontaram, no entanto, a relevância do aporte tecnológico na melhoria das atividades. Na compreensão de sua auto-imagem o bibliotecário expressa uma consciência na qual a dualidade se afirma. Ao lado da percepção quanto ao potencial valor do seu fazer profissional em responder às demandas sociais, insere-se a constatação de que esse valor não é percebido e tampouco reconhecido pela sociedade.

Palavras-chave: Bibliotecários - Autopercepção. Trabalho bibliotecário - Efeitos da inovação tecnológica. Bibliotecários – Valorização profissional.

A B S T R A C T

The librarian's self-image in the contemporary society.

The identification of the librarian's self-image is the main theme of this research, taking into consideration the changes that have been taking place in this field, and the durability of an image that is not very enlightening, since it points out to low visibility and low social recognition of the professional as well, led us to investigate the ideas, opinions and perceptions of the librarian about himself/herself, thus establishing the specific objectives: check if there is any influence of the academic formation on the professional's self-image construction; check if the changes were noticed by the librarian in his/hers professional activities in the present context; identify the way the librarian perceives the image society has of this profession, and in the end identify the characteristics and abilities the librarian considers important for the profession. Due to its descriptive nature, the research used the *survey* method, thus collecting data by means of the application of questionnaires to a sample of 120 librarians who are working in the city of Salvador – Bahia, in different kinds of libraries: school ones, specialized libraries, public ones and university libraries. Focusing in on one group allowed us to go deeper into themes brought about by the technique used before. In order to treat and analyze the data, quantitative and qualitative approaches were used. The results obtained by means of the research revealed the librarians' lack of satisfaction with formation they had during graduation and the search for continuous education, showing an expressive number of specialization courses. The professional way of doing things, sustained by new information and communication technologies seems not to have suffered significant alterations in the various kinds of libraries. Nevertheless, professionals point out to the relevance of technology in the improvement of their activities. When understanding his/her self-image, the librarian expresses a kind of consciousness in which duality is affirmed. Besides the perception of the potential value of his/her professional way of doing things while responding to social demands, there also is the perception that this value is neither noticed nor recognized by society.

Keywords: Librarians – Self-image. Librarians - Effects of technological innovations. Professionally.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------|--|----|
| Figura 1 | Scanner para digitalização de livros | 27 |
| Figura 2 | A bibliotecária | 35 |
| Figura 3 | O bibliotecário | 35 |
| Figura 4 | Representação gráfica da dinâmica das relações entre elementos constitutivos da auto-imagem do bibliotecário | 96 |
| Quadro 1 | Características mundo real/mundo virtual | 22 |
| Quadro 2 | Amostra válida de pesquisa | 44 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|--|----|
| Tabela 1 | Distribuição percentual dos bibliotecários por idade | 48 |
| Tabela 2 | Distribuição percentual dos bibliotecários por tipo de biblioteca | 49 |
| Tabela 3 | Distribuição percentual quanto à data de conclusão de curso | 50 |
| Tabela 4 | Distribuição percentual quanto à avaliação do curso de Biblioteconomia | 50 |
| Tabela 5 | Distribuição percentual das justificativas quanto ao nível de insatisfação com o curso de graduação | 51 |
| Tabela 6 | Distribuição percentual dos fatores que indicados que contribuíram para a formação profissional | 52 |
| Tabela 7 | Distribuição percentual dos outros cursos de nível superior | 54 |
| Tabela 8 | Distribuição percentual da participação de cursos de educação continuada | 55 |
| Tabela 9 | Distribuição percentual dos temas dos cursos de atualização/aperfeiçoamento freqüentados pelos bibliotecários | 56 |
| Tabela 10 | Distribuição percentual dos temas dos cursos de especialização freqüentados pelos bibliotecários | 57 |
| Tabela 11 | Distribuição percentual dos temas dos cursos de mestrado freqüentados pelos bibliotecários | 58 |
| Tabela 12 | Distribuição percentual das percepções dos bibliotecários quanto à contribuição da pós-graduação para a vida profissional | 59 |
| Tabela 13 | Distribuição percentual dos temas sugeridos pelos bibliotecários como importantes para a educação continuada | 60 |
| Tabela 14 | Distribuição percentual das atividades de formação e desenvolvimento de coleções | 61 |
| Tabela 15 | Distribuição percentual das atividades de controle bibliográfico | 62 |
| Tabela 16 | Distribuição percentual das atividades de atendimento ao público | 63 |
| Tabela 17 | Distribuição percentual das atividades de chefia | 65 |
| Tabela 18 | Distribuição percentual da participação no processo de tomada de decisão | 66 |
| Tabela 19 | Distribuição percentual das atividades de disseminação seletiva da informação | 67 |
| Tabela 20 | Distribuição percentual sobre a percepção dos bibliotecários quanto à contribuição da automação par o desenvolvimento das atividades profissionais | 68 |
| Tabela 21 | Distribuição percentual d avaliação quanto a inadequação do ambiente de trabalho | 69 |
| Tabela 22 | Distribuição percentual quanto aos aspectos inadequados do ambiente de trabalho | 70 |
| Tabela 23 | Distribuição percentual sobre as conseqüências do ambiente inadequado na satisfação pessoal | 71 |
| Tabela 24 | Distribuição percentual quanto ao nível de compreensão da sociedade sobre o papel do bibliotecário | 72 |
| Tabela 25 | Percentual quanto as percepções dos bibliotecários acerca das relações interpessoais no trabalho | 73 |
| Tabela 26 | Distribuição percentual quanto à percepção sobre a imagem social mais representativa do bibliotecário | 74 |
| Tabela 27 | Distribuição percentual quanto às percepções dos bibliotecários relativas ao seu fazer | 76 |
| Tabela 28 | Distribuição percentual das percepções quanto às habilidades do bibliotecário | 77 |
| Tabela 29 | Distribuição percentual das habilidades que sociedade espera do bibliotecário | 79 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | REVISÃO DA LITERATURA | 13 |
| 2.1 | O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO | 14 |
| 2.2 | A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA | 19 |
| 2.3 | O PERFIL PROFISSIONAL | 28 |
| 2.4 | IMAGEM, ESTEREÓTIPO <i>VERSUS</i> MISSÃO E AUTO- IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO | 31 |
| 3 | O MÉTODO | 41 |
| 3.1 | UNIVERSO E AMOSTRA D PESQUISA | 41 |
| 3.2 | INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS | 45 |
| 3.2.1 | Questionário | 45 |
| 3.2.2 | Grupo de foco | 45 |
| 3.2.3 | Procedimentos de coleta de dados | 46 |
| 3.3 | PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS | 46 |
| 4 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 48 |
| 4.1 | CARACTERIZAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS | 48 |
| 4.2 | O FAZER BIBLIOTECÁRIO | 61 |
| 4.3 | A IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO | 71 |
| 5 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 82 |
| 5.1 | FORMAÇÃO ACADÊMICA E CONSTRUÇÃO DA AUTO- IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO | 82 |
| 5.2 | MUDNÇAS PERCEBIDAS NO FAZER PROFISSIONAL | 86 |
| 5.3 | A IMAGEM SOCIAL E A AUTO-IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO | 90 |
| 6 | CONCLUSÃO | 98 |
| | REFERÊNCIAS | 101 |
| | APÊNDICES | 106 |

1 INTRODUÇÃO

O bibliotecário que há quase cem anos é sujeito de um fazer profissional no Brasil tem na sociedade contemporânea o seu fazer e sua permanência questionados em função das mudanças advindas com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação bem como as mudanças no mundo do trabalho, a ampliação e ressignificação do campo com o aporte da Ciência da Informação. A vigência de uma imagem pouco esclarecedora, salientando a baixa visibilidade e reconhecimento social levou-nos a investigar as idéias, opiniões e percepções do bibliotecário a cerca de si mesmo. Dessa forma, a partir da interrogação sobre qual é auto-imagem do profissional bibliotecário se alinha o objetivo de identificar a auto-imagem dos bibliotecários da Cidade de Salvador, Bahia.

No contexto em que a informação, como insumo e vetor de uma nova ordem, instaura um paradigma que modifica os aspectos da vida humana, o estudo sobre a auto-imagem do bibliotecário insere-se como necessário e apropriado para compreensão da identidade desse profissional. O conhecimento da auto-imagem é, pois, fundamental para que o profissional repense seus conceitos, atitudes e valores para que, de modo mais consciente, seja sujeito determinante do fortalecimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Para o alcance desse objetivo principal foram delimitados quatro objetivos específicos: verificar se ocorre alguma influência da formação acadêmica na construção da auto-imagem do profissional; verificar que mudanças foram percebidas pelo bibliotecário em suas atividades profissionais no contexto atual; identificar como o bibliotecário percebe a imagem que a sociedade tem da profissão e por fim identificar as características e habilidades que o bibliotecário considera importantes para a profissão.

Caracterizado como um estudo descritivo com adoção do método *survey*, esta pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados a aplicação de questionários cuja população constituída pelos bibliotecários atuantes em bibliotecas escolares, especializadas, públicas e universitárias contou com a amostra de 120 profissionais. A aplicação de questionários foi seguida pela realização de um grupo de foco em uma sub-amostra determinada que aprofundou temas auferidos na técnica anterior. Para o tratamento e análise dos dados foram utilizadas as abordagens quali-quantitativas.

Para subsidiar o estudo buscou-se obter referências teóricas e empíricas na literatura da área, abordando os temas considerados atinentes a temática da pesquisa.

Esses temas foram a Sociedade da Informação, vista através de Freitas, Arruda, Marteleto e Souza, Araújo e Dias; Demo, Sanchez Gamboa, Rendon Rojas entre outros. O aporte tecnológico e as mudanças operadas no fazer bibliotecário tiveram contribuições de Tarapanoff; Morigi e Pavan; Morigi e Silva, Valentim, Castro e Ribeiro. O tópico sobre formação acadêmica em Biblioteconomia teve o aporte de Castro, Souza e Valentim. Enfim as temáticas da imagem, auto-imagem, estereótipo, visibilidade e missão do bibliotecário foram analisados a partir das produções e construtos de Oliveira, Almeida Júnior; Souza, Walter e Ortega y Gasset. Todos esses fatores, ao tempo que contribuíram para configurar a pesquisa empírica, foram também norteadores para a análise dos dados encontrados.

As principais informações obtidas na pesquisa apontaram resultados que revelam a insatisfação dos bibliotecários com a formação que tiveram na graduação e a tentativa de superação dessas lacunas através da educação continuada, na maior parte das vezes em nível de especialização.

Quanto as atividades desenvolvidas no cotidiano profissional, estas parecem não sofrer alterações significativas entre os bibliotecários que atuam nos diversos tipos de bibliotecas, ainda que o aporte tecnológico tenha passado a sustentar o fazer bibliotecário e que na visão desses profissionais o apoio das tecnologias seja de grande relevância.

Por outro lado, na percepção desses bibliotecários o potencial das novas tecnologias ainda não foi plenamente explorado nas atividades biblioteconômicas e as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo ainda não permitiram que a sua imagem social adquirisse novos contornos capazes de conduzir a uma maior valorização da profissão.

Contudo, na esfera de uma compreensão particular, os bibliotecários constroem uma consciência dual, ao mesmo tempo em que percebem as potencialidades do seu fazer, talvez sob a influência das próprias demandas da sociedade, e crêem no valor social do seu trabalho, avaliam que isso ainda não é socialmente reconhecido. Por fim, pôde-se concluir que a auto-imagem do bibliotecário, ainda que seja positiva, sofre influências externas como as dos limites da formação, da imagem social da profissão, de algum modo distorcida, como também das barreiras políticas e econômicas que inibem ações de fomento das atividades das bibliotecas e que acabam revertendo a positividade que advém da sua auto-imagem positiva. Essa dualidade acaba imobilizando as atitudes

e comportamento que poderiam atuar positivamente no aperfeiçoamento do fazer bibliotecário.

A apresentação detalhada dos pontos apontados nesta introdução, se dará nos capítulos que se seguem discorrendo sobre a revisão da literatura, os procedimentos metodológicos, a apresentação dos resultados, sua análise e discussão tomando-se como referência a literatura consultada e as delimitações traçadas pelos objetivos da pesquisa, e, por fim anunciando as conclusões alcançadas ao final do estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Mudanças ocorridas no papel do profissional bibliotecário têm sido uma constante, considerando a progressão histórica da humanidade e a dinâmica da informação em função das conjunturas sociais, econômicas, científicas e tecnológicas. Compreender, portanto, os aspectos apontados na literatura que interferem na constituição da auto-imagem do bibliotecário é o objetivo deste capítulo, bem como expor as teorias que dão base a essa pesquisa e auxiliaram na interpretação dos dados coletados.

O contexto contemporâneo sob a designação de “Sociedade da Informação” é para esta pesquisa o recorte temporal, sobre o qual o estudo foi focalizado. Desse possível conceito se origina a emergência de um novo perfil profissional para o bibliotecário, rotulado na atualidade como o Moderno Profissional da Informação. Esse ideal é o ponto focal para se analisar a constituição dessa categoria, suas características históricas, acadêmicas e de gênero.

O estereótipo do bibliotecário como fator constitutivo da imagem profissional e, desse modo, elemento norteador de sua representação social é outro ponto desta revisão. A permanência desse fenômeno, suas causas e natureza recorrentes na literatura profissional é um forte indicativo de que a questão do estereótipo não é um tema menor como crêem alguns. Presente no imaginário coletivo como evidencia a literatura e o cinema, há uma grande possibilidade de que a imagem distorcida do bibliotecário represente um ruído na comunicação desse profissional com a sociedade, impedindo seu pleno reconhecimento e também da instituição que historicamente é seu *locus* de atuação, a biblioteca.

A biblioteca como definidora do nome profissional é uma questão posta em xeque na atualidade, considerando o avanço e a diversidade do mercado profissional. A perspectiva mais ampla da Ciência da Informação também se insere nessa questão. Muitos autores consideram a Biblioteconomia como um dos pilares dessa ciência, considerando que as práticas biblioteconômicas representam uma parcela substancial dos objetos de estudo da Ciência da Informação. Os profissionais bibliotecários, atualmente em torno de trinta mil no Brasil, representam um dos maiores segmentos profissionais de informação atuando no mercado de trabalho brasileiro e integram o campo da Ciência da Informação.

Por outro lado, outros consideram que a Ciência da Informação é detentora de um novo paradigma que a distancia da Biblioteconomia, o que acaba por instaurar situações conflitantes entre os bibliotecários e profissionais oriundos de outros domínios do conhecimento que atuam na área como lingüistas, matemáticos, psicólogos, informatas.

Além da questão dos seus quadros profissionais, a Ciência da Informação no Brasil tem larga produção científica veiculada nos títulos de periódicos que a representam; possui um órgão que congrega seus estudiosos, realiza encontros científicos nos quais são discutidos o ensino, a prática e a pesquisa na área. A Ciência da Informação titula a pós-graduação de nove programas no País. Por esses motivos muitos pesquisadores consideram esse um campo já estabelecido.

Na contramão, estão os que advogam ser a Ciência da Informação um campo em construção devido às questões ligadas à sua natureza disciplinar, sua origem, questionando se ela está ligada à Biblioteconomia, Informática ou alhures. Há ainda questionamentos quanto a sua corrente sociológica se moderna ou pós-moderna; quanto as suas fronteiras epistemológicas e teleológicas. Todos esses pontos presentes no debate nacional apontam, enfim, que o processo de consolidação da Ciência da Informação, enquanto um campo do conhecimento ainda não está plenamente estabelecido.

2.1 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

O aparecimento do bibliotecário segundo Ortega y Gasset é uma herança da Renascença, quando o livro distanciando-se do seu aspecto sagrado e também legislativo, assume o seu papel social, requerendo um profissional diferenciado (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.16-18). Essa além do arcabouço filosófico é também uma constatação prática considerando o aporte advindo com o desenvolvimento da imprensa ocorrido anteriormente através de Gutenberg. O reconhecimento dessa necessidade não significou, porém a profissionalização. O campo até o século XIX continuou a ser exercido por eruditos e intelectuais que não detinham formação específica, mas que pelo destaque em distintos campos da ciência, o que denotava o apego e a intimidade com o suporte informacional, terminava recebendo como prêmio a guarda de coleções. Nesse sentido Leibniz, Hume, Pio XI, Casanova são exemplos de

peças que exerceram a função bibliotecária como o cumprimento, uma honraria (ROGGAU, 2006, p.19), podendo-se incluir neste rol escritores como Jorge Luis Borges, Affonso Romano de Santana. Essa prática indica o aparecimento de uma das características mais marcantes da função que é a de curador, guardião.

O surgimento do aparelho cultural biblioteca vincula-se ao progresso da civilização, ao crescimento das técnicas e das ciências. Nesse sentido é angular a ação das bibliotecas públicas comprometidas com a moral e a educação e a recreação dos trabalhadores no século XIX na Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos. São mudanças de diferentes naturezas: na forma produtiva do homem relacionar-se com o seu meio para produção de riquezas, na forma como a informação já se inseria como componente importante para consecução de objetivos sociais, mas também como elemento que permitia a tomada de consciência e rebeldia (SILVA; BUFREM, 1998). A função educativa das bibliotecas e o papel de educador, ainda que de maneira informal, é apresentado para o bibliotecário.

A biblioteca pública é entendida por Dotta Ortega como um divisor de águas também na Biblioteconomia. Reflete um universo onde os papéis informacionais já se encontram bem definidos, considerando que o bibliotecário diferente do seu colega medieval não é responsável pela produção e cópia dos documentos, que já não mais são manuscritos e sim livros e periódicos (ORTEGA Y GASSET, 2004). O aparecimento de um novo profissional, na pessoa do documentalista, se apresenta. Antes, porém, devemos nos deter na formação do bibliotecário que ao longo da história tem a sua profissão e funções questionadas em função dos papéis assumidos e dos suportes onde a informação é fixada.

Em 1873 na França foi criado na École de Chartes o primeiro curso de Biblioteconomia com enfoque humanista. Nos Estados Unidos, em 1887 Melvil Dewey fundou a School of Library Economy na Universidade de Columbia. Na América Latina as iniciativas de formação bibliotecária se farão notar em 1903 com o curso fundado pelo Conselho de Mulheres Argentinas (CASTRO, 2000). Posteriormente, a visibilidade da Biblioteconomia se expande por meio de um curso no Brasil em 1911 pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e por último no México com os cursos promovidos por Ezequiel A Chávez (MARTINS, 2003).

Implantado em 1915, o curso da Biblioteca Nacional teve como objetivo resolver as dificuldades existentes quanto a qualificação do pessoal da própria Biblioteca (CASTRO, 2000). Esse curso possuía um viés humanista e seguia o modelo

da École de Chartes. De acordo com Souza (2006) essa opção se deveu à finalidade de reunir, preservar e guardar a memória nacional, daí a adoção do modelo de uma ‘escola de Estado’ respondia mais eficazmente às necessidades. A hegemonia do pensamento francês também contribuiu na escolha.

O Curso da Biblioteca Nacional estabelecia como requisito para admissão provas escritas de Português e provas orais de Geografia, Literatura História universal e também dos idiomas francês, inglês e latim. (CASTRO, 2000). Essas exigências, no entanto, não eram consideradas para os candidatos já detentores de nível superior ou ainda para os integrantes do quadro funcional da Biblioteca. O curso abordava os conteúdos de Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Cartografia, Iconografia e Numismática.

O conteúdo ministrado contemplava a realidade da instituição que como um centro nacional detém no seu acervo informações registradas sobre o País em diversos suportes de informação. O Curso da Biblioteca Nacional passou por mudanças no seu conteúdo bem como por períodos de suspensão. A partir de 1944 os conteúdos da formação passaram a assemelhar-se com a formação que era titulada pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. (CASTRO, 2000; SOUZA, 2006).

Outra iniciativa pioneira no campo da formação bibliotecária no Brasil ocorreu em São Paulo, em 1929, no Mackenzie College denominado Curso Elementar de Biblioteconomia. Esse curso introduziu em terras brasileiras o modelo pragmático de ensino como praticado nos Estados Unidos, assim o conteúdo tratava de Catalogação, Classificação, Referência e informações sobre administração de bibliotecas (CASTRO, 2000). Conforme Castro o curso do Colégio Mackenzie encerrou suas atividades em 1936 quando se iniciou o curso do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo. Criado por Rubens Borba de Moraes esse Curso “[...] consolidou, sistematizou e normalizou as atividades de ensino, informais e assistemáticas que vinham ocorrendo desde 1929 na Biblioteca Municipal [de São Paulo] [...]” (CASTRO, 2000, p.71). Em 1940 esse curso foi transferido para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

A sumária descrição dos primórdios da formação bibliotecária no Brasil tem como objetivo situar as linhas de força que, nos quase cem anos da de Biblioteconomia no Brasil, tem norteado a formação dos bibliotecários. Tanto a erudição quanto a técnica continuam presentes nos currículos. Parece-nos que a presença dos conteúdos humanistas como componentes curriculares não é bem compreendida pelos estudantes.

Por outro lado, as disciplinas ligadas à normalização, organização do conhecimento e representação da informação são mais valorizadas pelos discentes, considerando que estas trabalham conteúdos que são pré-requisitos para a realização de estágios extracurriculares. Embora almejados pelos estudantes, esses conteúdos não são percebidos como o núcleo caracterizador da profissão e, por isso, quando do efetivo exercício profissional são praticados com pouco rigor, principalmente quando associados às novas tecnologias da informação e comunicação.

A década de 40 foi importante para a Biblioteconomia nacional. As técnicas importadas dos Estados Unidos começaram a ser universalizadas nas bibliotecas, criação do serviço nacional de catalogação cooperativa único no continente (CASTRO, 2000, p.78-79). Em 1944 o currículo da Biblioteca Nacional unificou-se com o da Escola Livre de Sociologia e Política. A adoção das técnicas americanas na Biblioteconomia, o intercâmbio e estágios de técnicos brasileiros naquele País sinalizam as mudanças. Castro ressalta que o oferecimento de bolsas de estudo tanto pelo curso tanto do curso do Rio de Janeiro como pelo curso de São Paulo para estudantes oriundos de outros estados da Federação favoreceu a disseminação da Biblioteconomia e a criação de outras escolas/cursos nas localidades de origem dos participantes.

Essa expansão possibilitou o surgimento de lideranças e massa crítica fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, crescimento do número de bibliotecários formados que aumentava o coro das reivindicações por status profissional, currículo mínimo para a formação, regulamentação da profissão e inserção dos cursos em universidades, preferencialmente as federais. Importante ressaltar que na década de 1950 no Brasil ampliava-se a industrialização. O surgimento dos órgãos de fomento a ciência são criados inclusive o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

O bibliotecário requerido para esse momento não é mais o erudito, nem o generalista egresso dos cursos da Biblioteca Nacional. Por isso concomitante com os esforços para a afirmação profissional, havia também um movimento para dotar a área de especialistas. O discurso, como coloca Castro privilegiava as bibliotecas especializadas em detrimento das públicas e escolares. O progresso social, técnico, econômico da sociedade brasileira requer o bibliotecário especialista ou o documentalista, profissional a serviço da ciência. O servo, *servorum scientiae*. (CASTRO, 2000, p.115-150). Parece-nos que esse discurso vai de encontro com as lutas que essa mesma classe reivindicava de reconhecimento, nível superior e estabelecimento de uma profissão. B

Acompanhando o discurso da época vimos que o bibliotecário especialista tinha como responsabilidades profissionais o tratamento técnico de livros e periódicos e conhecer a fundo os conteúdos dos documentos processados para, desse modo, auxiliar o pesquisador. A compilação de bibliografias especializadas era também outra das atividades do bibliotecário.

A questão da Documentação, denominação de acento europeu que remete para as atividades dos advogados belgas Henry La Fontaine e Paul Otlet gerou frutos no Brasil. Em vários locais o nome das escolas ou curso passou a contar com a palavra “documentação” junto à “biblioteconomia” de igual maneira os eventos científicos passaram se intitular como de documentação.

As décadas de 1940-1950 viram também o alvorecer da Ciência da Informação sobre o influxo da Segunda Guerra Mundial, o trabalho em conjunto de especialistas de várias áreas e o uso de tecnologia para geração, tratamento, armazenamento e disseminação da informação.

A regulamentação da profissão de bibliotecário em 1862 através da Lei 4.084 foi o corolário adequado para a movimentação e os esforços desenvolvidos por uma categoria em busca do reconhecimento legal da sua atividade. Movimento iniciado desde a década de 1930. Antecedida pelo reconhecimento da Biblioteconomia como profissão liberal e também pelo apoio do Departamento Administrativo do serviço público (DASP) que estabeleceu como requisito para o provimento de cargos de bibliotecário o nível superior.

A outorga da lei sobre um fazer profissional significa o reconhecimento de uma sociedade sobre o campo, a reserva de uma jurisdição para um grupo detentor de características, saberes e atitudes ímpares que o diferencia de outros, e desse modo lhe confere uma identidade (SILVA, 2003, p.76).

A identidade do profissional bem como sua visibilidade são pontos que, no entanto, extrapolam o reconhecimento legal e aponta para a produção de bens visíveis para a sociedade. Nesse sentido a escola, o perfil e o contexto social têm importância fundamental ainda que diferenciados.

No contexto atual as discussões chamam a atenção para o Moderno Profissional da Informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2000; 2002; SOUZA, 2001) denominação que procura englobar numa mesma categoria profissional os bibliotecários e as demais profissões que também trabalham com a informação no contexto da sociedade contemporânea.

2.2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A sociedade contemporânea tem sido denominada por diversos rótulos, sendo que o mais recorrente é o de “Sociedade da Informação”. Essa noção tem sido objeto de muitas discussões sobre o seu surgimento, sua ideologia e a grande carga de modificações que se inserem no mundo do trabalho. Para os bibliotecários essa sociedade tem motivado uma profunda gama de produções que tratam não apenas sobre os aportes dela advindos, por ser a informação o objeto de trabalho desses profissionais, mas, também sobre o seu perfil e conseqüentemente, sobre sua formação.

Esse novo contexto leva alguns autores, tomando como referência a tese das revoluções científicas de Thomas Kuhn, a concluir que houve uma revolução científica também decorrente do fenômeno informacional. (VALENTIM, 1995; CARVALHO; KANISKI, 2000). Nesse sentido a “Sociedade da Informação” é compreendida como uma revolução que estabelece o paradigma informacional como sucedâneo do industrial (BORGES, 2000, p.203). Uma mudança que afeta diretamente o fazer bibliotecário deslocando seu foco de atenção do acervo para a informação, privilegiando o acesso como sinaliza Coelho Neto (1996, p. 15).

A concepção dessa mudança social se deu a partir dos estudos de Machlup. Esse economista americano constatou através de dados quantitativos e análise de tendências o imbricamento da economia dos Estados Unidos com o que ele denominou “indústria do conhecimento”. (ARAÚJO; DIAS, 2005, p.112-113). Do estudo de Machlup, Daniel Bell, um sociólogo, também americano, desenvolveu em 1973 “O advento da sociedade pós-moderna”, expondo nesse ensaio as teorias da “Sociedade da Informação” e seus fundamentos. Esse movimento empírico-conceitual originou a adesão de pensadores de variadas áreas do conhecimento, que analisaram essa sociedade sob diferentes enfoques e denominações, como destacou Aquino (2007, p. 203):

[...] sociedade pós-industrial (BELL, 1973); terceira onda (TOFFLER, 2000); sociedade do conhecimento (MATOS, 1982); sociedade da informação (MASUDA, 1982); sociedade informática (SCHAFF, 1990); sociedade pós-capitalista (DRUCKER, 1980); sociedade digital (NEGROPONTE, 1995); sociedade informacional (CASTELLS, 1996, 1999); sociedade aprendente (ASSMAN, 2000); sociedade da aprendizagem (BURNHAM, 2000); sociedade em rede, sociedade informacional, sociedade dos fluxos (CASTELLS, 1996, 1999); sociedade de controle (DELEUZE, 2000).

Todas essas denominações expressam uma característica, um enfoque que longe de negar ou contestar a “Sociedade da Informação” corrobora e lhe dá sentido, contextualizando seu aspecto econômico e capitalista e sua lógica de operação em redes. A utilização da informática para armazenar, processar e disseminar a informação e o monopólio de quem produz a informação e de quem fabrica as ferramentas para o seu manuseio e também, em função da rapidez com que as mudanças se processam, tornou permanente a necessidade de manter-se atualizado, aprendendo sempre.

A origem do termo “Sociedade da Informação” é controversa. Acredita-se que tenha sido criado por cientistas norte-americanos, mas também, é atribuído a pensadores japoneses. Freitas (2002) perfaz esse caminho documentando as publicações nipônicas e os pensadores que primeiramente a usaram naquele país. De certo modo, a busca da historicidade do termo permite concluirmos que essa é uma concepção oriunda de países centrais, desenvolvidos economicamente, preservando no trato do fenômeno informacional a economia de mercado, a propriedade privada sob os meios de produção como coloca Rendon Rojas (2007, p.10).

Por outro lado, a adesão dos bibliotecários à “Sociedade da Informação” também é abordada por Freitas. A fixação do tema contou com o apoio dos bibliotecários que, mediante a promessa de apoio financeiro para a área, começaram a abordá-lo desde 1966 na reunião da *American Library Association* (ALA) e em 1970 no *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST). Obviamente essa não foi a única forma de divulgação da nova temática, as reuniões econômicas entre países também contribuíram. O apoio da ALA e do ARIST, no entanto, fortaleceu a “Sociedade da Informação”, primeiro pela reputação que esses organismos detêm na Biblioteconomia mundial e depois em função das características construídas pela atividade bibliotecária de neutralidade e imparcialidade no trato da informação objetivando o bem coletivo, o que pode ter influenciado a adoção de um discurso idealizado de uma sociedade na qual a informação ocupa um papel central e o compartilhamento das informações torna-se essencial ao sucesso das ações humanas.

A disseminação do tema, inclusive junto às sociedades que estavam em patamares inferiores de desenvolvimento, provocou o surgimento de planos como o do *Livro Verde da Sociedade da Informação*, com o intuito de capacitar esses países da infra-estrutura necessária ao acesso e ao consumo da informação, bem como dos equipamentos que permitem essas atividades.

Definida por Araújo e Dias (2005, p.113) “[...] como etapa do desenvolvimento da sociedade que se caracteriza pela abundância de informação organizada.”, a “Sociedade da Informação” tem como base as novas tecnologias da informação e comunicação. Base de todas as revoluções ocorridas na humanidade, a informação tem, na contemporaneidade, sua relevância potencializada pelo uso da tecnologia.

As tecnologias da informação e comunicação se constituem, portanto, na condição *sine qua non* para a existência da “Sociedade da Informação”, dotando-a de várias características e modos de operação que diferenciam o mundo real do virtual. Porém, como contemporiza Sanchez Gamboa (1997) essas tecnologias refletem a evolução cognitiva da humanidade no esforço do conhecimento. Para esse autor a revolução informacional é o encadeamento lógico da ferramenta, da linguagem e da máquina, refletindo o trabalho, a escrita e o poder que desde as eras primitivas estão intrinsecamente relacionados.

O enfoque das tecnologias da informação e comunicação nessa pesquisa se justifica em decorrência desse aparato tecnológico inserir inovações no fazer profissional e, de certo modo, questionar o saber-fazer dos bibliotecários. Ainda que, sejam conhecidas as dificuldades de muitas bibliotecas e centros de informação para inserir os dados de seus acervos em bases eletrônicas, assim como automatizar seus serviços, o mundo virtual é uma realidade. Esse ambiente se tornou um ambiente de atuação e trânsito dos profissionais bibliotecários e seu público. Assim sendo, comparando as duas realidades Mattos (apud VALENTIM, 2002, p.120) expõe as mudanças advindas com as novas tecnologias.

| CARACTERÍSTICAS | MUNDO REAL | MUNDO VIRTUAL |
|--------------------------|---|---|
| Privacidade | O contato é direto, as situações de não identificação são raras | Protegida, amenos que a pessoa queira se revelar |
| Legislação | As leis existem e são aplicadas nas diversas esferas | Ainda são poucas as leis que regulam esse mundo |
| Censura | Existe exercida por editores, jornais e revistas | Existe movimento contra |
| Fronteiras geográficas | Para ir de um país a outro são necessárias autorizações | Não existe fronteiras |
| Tempo | Existem os horários de trabalho, de atendimento, etc. | É relativo, inexistente horário de funcionamento |
| Mídia da informação | Informações são eletrônicas | Informações necessitam de um suporte físico |
| Simultaneidade | É possível estar em apenas um lugar de cada vez | Pode-se estar em vários lugares ao mesmo tempo |
| Restrição tecnológica | Não é necessário nenhum aparato tecnológico | Sem a tecnologia o acesso não existe |
| Rapidez de acesso | Encontrar uma informação no modo tradicional pode levar dias ou meses, dependendo da complexidade da informação | O acesso é mais rápido e com maior riqueza |
| Compras e cursos | Deve-se deslocar até o local, gastando tempo, dinheiro, etc. | Podem-se comprar quase tudo sem sair de casa |
| Liberdade de criação | Existem limitações | Tudo é possível de ser feito, pois a virtualidade permite isso |
| Gratuidade | É necessário comprar ou tomar emprestado, comprar ingresso, etc. | Algumas obras podem ser acessadas sem custo, visitas virtuais, etc. |
| Simultaneidade de acesso | Uma única pessoa poderá acessar um determinado documento | Várias pessoas podem acessar o mesmo documento |
| Liberdade de publicidade | Editores precisam dar o aval, <i>referees</i> solicitam mudanças que nem sempre são necessários | Pode-se publicar o que se quiser, as novas edições são rápidas e livres |

Fonte: VALENTIM, 2002, p. 120.

Essas novas tecnologias trazem no seu bojo uma gama de benefícios que podem ser tangenciados nas empresas, nos lares e nos serviços, acompanhando as pessoas onde quer que elas estejam, através dos computadores pessoais, da telefonia móvel, do alcance dos satélites e dos serviços *on line*. As compras através da internet, a própria rede mundial de computadores e a informática pública são também outros exemplos dessa presença. Nesse sentido, duas reflexões emergem desse panorama, o consumo de bens e serviços informacionais e o alcance dessa sociedade.

O consumo de telefones celulares, câmeras e toda sorte de equipamentos digitais portáteis ou não, desafia a necessidade e responde ao incentivo da oferta. Para uma geração inteira de cidadãos, o maquinário e o jargão digital são inerentes às suas existências, porém, o consumo se estende para todos independente da classe, da escolaridade e dos hábitos de informação. De certo modo, Kurz (2003) ao tratar da

“ignorância da sociedade do conhecimento” e Weil (2000) ao abordar os aspectos patogênicos da cultura informacional tocam nessa questão.

Abordando os elementos constitutivos dessa sociedade que precisam ser superados por se caracterizarem como desigualdades e contradições, vários autores se posicionam alertando sobre: a infoexclusão (BAGGIO, 2000); a manipulação da informação (DEMO, 2000); a preponderância da técnica em detrimento do ser humano (LAZARTE, 2000) e a desinformação operada pela oferta de conteúdos insignificantes veiculados pela Internet. (SANCHEZ GAMBOA, 1997). Fica evidente na “Sociedade da Informação” que existe o consumo da informação, que interessa aos grupos produtores, e também dos produtos necessários para acessá-la, como ressalta o mesmo Sanchez Gamboa (1997).

Perdura especialmente entre bibliotecários e cientistas da informação a certeza de que a “Sociedade da Informação” é um fato consumado, já universalizado para todos, incorrendo no que Agudo Guevara (apud WERTHEIN, 2000, p.72) denomina de “indevido determinismo” e “despropositado evolucionismo”. A cautela desse autor se justifica perante a constatação de que “Há um crescimento da literatura sobre sociedade da informação, mas, na verdade, não há um crescimento do acesso à informação.” (SUAIDEN, 2000, p.56). As tecnologias de informação e comunicação, para onde converge a materialidade dessa sociedade, redimensionam o fazer bibliotecário.

As funções da biblioteca não sofreram, ao longo da história, mudanças significativas. Subsidiadas pelo progresso científico e tecnológico elas foram aprimoradas, preservando, no entanto, suas características fundamentais. Esses aportes instrumentais permitiram a evolução para os modelos vigentes na atualidade, quando em concomitância convivem as bibliotecas tradicionais, as automatizadas, as eletrônicas, as digitais e as virtuais. Cunha (2000) estabeleceu essa categorização dos tipos de biblioteca e previu a biblioteca universitária digital considerando, contudo, que essa seria resultado da utilização gradual do computador.

Inerentes e básicas nas bibliotecas, as funções de formação e desenvolvimento de coleções, dinamização da informação e gerenciamento foram categorizadas e tiveram as mudanças advindas da “Sociedade da Informação” fixadas por Araújo e Dias (2005, p. 118-21), conforme o quadro abaixo:

- “a) seleção e aquisição – em função do formato digital das fontes será reduzida;
- b) catalogação, classificação e indexação- novas regras serão estabelecidas em função das linguagens de marcação, também serão executadas de forma

cooperativa;

- c) serviço de referência – voltado para capacitação e treinamento de usuários, possibilitará maior divulgação do acervo e o ressurgimento do DSI;
- d) gerenciamento – o profissional precisará utilizar a informação e a educação continuada para aprimorar-se e trabalhar com criatividade.”

A automação de bibliotecas, significando a migração do sistema manual para o eletrônico na execução dos processos é algo bastante presente nas bibliotecas especializadas e universitárias, incipiente nas públicas e inexistentes nas escolares da rede pública de ensino. Por outro lado, nas unidades de informação universitárias, principalmente naquelas universidades mais antigas, a automação nunca ocorre plenamente.

A falta de recursos e a urgência da automação ocasionam a não inserção de itens nas bases, cujas datas de publicação sejam mais antigas. O acervo mais retrospectivo parece reduzir a disposição de análise e tratamento desse tipo de material, como também pela autonomia relativa que o bibliotecário parece ter sobre a determinação da política de desenvolvimento das coleções, sobre as prioridades e a seleção dos materiais que devem ser privilegiados na inserção nas bases ou protelados para um período posterior. Assim, em muitas bibliotecas existem coleções de materiais retrospectivos, de publicação mais antiga e que o grande público desconhece a existência.

Na comutação bibliográfica, no acesso aos registros ou a textos completos a internet tem contribuído enormemente para as bibliotecas. As mensagens eletrônicas são um meio eficiente para a comunicação, porém, é muito tímido ainda o uso das listas de discussão, dos fóruns e até mesmo do recurso “fale conosco” na interlocução com os usuários. Entretanto, um insumo positivo desse recurso é a transmissão da ficha de trabalhos de conclusão de curso, de dissertações e de teses da catalogação-na-fonte, através de arquivos anexados para os usuários.

As tecnologias de informação e comunicação sofrem da falta de recursos crônica que é comum nas bibliotecas. Desse modo, equipamentos quebrados, por falta de manutenção ou subtraídos devido à falta de infra-estrutura são freqüentes. Nas bibliotecas, o aporte advindo das tecnologias provoca por desconhecimento ou descaso dos gestores, ou também por falta de comunicação entre os bibliotecários e a gerência acaba ocorrendo o esvaziamento de outros recursos. Acontece, por exemplo, a compra de computador e em concomitância o cancelamento de assinaturas de periódicos. Em algumas situações, quando há a possibilidade de acesso a bases *on line* de periódicos, a

repertórios ou ainda a conteúdo digitalizado em CD ROM, consegue-se equacionar tal dano, porém não é o que normalmente acontece.

Na “Sociedade da Informação” existe a convivência de múltiplos modelos a exemplo das bibliotecas cujo acervo é constituído de materiais impressos, digitais ou eletrônicos. Enfim, são amplas as possibilidades de ação nesse contexto, porém se ressalta a necessidade de uma postura do profissional em identificar o ambiente e as vantagens existentes no mesmo. Muito importante é situar-se perante a informação e a tecnologia compreendendo-os como fontes de estudo e não apenas como ferramentas de trabalho. (VALENTIM, 2000). As tecnologias devem segundo Araújo e Dias (2005), ser aprendidas, de modo instrumental mesmo, para a capacitação dos usuários no uso das fontes. Também o bibliotecário necessita encontrar respostas para suas necessidades de informação, respostas que ficarão ocultas ou perdidas se a atitude adotada for de deslumbramento ou, por outro lado, de resistência ou negação.

O momento contemporâneo ressalta a hegemonia da ciência aplicada para fins específicos, ou seja, aquela especialmente dirigida ao desenvolvimento de processos e da tecnologia e a resolução de problemas específicos. A ciência, contudo, é uma expressão do engenho humano, por isso Michio Kaku (2006) professor de física da Universidade da Cidade de Nova York ressalta a preponderância de coisas que as máquinas não podem reproduzir facilmente, segundo ele: a liderança, a imaginação, a capacidade de julgamento e análise. Continuando nessa linha de pensamento o professor fala da singularidade dos cérebros, do reconhecimento de padrões e do senso comum. Essas considerações devem conduzir os bibliotecários para a reflexão de que, além da adoção e exploração das tecnologias no seu fazer, eles devem realizar estudos e conhecer as suas aptidões pessoais de modo que, habilitados possam realizar nas bibliotecas o conjunto de ações como as delineadas por Davenport e Prussak (apud VALENTIM, 2000, p.144):

Pessoas ainda são os melhores ‘meios’ para identificar, categorizar, filtrar, interpretar e integrar a informação. Não me refiro ao pessoal de TI, que lida com computadores e redes, mas às pessoas que fornecem e interpretam as informações. A mais importante equipe informacional de uma empresa lida com as mais valiosas modalidades de informação, como o conhecimento organizacional e os melhores métodos de trabalho. Se a informação, nessas categorias, deve ser valorizada, precisa continuar sendo organizada, reestruturada, interpretada e sintetizada – tarefas que o computador não é capaz de executar satisfatoriamente.

Ao longo desse texto temos utilizado os termos “bibliotecas” e “centro de informação”, porém, essa adoção não exclui as possibilidades de atuação do profissional nas várias frentes de trabalho potencializadas pelo uso das tecnologias da informação e comunicação. Nesse sentido, existem as opções do mercado de trabalho delineado por Valentim 2000: o consolidado ou tradicional, o existente, mas não plenamente ocupado e aquele que a autora denomina como tendências.

Na “Sociedade da Informação” o profissional bibliotecário deverá atuar como um *gatekeeper* (VALENTIM 1995), ou seja, estar em comunicação com as redes de informação com a função de, através da pesquisa, selecionar e indicar os canais mais profícuos de informação para os seus usuários. Essa definição do papel do profissional se alinha com a defesa feita por Ortega y Gasset (2006) de que a missão do bibliotecário é a de atuar de modo estreito com seus usuários, buscando compreender suas necessidades, o que pode de modo resumido, se caracterizar como o exercício da mediação da informação.

Nessa mesma perspectiva encontra-se a tese de Dudziak (2007) que, ao abordar a competência em informação, destaca a função social do bibliotecário, como aquele profissional que nas suas atividades de mediação pode contribuir para dotar o cidadão de autonomia no manuseio da informação e das novas tecnologias.

Quando acima se falou das enormes possibilidades de tratamento da informação através das novas tecnologias, se pensou na racionalização do tempo, no dinamismo e na padronização que as atividades ligadas ao ciclo documental receberiam desse modo. Assim, as possibilidades de acesso através da internet (TEIXEIRA; SCHIEL; ARAÚJO; DIAS, 2005); o ressurgimento do serviço de referência (ARAÚJO; DIAS, 2005) conforme os padrões internacionais (MARDERO ARELLANO, 2001), também indicam as repercussões do uso das tecnologias no fazer profissional do bibliotecário, favorecendo potencialmente a concretização de um de seus papéis sociais mais importantes, que se insere na sua missão, que é o de mediador da informação.

A digitalização de acervos é outra conquista importante alcançada através das novas tecnologias de informação e comunicação. Esse procedimento, além de preservar e conservar a informação para o uso, também permite, através do hipertexto, a integração dos vários itens de um acervo, conforme destaca Becerra (apud MORIGI; PAVAN, 2004).

O processo de digitalização também torna factível a idéia da “biblioteca universal” como pensou Alexandre, o Grande e como, de certo modo, vem sendo

realizado pelo Google através do acordo firmado para a digitalização de grandes bibliotecas tradicionais. A figura abaixo mostra o computador fabricado pela empresa suíça *4DIGITALBOOKS* que digitaliza 1000 páginas por minuto, inclusive obras raras. Imaginemos um aparelho desse tipo disponível para o escaneamento das obras raras brasileiras, dispersas, desconhecidas e mal conservadas (KELLY, 2006).



Figura 1 – Scanner suíço para digitalização de documentos
Fonte: Veja Tecnologia, julho de 2006, edição digital

A utilização das novas tecnologias em bibliotecas universitárias foi objeto de dois estudos, ambos desenvolvidos no Rio Grande Sul. No primeiro estudo se buscou analisar a interação dos bibliotecários e usuários sob a mediação das tecnologias da informação e comunicação, focalizando o possível surgimento de uma nova sociabilidade. Já na segunda pesquisa se procurou abordar as influências e mudanças operadas pelo uso das novas tecnologias no trabalho, no lazer, na escola, enfim nas diversas instâncias da vida humana.

As novas tecnologias, no entendimento dos bibliotecários pesquisados, introduzem mudanças no relacionamento com os usuários e permitem uma visualização mais positiva do profissional sobre si mesmo, a partir da resignificação do seu fazer. (MORIGI; PAVAN, 2004). No estudo seguinte percebeu-se que uma nova percepção sobre o perfil, a auto-imagem e o próprio fazer, em função das novas tecnologias de informação e comunicação se instaurava, bem como o aparecimento de tensões e conflitos advindos da concorrência com sujeitos de diferentes profissões. (MORIGI; SILVA, 2005).

O uso da tecnologia e sua inserção nas atividades das bibliotecas ao mesmo tempo que facilita e dinamiza o trabalho requer dos profissionais uma postura investigadora, diligente que possa recepcionar as inovações e através de estudo e

reflexão desenvolver novos serviços e melhores possibilidades para o desempenho profissional. Assim sendo a busca por um novo perfil para o bibliotecário se insere como uma demanda a ser atingida pela formação dos profissionais.

2.3 O PERFIL PROFISSIONAL

A busca de um perfil profissional condizente com as demandas sociais e princípios fundamentais de uma profissão é a idéia que sempre norteia as bases da formação profissional, determinando, desse modo, as diretrizes de ação para essa atividade realizada pelas instituições de ensino superior. As disciplinas e o enfoque a ser dado por elas, o contexto sócio-econômico, o mercado de trabalho, as linhas de pesquisa da instituição, todos os aspectos que integrados podem forjar a constituição de um sujeito profissional ativo e qualificado.

A tecnologia da informação insere novas perspectivas, que podem modificar o fazer das profissões, suprimir ou até mesmo provocar sua substituição. Arruda, Marteleto e Souza (2000) contextualizam as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e apontam para a emergência de um novo perfil profissional para o bibliotecário. Esses autores deixam claro que se requer um profissional que antes de ser um especialista, atue de maneira multifuncional, integrando saberes e conhecimentos na resolução de problemas e busca de resultados.

O trabalho em equipes interdisciplinares pressupõe uma base comum para o diálogo entre saberes diferentes para o alcance do objetivo comum. No geral a realidade do trabalho nas bibliotecas não obedece a essa tendência. As relações de poder, mas também de menosprezo em relação ao seu trabalho permeiam as relações estabelecidas por outros profissionais com os bibliotecários, como também estabelecidas por seus superiores hierárquicos, redundando em incompreensões e ausência de diálogo, que inviabilizam a realização de um trabalho profícuo. Na Biblioteconomia, esses aspectos merecem atenção, considerando-se a natureza intelectual e cognitiva da área, sua atuação sobre o conhecimento produzido e comunicado pela coletividade, bem como os reflexos desse contexto nos sujeitos e produtos que são objetos da ação dos profissionais bibliotecários. (ARRUDA, MARTELETO, SOUZA, 2000; VALENTIM, 2000).

A percepção das mudanças que vinham ocorrendo no campo profissional dos bibliotecários levou a *Federação Internacional de Informação e Documentação* (FID) a criar em 1991 um grupo de trabalho que em escala mundial desenvolveu estudos

visando o conhecimento dos papéis e das carreiras do que veio a denominar-se como o “moderno profissional da informação”. (TARAPANOFF, 1997).

De algum modo, esse profissional adjetivado de moderno passou a ser a idéia de fundo que a partir dos anos 1990 tem mobilizado o campo profissional para redefinição dos currículos de formação em Biblioteconomia; para fixação de um novo perfil e para o uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Esse movimento tem possibilitado alguns benefícios, sendo alguns deles o debate sobre a profissão e a necessidade de manter-se aprendendo novas competências ou refinando as inerentes ao seu fazer. Em contrapartida, colocou-se em discussão a constituição do campo profissional dos bacharéis em Biblioteconomia no Brasil, que sendo uma profissão regulamentada por lei, tem postos estritamente reservados aos bibliotecários, ainda que, como ressalva Valentim (2002), isso ocorra em um mercado amplo, mas não plenamente ocupado.

Seguindo essa linha de raciocínio, a literatura da área vem tratando sobre a emergência de um novo perfil e de uma formação diferenciada, com o objetivo de dotar de novas competências, habilidades e atitudes os recursos humanos da área. Interpretando a necessidade desse novo perfil, porém com um viés mais profundo, e, talvez filosófico, duas linhas de interpretação do profissional bibliotecário se destacam: uma que reflete sobre a mediação da informação e outra sobre a competência em informação. Em nosso ponto de vista não são linhas excludentes, elas se inter-relacionam para consubstanciar a área ou fazê-la retomar o valor humanista e social da profissão.

Na atualidade, o exercício das profissões requer competências, habilidades e atitudes em decorrência das mudanças advindas do uso das tecnologias e da aparente dicotomia entre o conhecimento generalista e o especializado. Desse modo, a inserção das competências, habilidades e atitudes como requisitos para um novo perfil indicam mudanças a serem introduzidas na formação acadêmica desses profissionais.

Por outro lado, a educação continuada, outra exigência da contemporaneidade, significa a oportunidade para os bibliotecários adquirirem ou refinarem competências e habilidades, em função de novas exigências laborais ou inovações inseridas.

Enquanto as competências e habilidades são conteúdos que podem ser objetivados, as atitudes se referem mais as disposições psicológicas e cognitivas do indivíduo, sinalizando maneiras diferenciadas para a abordagem de distintos aspectos. Assim, é possível haver um profissional que tenha adquirido competências na área da

informática, o que, por exemplo, o habilita para o treinamento de usuários para o acesso a bases de dados, mas que, entretanto, mantenha uma atitude tímida nas relações interpessoais, o que pode representar uma barreira para que este possa desenvolver atividades de atendimento ao público.

Conforme Valentim (2002, p. 122), o IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecologia y Ciencia de la Informacion, realizado em Montevideo no ano 2000, definiu que competência é a “[...] capacidade adquirida ao término de um processo de formação que se expressa em habilidades intelectuais, sociais, psicológicas e afetivas, inclusive atitudes, conhecimentos e condutas implícitas do desenvolvimento humano.” Sendo as competências divididas em:

- a) competências de comunicação e expressão,
- b) competências técnico-científicas;
- c) competências gerenciais;
- d) competências sociais e políticas.

A partir dessas discussões, uma série de trabalhos e revisões curriculares e de elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia têm sido promovidos nos últimos anos. Contudo, percebe-se que essas iniciativas não deveriam ser dissociadas de uma análise do comportamento social e coletivo do profissional, como também do seu auto-conhecimento, da percepção que ele tem sobre o seu próprio fazer, além da compreensão acerca do que ele representa para a sociedade.

Como defendem Arruda, Marteleto e Souza (2000, p.14),

As alterações no perfil profissional não se restringem ao âmbito da qualificação profissional e da gestão do trabalho, mas abrangem o conteúdo e a forma como o trabalho é realizado, como o trabalhador se relaciona e se socializa no ambiente de trabalho. Atingem a subjetividade do sujeito, invadindo o seu espaço social, seu comportamento individual e coletivo.

Nessa perspectiva, verifica-se a necessidade de se desenvolver um “olhar” sobre o comportamento do bibliotecário no seu ambiente de trabalho, sobre como ele se auto-avalia e considera a repercussão de suas ações na sociedade. Desse modo, percebe-se a importância de se buscar compreender como o bibliotecário vem construindo sua qualificação, como ele compreende a sua auto-imagem e a sua visibilidade social.

2.4 IMAGEM E ESTEREÓTIPO *VERSUS* MISSÃO E AUTO-IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO

A imagem do bibliotecário, que sofre forte influência do estereótipo vigente socialmente, acaba por esse motivo sendo considerada na literatura praticamente como sinônimos, ressaltando a intrínseca relação entre um tema e outro. Como um signo da profissão, o estereótipo é veiculado por filmes, livros, revistas, telenovelas e comerciais televisivos. O estereótipo tem influências na visibilidade da profissão e, de certo modo, contribui para a representação social do bibliotecário.

A auto-imagem do bibliotecário foi objeto de dois estudos. A pesquisa que detectou como condicionantes da auto-imagem profissional a natureza do trabalho, a remuneração, o comportamento e a auto-estima do profissional foi desenvolvida por Oliveira em 1980. Em suas conclusões essa autora (1980, p. 68) afirma que “[...] as atitudes são elementos básicos na formação da imagem do indivíduo, seja ela pessoal ou pública.” E conclui ainda que os bibliotecários que participaram de sua pesquisa revelaram uma “[...] capacidade limitada de analisar e julgar o próprio trabalho profissional.” Entretanto, os mesmos mantinham a “[...] crença na natureza intelectual e na utilidade da atividade bibliotecária.”

Considerando os mesmos fatores, porém ampliando a auto-imagem do profissional na visão dos docentes que trabalham na formação dos bibliotecários, vinte e oito anos depois Walter (2008) concluiu que, ao longo do exercício profissional, o bibliotecário constrói uma identidade positiva do seu trabalho. Infere-se que essa identidade positiva que advém da experiência profissional mantém a crença que foi identificada por Oliveira na década de 1980.

A imagem é abordada como elemento que precisa ser transformado. Como já chamava a atenção Smit (1982), essa imagem necessita de alteração, pois está em más condições. Embora já venha sendo modificada em decorrência da democratização do livro (FONSECA, 1982) e da utilização das novas tecnologias (MORIGI; PAVAN, 2004; MORIGI; SILVA, 2005); ela permanece a mesma e expressa o entendimento da sociedade sobre o bibliotecário, como alerta Almeida Júnior (2003).

Os posicionamentos diferentes, antagônicos, exacerbados acerca do profissional bibliotecário, pautados em exemplos expostos na literatura, nas artes plásticas ou em resultados de pesquisas empíricas ressaltam a relevância do tema. De todo modo, vê-se a importância e o imbricamento da imagem vigente do profissional com o seu fazer, com as mudanças na sociedade e com a sua representação social.

Giuseppe Arcimboldo, um pintor italiano que no século XVI concebeu a pintura de um bibliotecário, a partir dos elementos constitutivos da atividade desse profissional

na época. Livros empilhados formam o rosto, outro aberto imita o cabelo, lupas compõem os olhos, enquanto os bigodes e a barba imitam os pêlos de uma rena. Essa obra sinaliza o suporte da informação então vigente e indica que o bibliotecário imortalizado pelo pintor tinha o seu labor não apenas na análise do conteúdo (lupas), mas também concentrado nos cuidados com a limpeza dos mesmos, como sinalizam os pêlos de rena que eram utilizados para higienização dos materiais. (FONSECA, 1982).

A figura do bibliotecário e do documentalista em livros e filmes foi objeto de estudo de René Lemaitre (1982) no período de 1978 a 1982. Segundo esse autor a sociedade atribui ao profissional um rótulo que não o favorece e que os estereótipos, atribuídos ao longo do tempo, permanecem influenciando o público na construção da imagem do bibliotecário.

Outro aspecto tocado por Lemaitre (1982) trata da influencia que o desconforto sentido pelos escritores nas bibliotecas tem sobre a imagem do profissional. A galeria de bibliotecários loucos, obsessivos e inescrupulosos que atuam em ambientes desconfortáveis e insalubres leva esse autor a concluir que, nas visões encontradas no estudo, os bibliotecários são considerados pessoas de outro mundo, descendentes de monges copistas e feiticeiros, pessoas que em eras remotas preservaram o conhecimento. Quanto ao seu caráter, os bibliotecários analisados por Lemaitre são tímidos, apagados, desagradáveis, rudes, autoritários, preocupados com a preservação dos acervos e com o silêncio nas bibliotecas. A maior incidência de imagens veiculadas sobre os bibliotecários apresenta uma idéia negativa que termina por fixar, segundo esse autor, um padrão que desvaloriza o trabalho e estigmatiza os profissionais.

Um último exemplo da literatura trazido por Almeida Júnior (2003) é importante, pois enfoca um aspecto diferente da postura profissional dos bibliotecários. Esse exemplo refere-se a um romance policial, no qual o detetive dirige-se à biblioteca para pesquisar em jornais antigos. Por não ter cadastro na biblioteca ele foi demandado a provar que era policial e que estava em serviço para que pudesse entrar no ambiente. O catálogo físico localizava-se no porão da biblioteca, isso é, em um ambiente desconfortável no qual o policial perdeu um tempo considerável para localizar o que queria e para preencher os formulários requisitando o material para, por fim, acessar a informação que desejava. Além disso, esse processo foi totalmente mediado por uma bibliotecária mal humorada e indiferente, que se mantinha sentada à sua mesa tricotando.

No trecho destacado por esse autor, ressalta-se o desinteresse do profissional em atender o público, caracterizado pela morosidade, mau humor, autoritarismo, falta de comprometimento profissional e toda sorte de situações que frustram o usuário quanto às expectativas que ele tem de ver atendidas suas necessidades de informação por meio da mediação da biblioteca, o que acaba afastando os usuários das bibliotecas. Essa negação do modelo que se deveria ter em termos de atendimento nas bibliotecas, em nada fica a dever em relação ao que normalmente acontece em boa parte das bibliotecas brasileiras. O bibliotecário retratado desconhece o seu papel. Chama atenção a ausência do serviço de referência para orientar o usuário, como também da sinalização para localização ágil do usuário na biblioteca.

Posturas dessa natureza contribuem para a construção da imagem distorcida do fazer bibliotecário, reforçando o estereótipo que ressalta os aspectos negativos, não permitindo a visualização das realizações positivas e do potencial da ação bibliotecária, fixando a imagem imprópria e de negação do profissional como um agente social que atua na preservação, organização e mediação da informação.

Os filmes se apresentam como uma fonte inesgotável de imagens sobre os bibliotecários. Martin Raish (2008) mantém uma filmografia permanente sobre os bibliotecários no cinema, intitulada “*Librarians in the movies: an annotated filmography*” coligindo uma lista com mais de quinhentos filmes. Nessa relação existem produções que mencionam o bibliotecário apenas nos créditos e outras nas quais o profissional tem um papel destacado enquanto personagem atuante durante todo o filme. Nesse levantamento também são mencionadas produções em que as bibliotecas são utilizadas apenas para tomadas no interior do enredo.

Na pesquisa sobre a imagem do bibliotecário no cinema Soares e Freire (2005) de uma perspectiva semiótica analisaram os filmes “O último portal”, “O óleo de Lorenzo”, “Pagemaster, o mestre da fantasia” e “A múmia”. O suspense, o drama, a fantasia e a aventura, respectivamente, caracterizam essas produções. Assim, dependendo da temática, o bibliotecário retratado assume aspectos de heroísmo, simpatia, alienação e inteligência.

Os resultados dessa pesquisa chamam atenção para a presença do estereótipo profissional, os padrões de atendimento inadequados ainda que, dependendo do objetivo da película, o foco ressalte aspectos que incidem positiva ou negativamente sobre a representação do bibliotecário. A predominância feminina na profissão e o aspecto

pouco convidativo das bibliotecas também fizeram partes das conclusões de Soares e Freire.

Tanto dos livros quanto dos filmes emerge uma imagem estereotipada considerando que são recorrentes as roupas, os óculos e a postura alienada da realidade em concomitância com o marcante domínio e controle do acervo, chegando inclusive a impedir o acesso a informação pelo usuário. Essas características, quando combinadas ou citadas em separado, remetem para o que se denomina de estereótipo do profissional bibliotecário, o que é muitas vezes reforçado em figuras como as expostas abaixo. Que de certo modo, serviram de arquétipos para a re-elaboração de imagens que continuam sendo veiculadas sobre os bibliotecários.



Figura 2: A bibliotecária
Fonte: In: ALMEIDA JUNIOR, 2003.



Figura 3: O bibliotecário
Fonte: In: ALMEIDA JUNIOR, 2003.

De algum modo, parece anacrônico diante do contexto da “Sociedade da Informação” se fazer pontuações sobre o tema do estereótipo, trazendo como peça para a discussão as reproduções acima. Entretanto, ainda faz-se oportuna essa reflexão, já que há fortes indícios de que essas “figuras-modelo”, que com o passar do tempo são acrescidas de características ou suprimidas apenas de algumas outras características, prevalecem reforçando a imagem de guardião de livros. Essa foi a imagem mais presente nos livros e filmes dos quais se tratou nos estudos anteriores.

A imagem reproduzida nos diversos suportes de comunicação de massa, como ressalta Barbalho (2005, p.3), manifesta a representação presente no imaginário social. Cada vez que ela é veiculada acaba contribuindo para reforçar a visão já internalizada, seja ela positiva ou pejorativa como o são os preconceitos, que constituem o núcleo principal da formação dos estereótipos. Essa mesma autora considera que o veículo onde o fazer do bibliotecário é veiculado, de forma estereotipada, contribui para dar àquela representação o cunho de verdade. Desse modo, uma tirinha de jornal que apresenta o bibliotecário agredindo o usuário, pois não quer ter a sua leitura interrompida, exerce muito mais força no imaginário, já que nos jornais são publicadas notícias verdadeiras.

Na Idade Média, as atividades desse profissional estavam concentradas no *scriptorium*, sob a gerência do bibliotecário zelador, e compreendiam as ações de seleção, aquisição, processamento, armazenamento e preservação. O romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, tomado como referência daquele tempo histórico por Baptista e Brandt (2006), como também por Silveira (2008), permite a inserção no cenário medieval de uma discussão contemporânea acerca do acesso à informação. O fazer profissional do bibliotecário foi, ao longo dos séculos, sendo acrescido do apoio de diversos artefatos sem que, no entanto, isso tenha implicado em alterações substanciais para a sua imagem ou neutralização desse estereótipo, mantendo-se no imaginário social a idéia de bibliotecário como guardião de livros.

O estereótipo, segundo Roggau (2006) integra a representação social, porém enquanto esta se destaca pelo dinamismo, o estereótipo caracteriza-se pela rigidez e especificidade. Se por um lado o estereótipo torna-se uma barreira intransigente, que se mantém afetando a compreensão social do papel do bibliotecário, as mudanças do mundo contemporâneo e as atitudes e comportamentos desse profissional frente aos desafios postos pela sociedade atual podem repercutir positivamente nessa representação social da profissão já que, a característica dinâmica desta sinaliza para as possibilidades de expansão da compreensão da sociedade acerca desse fazer, mesmo que no conjunto dessa representação social, a força do estereótipo ainda se mantenha com alguma rigidez.

Assim, o foco mais importante dessas discussões, talvez devesse estar sob o sentido do fazer profissional, mais do que sobre as atividades especializadas propriamente ditas, ou ainda acerca do aparato tecnológico que as sustentam. Enfim, o debate mais promissor deveria concentrar-se na função social do profissional ou, como

destaca Targino (1997), na análise do fazer profissional do bibliotecário, focalizando o significado de suas atividades para ele próprio e para a sociedade.

A partir da compreensão da sua missão é que o bibliotecário poderá trabalhar as questões da sua auto-imagem, contribuindo para a construção de uma identidade positiva associada a maior visibilidade social. A missão é, portanto, a consciência íntima do lugar a ser ocupado pelo bibliotecário, bem como de qual é a sua contribuição para a sociedade.

Em 1935 a missão do bibliotecário foi enunciada por Ortega y Gasset nos seguintes termos: “Até hoje ela [a missão do bibliotecário] tem se ocupado principalmente do livro como coisa, como objeto material. A partir de hoje terá que cuidar do livro como função viva: terá de exercer a polícia do livro e tornar-se domador do livro enfurecido”.(2006, p. 39). A missão assim colocada estabelecia para os bibliotecários o papel de mediador entre o livro, hoje poderíamos dizer fonte de informação, e o leitor.

Essa mediação realizada pelo bibliotecário, na visão de Ortega y Gasset (2006) seria uma função com duas dimensões: a primeira sobre o controle da qualidade da informação publicada e a segunda sobre a mediação para leitura.

A função em potencial do bibliotecário para atuar no controle da produção da informação foi destacada no seguinte questionamento feito pelo autor:

Será demasiadamente utópico imaginar que em futuro não longínquo vossa profissão será incumbida pela sociedade de regular a produção do livro, a fim de evitar que se publiquem os que forem desnecessários, e que, em compensação, não falem aqueles que são exigidos pelo conjunto de problemas vivos de cada época? (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 43-44).

Essa suposição, como comenta Briquet de Lemos nessa crítica anexa ao livro de Ortega Y Gasset, nas páginas p.65 a 70, foi interpretada por muitos autores como uma supressão da liberdade de expressão e também uma função de difícil realização. Na época em que foi proferida a “Missão do bibliotecário” a facilidade na produção do livro, em proporções torrenciais, segundo Ortega y Gasset (2006, p. 45), prejudicava o trabalho bibliotecário e a apreensão do conhecimento, já que nesse contexto passou a existir uma grande quantidade de livros sem conteúdo significativo, tornando a quantidade de publicações sem qualidade prejudicial à construção e à apreensão do conhecimento.

A segunda dimensão da missão se insere na orientação dos usuários, contribuindo de forma essencial para aquilo que o filósofo denominou de “estatística das idéias”, que nada mais é do que o esforço que a sociedade realiza para identificar e mensurar o estado da arte das ciências, que sem o apoio de um profissional especializado como o bibliotecário, torna-se de difícil concretização

Essa enorme tarefa jamais poderá ser concretizada, a não ser que o bibliotecário trate de reduzir sua dificuldade [da tarefa], na medida do que seja de sua competência, liberando de esforços inúteis as pessoas cuja triste missão é e deve ser ler muitos livros, tantos quantos for possível: o naturalista, o médico, o filólogo, o historiador. (ORGETA Y GASSET, 2006, p.42).

Guardadas as devidas proporções, a característica do excesso de informação, produzida, difundida e consumida através do ciberespaço insere na contemporaneidade o pensamento do filósofo espanhol. Essa missão explicitada para os bibliotecários sinaliza o devir do fazer profissional da categoria, ou ao menos indica a importância de se ter consciência sobre os fundamentos a partir dos quais se deveriam estabelecer as competências e as habilidades, a serem alinhadas, permitindo que a formação do bibliotecário lhe dê as condições de realizar o trabalho da organização e do acesso à informação, compreendendo a dimensão social desse fazer profissional.

Nesse sentido a missão do bibliotecário apontada por Ortega Y Gasset (2006) coaduna-se com os princípios elaborados por Shialy Ramamrita Ranganathan em 1928 e publicados três anos depois, que conforme Sebastião de Souza (1986) apresenta a possibilidade de se teorizar sobre o fazer biblioteconômico. Verificando-se a sinergia entre as abordagens de Ortega Y Gasset e Ranganathan, pode-se defender que esses dois autores ofereceram construtos que podem sustentar a elaboração da auto-imagem do bibliotecário, interferindo positivamente na sua identidade e visibilidade social.

Existe também uma confluência de idéias entre o pensamento de Ortega y Gasset e o de Paul Otlet, outro pensador importante para a área, quando ela fala da “estatística de idéias” (2006, p.42), prevendo que para essa atividade seria necessária “[...] uma nova técnica bibliográfica de um automatismo rigoroso.” Assim, o filósofo espanhol se alia ao advogado belga pensando nos instrumentos necessários para o processamento e difusão da informação.

Quando retoma a missão do bibliotecário formulada por Ortega y Gasset relacionando-a com a peça “*Travesties*”, Miranda (1979) estabelece claramente quem é

o profissional antevisto por aquele autor. A peça de autoria de Tom Stoppard enfoca o trabalho da bibliotecária “Cecily” junto a três usuários ilustres na Zurique de 1917. Atendendo as necessidades de informação de James Joyce, Lenine e Tristan Tzara, a bibliotecária Cecily demonstrou saber qual a importância do seu papel social na mediação entre o seu usuário e a informação.

Miranda destaca, na sua análise, que a bibliotecária Cecily exerce as funções de um bibliotecário de referência, realiza a orientação bibliográfica, contribui de forma efetiva para a formação e o desenvolvimento do acervo, já que conhece as necessidades de informação de seus usuários. Como destaca Miranda (1979, p. 13), um profissional como Cecily não corresponde ao

[...] bibliotecário que se esconde detrás das estantes e perde contato com o público não o entende, não sabe de suas necessidades, não tem condições de entendê-lo e amá-lo. «Leitor» para ele é uma abstração. [...] «Leitor para o bibliotecário-detrás-do-balcão é uma figura amorfa, uma criação literária, de livro-de-texto, que se compreende no todo mas não se entende no particular [...]

A seleção, organização e guarda do livro, na fala de Ortega y Gasset, tem como objetivo primeiro a disseminação e o acesso à informação, para dar aos homens da atualidade a oportunidade de retomar a geração do conhecimento a partir do que já foi produzido por outros homens e mulheres que lhe antecederam. Miranda destaca que as necessidades do acesso e da organização da informação são imutáveis nas demandas sociais, indicando, portanto, a utilidade do fazer bibliotecário e a possibilidade de permanência e valorização da profissão.

O bibliotecário do futuro antevisto por Ortega y Gasset teria a função de orientar as leituras dos usuários na grande massa documental existente, que ele comparava a uma “*selva selvaggia* dos livros”, analisando que a função do bibliotecário transcende a mera administração de estoques informacionais. A função do bibliotecário fixada por Ortega y Gasset contempla todas as facetas do fazer bibliotecário e não apenas na instrução bibliográfica do usuário.

Por outro lado, Ortega y Gasset (2006, p. 3-5) extrapola o âmbito das competências profissionais quando fala em missão do bibliotecário, ressaltando que esta “[...] significa, antes de tudo, aquilo que um homem deve fazer em sua vida. [...]” De modo que todos os seus atos brotem da antecipação que for capaz de fazer sobre o seu destino, derivando suas ações de um programa geral estabelecido para a sua existência. Ao alertar sobre isso, esse autor aponta para a necessidade do auto-conhecimento, a partir do qual o bibliotecário poderá compreender as relações que se estabelecem entre

ele e o seu fazer no mundo do trabalho. Isso porque, como disse Ortega y Gasset (2006, p. 8),

[...] a vida é trabalho. Sim, a vida dá muito trabalho, e, o maior de todos, acertar fazer o que é preciso fazer. Para isso olhamos à nossa volta ou ambiente social e verificamos que está constituído por um tecido de vidas típicas, isto é, de vidas que apresentam certas linhas gerais em comum.

Quando o autor faz essa análise, ele destaca a trajetória que une a singularidade do fazer de cada profissional e o perfil da sua categoria com o objetivo de atender as demandas sociais para sua área, isto é, “[...] a missão do homem, o que cada homem deve fazer para ser o que é, e a missão profissional, em nosso caso a missão do bibliotecário, o que o bibliotecário deve fazer para ser um bom bibliotecário.” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.12).

Isso sinaliza que os estudos sobre o fazer bibliotecário, sobre seu papel social na atualidade, sobre a sua imagem, a formação e o perfil profissional esperado para atender às necessidades da sociedade exigem que também se observe e analise a auto-imagem que esse profissional possui, enfim o seu auto-conhecimento que é traçado a partir da sua capacidade de compreensão das necessidades que a sociedade lhe apresenta, de avaliação da capacidade de sua formação acadêmica alcançar o perfil profissional desejado e buscar uma educação continuada para superar possíveis limites.

Esse auto-conhecimento pode permitir que o fazer bibliotecário possa vir a ser aprimorado, melhorando a auto-estima e a valorização profissional, já que assim potencialmente tenderá a se aproximar mais do que se espera dele.

Quando a compreensão do bibliotecário acerca das necessidades da sociedade, dos limites e possibilidades de sua formação acadêmica e da educação continuada, como também do seu perfil profissional, é precária, sua auto-imagem pode ficar distorcida, o que pode influenciar na sua percepção, distorcendo-a, e também na execução do seu fazer profissional, que tenderá a se afastar do cerne da missão social do bibliotecário de mediar o acesso e a apropriação da informação pelo usuário. Sendo assim, justificou-se a realização deste estudo que pretendeu identificar a auto-imagem do bibliotecário, tomando-se como universo de investigação aqueles profissionais que atuam em bibliotecas escolares, especializadas, públicas e universitárias que atuam na Cidade de Salvador.

3 MÉTODO

A metodologia fornece as ferramentas para alcançar os objetivos delimitados pelo pesquisador. Lakatos e Marconi (2006) afirmam que a metodologia científica não é exclusividade da ciência, porém não existe ciência sem um modo próprio de operar sistemática e racionalmente. Neste sentido, este capítulo aborda o método, as técnicas de coleta de dados, o instrumento e os procedimentos desta pesquisa.

Quanto ao seu nível o estudo se caracterizou como descritivo com adoção do método *survey*. As técnicas para coleta de dados selecionadas foram as da aplicação de questionário e realização de grupo de foco com uma sub-amostra de bibliotecários selecionados a partir da análise dos questionários respondidos.

3.1 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

Considerando o objetivo deste estudo optou-se por fazê-lo nos ambientes mais tradicionais e que, pelo contingente da mão-de-obra alocada, são também os mais representativos da prática biblioteconômica. Desse modo, foi definido como universo da pesquisa o conjunto dos bibliotecários que atuam nas bibliotecas universitárias, especializadas, públicas e escolares da Cidade de Salvador.

A restrição da pesquisa a uma única cidade foi intencional por ser essa a capital do estado, local onde ocorre a formação dos bibliotecários baianos e também onde se encontra o maior contingente profissional. Além disso, em razão do tempo determinado para realização da pesquisa no plano empírico, o fator da acessibilidade mais rápida do pesquisador junto a esses profissionais reforçou a importância da escolha da Cidade de Salvador.

Inicialmente foi realizado um levantamento junto ao Conselho Regional de Biblioteconomia 5ª Região sobre a quantidade de profissionais em atividade. Diante da impossibilidade de atingir os 630 bibliotecários que constituíam o universo total dos profissionais foram elaborados critérios norteadores para amostragem do estudo.

3.1.1 Critérios da seleção da amostra

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/1996, o ensino no Brasil está organizado em público e privado. Sendo públicas as

instituições geridas e mantidas pela União, o Estado e o Município e privadas aquelas estritamente particulares, as comunitárias, as confessionais e as filantrópicas. (BRASIL, 1996). Seguindo essa orientação foram selecionadas as bibliotecas universitárias e escolares existentes nas instituições públicas e particulares. O segmento das bibliotecas comunitárias não foi contemplado, pois a forte possibilidade da inexistência de profissional atuando nas mesmas poderia inviabilizar a pesquisa.

Para definição das bibliotecas universitárias foram utilizados os critérios de antiguidade das instituições, de quantidade de cursos oferecidos e de alunos matriculados. O período de existência das instituições de ensino superior foi considerado importante devido ao grande número de faculdades existentes em Salvador de recente instalação, sem alunos egressos e com grande precariedade e rotatividade de bibliotecários.

Na categoria de ensino superior público foram selecionadas as bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), que são as instituições existentes em Salvador dentro dessa categoria. A Universidade Católica de Salvador (UCSAL), a Universidade Salvador (UNIFACS) e a Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) constituíram o grupo das bibliotecas de instituições privadas de ensino superior.

As bibliotecas escolares selecionadas foram as inseridas em colégios voltadas ao ensino médio, considerando-se a maior especificidade dessas unidades de informação em relação às do ensino fundamental, ao contingente de alunos matriculados e à representatividade dos colégios, tanto na esfera pública quanto na privada. Assim sendo, entre as bibliotecas de colégios públicos foram escolhidos os colégios Odorico Tavares, Deputado Manuel Novaes e Mario Augusto Teixeira de Freitas. Entre os particulares foram selecionados os colégios Antonio Vieira, São Paulo e o Anchieta de Salvador e a Escola Comendador Bernardo Catarino, mantida pelo Sistema da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB).

Dentre as bibliotecas públicas foram selecionadas a Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), a Biblioteca Thales de Azevedo (BTA) e a Biblioteca Juraci Magalhães Júnior (BJMJR) coordenadas pela Diretoria de Bibliotecas Públicas do Estado da Bahia (DIBIP). As demais bibliotecas escolhidas nessa categoria foram a Biblioteca Municipal Edgard Santos da esfera municipal e a Fundação João Fernandes da Cunha mantida pela iniciativa privada.

Entre as bibliotecas especializadas, foram selecionadas as localizadas em órgãos públicos de marcada inserção social e as dedicadas a ramos específicos do conhecimento humano. Desse modo, foram escolhidas as bibliotecas do Ministério Público da União, do Ministério Público do Estado da Bahia, da Procuradoria Regional do Trabalho, do Instituto Pedro Ribeiro de Administração Judiciária (IPRAJ), da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), da Fundação Gregório de Matos e do Instituto do Meio Ambiente (IMA). As bibliotecas da PETROBRAS e da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) foram escolhidas no segmento privado da economia.

Os contatos realizados para identificação do número de bibliotecários foram informais através de solicitação pessoal ou por telefone junto a dirigentes das vinte e sete instituições selecionadas, quando se identificou um total de duzentos e trinta e cinco bibliotecários. Entretanto, frente à escassez de tempo dos bibliotecários ou de recusas, da parte deles, em participar da pesquisa, a amostra ficou delimitada em 136 profissionais, sendo que desses, 16 não concordaram em autorizar formalmente a utilização das informações prestadas, tendo a mostra sido finalmente composta por 120 bibliotecários de 26 instituições conforme demonstrado no Quadro 1.

| TIPOS DE BIBLIOTECAS | INSTITUIÇÕES | BIBLIOTECÁRIOS |
|----------------------|---|----------------|
| Universitárias | UFBA | 47 |
| | UNEB | 5 |
| | UCSAL | 2 |
| Especializadas | Ministério Público da União | 1 |
| | Ministério Público do Estado da Bahia | 2 |
| | Procuradoria Regional do Trabalho | 2 |
| | IPRAJ | 2 |
| | Fórum Rui Barbosa | 1 |
| | Tribunal de Justiça do Estado da Bahia | 4 |
| | Instituto do Meio Ambiente | 1 |
| | SEI | 2 |
| | Petrobras | 4 |
| | CAR | 1 |
| | Fundação Gregório de Matos | 5 |
| | SENAI | 1 |
| Públicas | Biblioteca Pública do Estado da Bahia | 23 |
| | Biblioteca Juraci Magalhães Júnior | 4 |
| | Biblioteca Thales de Azevedo | 3 |
| | Biblioteca Municipal Edgard Santos | 1 |
| Escolares | Colégio Odorico Tavares | 2 |
| | Colégio Deputado Manoel Novaes | 1 |
| | Colégio Mario Augusto Teixeira de Freitas | 2 |
| | Colégio Anchieta | 1 |
| | Colégio São Paulo | 1 |
| | Escola Comendador Bernardo Catarino | 1 |
| | Colégio Antonio Vieira | 2 |
| Total | 26 | 120 |

Quadro 1 – Amostra válida da pesquisa.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.2.1 Questionário

O questionário adotado como instrumento para coleta dos dados foi composto por cinco seções, perfazendo o total de trinta questões. (Apêndice A). A decisão de mesclar perguntas abertas e fechadas no instrumento alinhou-se à necessidade de auferir fatos concretos, mas também, percepções e sentimentos dos sujeitos quanto ao tema e suas práticas e percursos profissionais.

Foi realizado pré-teste para avaliação e validação do instrumento de pesquisa junto a um público que reproduziu, em pequena escala, as características da amostra sem, no entanto, dela fazer parte oficialmente. A avaliação desses questionários levou a supressão de alguns itens e reformulação de outros, procurando-se manter a unidade de conteúdo e propósito do instrumento, dotando-o, porém, de maior clareza.

A apresentação dos temas obedeceu à seguinte disposição: identificação do respondente, formação profissional, educação continuada, atuação profissional e a percepção sobre a imagem do bibliotecário.

Terminada a parte das questões propriamente dita, o instrumento solicitava dos respondentes a autorização para utilização dos dados coletados na dissertação (Apêndice B) alinhando o estudo aos compromissos éticos da pesquisa científica. A não assinatura desse termo ocasionou a retirada de 16 questionários da amostra.

3.2.2 Grupo de foco

A realização do grupo de foco atendeu à necessidade de aprofundar a abordagem qualitativa do estudo sobre a auto-imagem do bibliotecário. Obedecendo a temática do público e privado presente na amostra principal, procurou-se, dentre os respondentes do questionário aqueles que imprimiram no discurso maior eloquência, bem como os mais refratários ao tema, assim foram contatados oito profissionais, dois de cada sub-amostra ligada aos diversos tipos de bibliotecas focalizadas, já estabelecendo desse modo, um quadro reserva para a realização da técnica. Os convites foram feitos por telefone e presencialmente, esclarecendo-se sobre o propósito do grupo de foco, como ele seria realizado e procurando agendar uma data e horário de consenso. Dos oito bibliotecários convidados, seis se comprometeram a participar, entretanto, somente três deles

compareceram e participaram do grupo de foco, que foi realizado no dia 10 de dezembro de 2008, em uma sala de aula do programa de Pós-Graduação do Instituto Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.

Desses três bibliotecários, dois atuam em biblioteca universitária e um em biblioteca especializada das esferas do serviço público federal e municipal respectivamente. A sessão, iniciada às 19 horas, teve duração de uma hora e quinze minutos e foi gravada em DVD por um profissional contatado para a função

O roteiro que orientou a discussão do grupo constou de cinco tópicos que trataram dos seguintes temas: as alterações na forma de atuação do bibliotecário na atualidade, a visibilidade e a imagem do bibliotecário. (Apêndice C).

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados teve como antecedente o contato com os gestores das instituições selecionadas informando sobre a pesquisa e solicitando autorização, através de um documento formal para aplicação do questionário junto ao (s) bibliotecário (s) da instituição (Apêndice D). O documento solicitou a colaboração para a pesquisa e reiterou os compromissos éticos quanto ao sigilo da identificação e a forma como os dados, se citados literalmente, apareceriam na dissertação. Concluída essa etapa foi realizado o contato com os profissionais para verificar a melhor data ou horário para aplicação dos questionários, que foi efetuada pela própria pesquisadora, sendo que os respondentes tiveram guardada sua privacidade para responder as questões.

3.4 PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O processo de tratamento e avaliação dos dados envolveu a numeração dos questionários, leitura para determinação das categorias de análise, criação do banco de dados no *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão quinze e alimentação do banco e emissão de relatórios que subsidiaram a elaboração da tabelas.

As respostas abertas foram transcritas e receberam particular atenção. Inicialmente para, através das semelhanças dos discursos, realizar o tratamento quantitativo através do SPSS. Em uma segunda etapa foram identificadas as respostas, ainda que não recorrentes, apresentassem informações de caráter mais qualitativo que pudessem apontar aspectos mais detalhados e/ou relevantes das percepções dos

bibliotecários. Finalmente, na terceira etapa as questões discursivas, especialmente as da quinta seção do instrumento, nortearam a escolha dos participantes para realização do grupo de foco.

Já a análise das informações obtidas através da realização do grupo de foco demandou audição da fita para sua transcrição, objetivando o tratamento qualitativo e comparação com as idéias presentes nos registros produzidos a partir da coleta feita através do questionário.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da coleta de dados. Efetuada através da aplicação de questionários e da realização de grupo de foco, a coleta auferiu dados quantitativos e qualitativos.

Buscou-se aproveitar as informações na mesma seqüência lógica em que foi estruturado o questionário. Além disso, à medida que um dado obtido por meio deste instrumento tenha sido reafirmado pelos participantes do grupo focal, será apresentado articulado aos dados tratados quantitativamente.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS

Verificou-se que dos 120 bibliotecários participantes da amostra, 112 são do sexo feminino (94,0%) enquanto apenas 8 (6,0%) deles são do sexo masculino. Esse dado corrobora a abordagem da categoria de gênero para estudo dos bibliotecários, ainda que, nas últimas décadas a afluência de homens nos cursos de Biblioteconomia tenha aumentado.

Quanto à idade dos 120 participantes, 108 registraram essa informação. A distribuição se deu por agrupamento em faixas etárias. Desse modo, percebe-se que 42 bibliotecários estão na faixa de 47 a 57 anos representando 38,5% do total. A segunda faixa etária mais indicada corresponde ao intervalo de 36 a 46 anos (35 bibliotecários - 32,1%). Uma terceira parcela dos respondentes agrupou 17 bibliotecários (15,6%) que se encontram na faixa de 25 a 35 anos, conforme a Tabela 1.

Tabela 1
Distribuição percentual dos bibliotecários por idade

| Idade | Nº. de participantes | % |
|------------------------------|-----------------------------|----------------|
| 25 a 35 | 17 | 15,6 |
| 36 a 46 | 35 | 32,1 |
| 47 a 57 | 42 | 38,5 |
| 58 a 68 | 14 | 12,8 |
| Acima de 68 | 1 | 0,9 |
| Total de respondentes | (109) | (100,0) |

Esse resultado nos leva a concluir que existe certo equilíbrio na distribuição etária dos profissionais atuantes na Cidade de Salvador. Por outro lado, somando-se os valores da primeira e da segunda categoria, verifica-se que 77 (70,6 %) dos respondentes apresentam uma idade que varia entre 36 e 57 anos. Isso sugere que uma

parcela expressiva desses respondentes detém certa maturidade, o que nos leva a inferir que os bibliotecários mais jovens talvez estejam alocados em outros segmentos do mercado profissional ou em processos de ingresso nele.

No que tange à distribuição por tipo de biblioteca pode-se verificar que dentre os participantes 54 (45,0 %) atuam em bibliotecas universitárias, enquanto que 30 (25,0%) trabalham nas públicas. Já 26 (21,7%). Trabalham em bibliotecas especializadas e 10 estão inseridos em bibliotecas escolares, representando 8,3% da amostra, conforme os dados da Tabela 2.

Tabela 2
Distribuição percentual dos bibliotecários por tipo de biblioteca

| Tipos de bibliotecas | Nº. de participantes | % |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------|
| Escolares | 10 | 8,4 |
| Especializadas | 26 | 21,7 |
| Públicas | 30 | 25,0 |
| Universitárias | 54 | 45,5 |
| Total | 120 | 100,6 |

Os profissionais trabalham, ao mesmo tempo, em bibliotecas escolares e em outras bibliotecas como as universitárias, públicas e especializadas, em outro regime de trabalho. Essa prática sinaliza a fragilidade das bibliotecas escolares em assegurar a fixação dos profissionais em tempo integral, e também do próprio mercado de trabalho baiano em termos de retorno financeiro positivo capaz de sustentar a dedicação exclusiva dos profissionais.

Outro aspecto que se procurou observar foi o da formação profissional dos bibliotecários. Estes informaram o período de conclusão do curso e assinalaram opções previamente oferecidas quanto ao nível de satisfação com a formação, bem como sobre os fatores que contribuíram para a mesma.

Quanto a data de conclusão do curso de Biblioteconomia o maior contingente de respondentes, 26 bibliotecários (22,8%) concluíram o curso entre os anos de 1984 e 1989. A segunda maior categoria indicada, 22 profissionais (19,3%), teve sua graduação concluída no período de 1978 a 1983 e 20 deles (17,5%) concluíram o curso entre 2002 e 2008, como expresso na Tabela 3. Esse resultado expressa que no mercado baiano atuam tanto profissionais de grande experiência quanto os recém formados.

Tabela 3
Distribuição percentual quanto à data de conclusão de curso

| Datas | Nº. de respostas | % |
|------------------------------|-------------------------|----------------|
| Anterior a 1978 | 14 | 12,3 |
| 1978 – 1983 | 22 | 19,3 |
| 1984 – 1989 | 26 | 22,8 |
| 1990 – 1995 | 16 | 15,8 |
| 1996 – 2001 | 13 | 11,4 |
| 2002 – 2008 | 20 | 17,5 |
| Posterior a 2008 | 1 | 0,9 |
| Total de respondentes | (114) | (100,0) |

A formação acadêmica obtida na graduação em Biblioteconomia foi considerada satisfatória por 44 dos respondentes (36,7%). As avaliações que consideraram o curso não satisfatório (4,2 %) e por fim relativamente satisfatório (59,2 %) foram assinaladas pela somatória de 76 pessoas, representando 63,4% do total da amostra, como demonstra a Tabela 4.

Tabela 4
Distribuição percentual quanto à avaliação do curso de Biblioteconomia

| Avaliação | Nº. de respostas | % |
|-------------------------------|-------------------------|----------------|
| Satisfatório | 44 | 36,7 |
| Não satisfatório | 5 | |
| Relativamente satisfatório | 71 | |
| Total de participantes | (120) | (100,1) |

Quando solicitados para justificar a avaliação satisfatória da sua graduação, 22 bibliotecários se omitiram dessa justificativa. Os 22 restantes justificaram com os seguintes argumentos:

- a) o curso proporcionou conhecimento básico (17 respondentes - 77,3%);
- b) o curso atendeu as expectativas (4 respondentes - 18,2%);
- c) a atuação positiva dos professores (1 respondente - 4,5%).

Tais argumentos permitem a inferência de que a formação, para esses bibliotecários, tem a função de fornecer conceitos básicos que possibilitem a agregação de outros conhecimentos ao longo da vida profissional.

Quanto à insatisfação com a graduação em Biblioteconomia os argumentos apontados indicaram a precariedade de recursos (32 respondentes - 57,1%); o despreparo de professores (14 respondentes - 25,0%); a defasagem do currículo foi apontada (9 respondentes - 16,1%) e por fim sobre a carência de atividades práticas (1 respondente - 1,8%), conforme a Tabela 5.

Tabela 5
Distribuição percentual das justificativas quanto ao nível de insatisfação com o curso de graduação

| Justificativas | Nº. de respostas | % |
|---------------------------------|-------------------------|----------------|
| Precariedade de recursos | 32 | 57,1 |
| Professores despreparados | 14 | 25,0 |
| Currículo defasado | 9 | 16,1 |
| Carência de atividades práticas | 1 | 1,8 |
| Total de respondentes | (56) | (100,0) |

Os argumentos apontados refletem o descontentamento com a formação pelo sentimento de que o ensino não acompanha as mudanças do mercado. A academia pela sua estrutura, deficiências conjunturais, lentidão em processar as mudanças parece estar sempre defasada em relação ao mercado. Seu compromisso com a formação, por outro lado, para formar mão-de-obra qualificada, crítica e preparada para as mudanças, não pode ser refém de modismos. Necessário é, portanto, pensar nesses pontos para que possam ser mais bem trabalhados, encontrando a justa medida entre preservação de princípios e inovação. Através da educação continuada e da realização de leituras técnicas, o profissional busca oportunidades para suprir essas lacunas.

Entre os fatores que favoreceram a formação acadêmica desses bibliotecários destacaram em primeiro lugar os estágios extracurriculares com 110 ocorrências perfazendo o percentual de 67,0%. As aulas teóricas foram assinaladas por 64 desses profissionais (45,0%), enquanto que as aulas práticas foram apontadas por 56 participantes, correspondendo a 46,7% da amostra conforme a Tabela 6.

Tabela 6
Distribuição percentual dos fatores indicados que contribuíram para a formação profissional

| Fatores | Nº. de respostas | % |
|--|-------------------------|----------|
| Estágios extracurriculares | 110 | 91,7 |
| Aulas teóricas | 64 | 53,4 |
| Aulas práticas | 56 | 46,7 |
| Eventos indicados pelo curso | 41 | 34,2 |
| Eventos promovidos pelo curso | 34 | 28,4 |
| Participação em pesquisas docentes | 11 | 9,7 |
| Professores, chefes, bibliotecários já formados | 5 | 4,2 |
| Outras atividades profissionais (estudo de História, docência, auxiliar de biblioteca) | 3 | 2,5 |
| Influência familiar | 2 | 1,7 |
| Interdisciplinaridade do curso | 2 | 1,7 |
| Leituras auto-motivadas | 2 | 1,7 |
| Desejo de ter nível superior | 1 | 0,8 |
| Total de participantes | (120) | |

Os três fatores de maior ocorrência nessa questão chamam a atenção para a necessidade de uma formação que tenha como faces da mesma atividade a teoria e a prática. Uma não deve ser alijada pela outra. O estágio tem assumido o papel do laboratório, por vezes inexistente no ensino acadêmico.

As participantes do grupo focal consideraram o estágio como fundamental para o aprendizado tanto das técnicas quanto das práticas profissionais. O conhecimento dos princípios e do caráter social e humanístico da profissão, por outro lado, derivou-se das aulas teóricas (2 – 66,0%). Sobre esses aspectos as participantes recordaram e citaram o empenho de professores que procuraram dar uma noção da profissão.

Os estágios oferecidos pelas instituições antes da preocupação com a formação dos profissionais significam uma ação de corte de despesas com a contratação de mão-de-obra estudantil, portanto, mais barata em detrimento da contratação de pessoal especializado. Essa motivação se evidencia, inclusive, com a alocação de estudantes em unidades de informação onde não há profissionais para orientá-los. Também há

situações nas quais os estagiários cumprem a função de auxiliares de biblioteca, restringindo a sua aprendizagem no estágio.

Por outro lado, os estágios são para o estudante oportunidades de suprir carências econômicas, sendo uma fonte de renda e, por fim, uma possibilidade de conviver em bibliotecas, centros de documentação onde há melhores condições de infraestrutura material, humana e de recursos. Nessa questão, portanto, estão presentes aspectos éticos sociais e simbólicos importantes a serem considerados.

Quanto à graduação em outro curso de nível superior houve a ocorrência de 16 respondentes representando 13,3% dos participantes da amostra. Os cursos que apresentaram maior percentual foram os seguintes: História e Matemática, ambos com três respondentes e 18,8% de percentual e em segundo lugar o curso de Artes Plásticas com duas ocorrências e percentual de 12,5%, como expresso na Tabela 7.

Outro dado apresentado nessa distribuição que parece relevante é de que a maioria dos cursos demonstra que a graduação anterior ou posterior à de bibliotecário não se distanciou da área das Ciências Sociais, salvo as três exceções representadas pelos cursos de Artes Plásticas (2 – 12,5%), Letras Vernáculas (1 – 6,3%) e Matemática (1 – 6,3%).

Tabela 7
Distribuição percentual dos outros cursos de nível superior realizados pelos bibliotecários

| Área do curso | Nº de respostas | % |
|------------------------------|------------------------|----------|
| Administração pública | 1 | 6,3 |
| Artes plásticas | 2 | 12,5 |
| Arquivologia | 1 | 6,3 |
| Ciências sociais | 1 | 6,3 |
| Direito | 1 | 18,8 |
| História | 3 | 18,8 |
| Matemática | 1 | 6,3 |
| Pedagogia | 3 | 6,3 |
| Psicologia | 1 | 6,3 |
| Letras vernáculas | 1 | 6,3 |
| Serviço social e Direito | 1 | 6,3 |
| Total de respondentes | (16) | |

A pesquisa não se deteve para analisar, caso a caso, as razões que determinaram a busca dessas outras graduações, bem como se as mesmas ocorreram antes ou depois da graduação em Biblioteconomia. O relato de uma participante do grupo focal, no entanto, coloca que a dificuldade de inserir-se como psicóloga no mercado de trabalho, levou-a aos estudos biblioteconômicos, face ao maior nível de empregabilidade desse ramo profissional no mercado de trabalho, ainda na fase de graduação.

Inferese, pois, que a rápida absorção dos bibliotecários pelo mercado motive a escolha dessa profissão, seja como uma primeira opção vocacional ou como medida para superar o desemprego, embora na atualidade, a formação em graduação não se constitua, por si só em uma garantia de emprego.

Já em relação aos cursos de educação continuada, a maioria dos participantes da amostra (87 – 72,5%) informou ter participado desse nível de curso. Quanto aos níveis dos cursos e ao estágio de andamento dos mesmos a Tabela 8 demonstra que o nível de especialização foi o mais pontuado tendo sido apontado por 58 respondentes (48,2%), em segundo lugar foram indicados os cursos de atualização e aperfeiçoamento (54 – 45,0%) e, por fim, o nível de mestrado (9 – 7,5%).

No nível da especialização a maioria dos respondentes informou já ter concluído o curso (46 – 79,3%) enquanto que nos cursos de atualização e aperfeiçoamento o índice de conclusão foi de (45 – 83,3%). Já no nível do mestrado (6 – 66,7%) dos bibliotecários concluíram o curso, conforme a Tabela 8

Tabela 8
Distribuição percentual da participação em cursos de educação continuada

| <i>Nível de qualificação</i> | Tipo de participação | | | | | | |
|------------------------------|-----------------------------|------|-----------------|------|---------------|-------------|---------|
| | Concluído | | Em curso | | Totais | | |
| | N | % | N | % | N | % por nível | % Total |
| Atualização/aperfeiçoamento | 45 | 83,3 | 9 | 16,7 | (54) | 45,0 | (100,0) |
| Especialização | 46 | 79,3 | 12 | 20,7 | (58) | 48,2 | (100,0) |
| Mestrado | 6 | 66,7 | 3 | 33,3 | (9) | 7,5 | (100,0) |
| Total de respostas | (121) | | | | | | |

O conceito de educação ao longo da vida profissional parece já ter sido incorporado pelos bibliotecários como evidencia os resultados dessa distribuição. A especialização como o nível de maior ocorrência, 79,3%, representa um aporte

importante tanto para as bibliotecas onde esses profissionais atuam quanto, evidentemente para as carreiras pessoais da cada um. Nesse sentido, a mensuração das áreas desses cursos permite uma visão mais acurada sobre a especificidade da qualificação dos bibliotecários.

No nível da atualização/aperfeiçoamento o tema mais indicado foi Informática, abordando acesso a base de dados, redes, sistemas de informação, internet (19 – 34,0%). Em seguida ficaram os temas relacionados à Biblioteconomia (14 – 25,0%). E, por último, ficou o estudo de inglês e espanhol (5 – 8,9%), conforme os dados da Tabela 9.

Tabela 9
Distribuição percentual de temas dos cursos de atualização/aperfeiçoamento
freqüentados pelos bibliotecários

| Temas | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|--------------|
| Administração pública | 4 | 7,1 |
| Arquivologia | 4 | 7,1 |
| Educação | 1 | 1,8 |
| Educação e biblioteca públicas e escolares | 1 | 1,8 |
| Educação e cultura | 1 | 1,8 |
| Gênero e diversidade | 1 | 1,8 |
| Gestão da informação | 3 | 5,3 |
| Gestão eletrônica de documentos | 2 | 3,5 |
| Informática (bases de dados, redes e sistemas de informação, internet) | 19 | 34,0 |
| Linguagem Braille | 1 | 1,8 |
| Línguas estrangeiras (espanhol, inglês, francês etc.) | 5 | 8,9 |
| Temas intrínsecos à Biblioteconomia (representação e organização da informação, formação do usuário, conservação etc.) | 14 | 25,0 |
| Total de respostas | (56) | (100) |

Nessa distribuição vimos que há, diante do contexto contemporâneo, uma busca pela área da Informática, nos aspectos em que essa contribui para a área da Biblioteconomia, cujos temas relacionados vieram logo em seguida na preferência dos bibliotecários que buscam a educação continuada. Os temas presentes estão em consonância com o nível da qualificação, como o estudo de línguas estrangeiras e o

enfoque em aspectos característicos das bibliotecas e do seu público como gênero, diversidade e a linguagem Braille. Por outro lado, os dados referentes à área da Educação se inserem nas necessidades do bibliotecário em se qualificar como educador ou agente mediador da informação e da cultura. Já a busca de cursos que tratam do tema da gestão se relaciona ao objetivo do bibliotecário se preparar cada vez mais para atuar na gestão da informação, de unidades e serviços informacionais.

Tal interesse temático também se verifica no nível da especialização, no qual a área da Administração, mais especificamente sobre gestão pública obteve a maior ocorrência de indicações (18 – 25,3%), seguidos de Arquivologia apontada por 7 bibliotecários (9,8%) e pela metodologia do ensino superior (6 – 8,4%) conforme demonstra a distribuição da Tabela 10.

Tabela 10
Distribuição percentual dos temas dos cursos de especialização frequentados pelos bibliotecários

| Temas | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|----------------|
| Administração pública | 18 | 25,3 |
| Administração pública e gestão universitária | 2 | 2,8 |
| Arquivologia | 7 | 9,8 |
| Arte e patrimônio cultural | 1 | 1,4 |
| Biblioteca escolar | 1 | 1,4 |
| Biblioteca e sociedade | 1 | 1,4 |
| Biblioteca universitária | 2 | 2,8 |
| Biblioteconomia na área médica | 1 | 1,4 |
| Ciência da informação | 3 | 4,2 |
| Educação | 5 | 7,0 |
| Engenharia e gestão do conhecimento e da informação | 2 | 2,8 |
| Engenharia, gestão do conhecimento e inteligência competitiva | 3 | 4,2 |
| Filosofia | 2 | 2,8 |
| Gerenciamento de bibliotecas escolares | 1 | 1,4 |
| Gestão da informação | 4 | 5,6 |
| Gestão de pessoas | 2 | 2,8 |
| Informação tecnológica | 1 | 1,4 |
| Informática | 2 | 2,8 |
| Inteligência competitiva | 2 | 2,8 |
| Metodologia do ensino superior | 6 | 8,4 |
| Pesquisa e extensão em educação | 1 | 1,4 |
| Psicopedagogia clínica, hospitalar e institucional | 3 | 4,2 |
| Temas intrínsecos à Biblioteconomia (representação e organização da informação, formação do usuário, conservação etc.) | 1 | 1,4 |
| Total de respostas | (71) | (100,0) |

No segmento da especialização os participantes da amostra buscam focalizar o gerenciamento e a compreensão da administração pública, que se constitui na esfera que oferece maior número de postos de trabalho para os bibliotecários no Estado da Bahia. Aspectos mais específicos da gestão também foram abordados como a gestão de pessoas, da informação e de bibliotecas.

A Arquivologia é uma área na qual ainda ocorre uma forte atuação dos bibliotecários, em razão do número mais reduzido de profissionais arquivistas formados em nível superior para atender as demandas do mercado local. Esta situação é tão significativa a ponto de alguns bibliotecários solicitarem o cancelamento de seus registros profissionais, pois, passam a se identificarem mais como arquivistas.

A opção por cursos de Metodologia do Ensino Superior representa uma tendência que tem sido assumida pelos bibliotecários em razão do crescimento da ação desse profissional no campo da docência no magistério superior privado. Através dessa especialização muitos profissionais se capacitam para transmitir, de maneira formal, o conhecimento sobre normalização, fontes de informação, elaboração de projetos trabalhos acadêmicos, assim como outros saberes inerentes à prática bibliotecária e que são necessários na realização da pesquisa e comunicação científica.

Outro dado relevante nessa distribuição é a diversidade dos temas. Os profissionais têm buscado associar aos conhecimentos da Biblioteconomia, conhecimentos relacionados a outras áreas como à Educação, a Filosofia, a Psicopedagogia, as Artes bem como àqueles conhecimentos forjados pelo ambiente mais empresarial como a informação tecnológica, a inteligência competitiva, a Engenharia e a gestão.

Esse caleidoscópio de temas, cursos e visões diferenciadas parece sinalizar o esforço do profissional bibliotecário em relacionar seus conhecimentos especializados aos de outros campos afins, perseguindo o seu aperfeiçoamento se preparando para a interlocução interdisciplinar. Essa postura se coaduna com a própria característica interdisciplinar da Ciência da Informação, área do conhecimento a qual os bibliotecários estão vinculados em sua atuação, como também na busca da titulação em nível de mestrado.

Quanto ao mestrado a área de maior ocorrência foi a Ciência da Informação (7 – 77,6%), embora dois dos bibliotecários tenham se titulado nas áreas da Administração e da Leitura e Literatura (1 – 11,2), conforme aponta a Tabela 11.

Tabela 11
Distribuição percentual dos temas de cursos de mestrado frequentados
bibliotecários

| Temas | Nº de respostas | % |
|---------------------------|------------------------|----------------|
| Administração | 1 | 11,2 |
| Ciência da informação | 7 | 77,6 |
| Leitura e Literatura | 1 | 11,2 |
| Total de respostas | (9) | (100,0) |

Quanto à percepção dos bibliotecários sobre a contribuição da pós-graduação para a vida profissional, dos 120 que informaram já ter participado de cursos, apenas 68 deles emitiram alguma opinião a respeito. A ampliação do conhecimento foi a justificativa mais recorrente (29 – 42,6%), seguida da busca da melhoria do desempenho profissional (26 – 38,2%). Por outro lado, somente 13 dos respondentes (19,1%) destacaram a maior inserção no mercado de trabalho como uma contribuição da pós-graduação para a vida profissional, como se pode observar na Tabela 12.

Tabela 12
Distribuição percentual das percepções dos bibliotecários quanto à contribuição
da pós-graduação para a vida profissional

| Argumentos | Nº de respostas | % |
|---------------------------------------|------------------------|----------------|
| Ampliação do conhecimento | 29 | 42,6 |
| Melhoria do desempenho profissional | 26 | 38,2 |
| Maior inserção no mercado de trabalho | 13 | 19,1 |
| Total de respondentes | (68) | (100,0) |

A qualificação parece ser entendida pelos profissionais bibliotecários como uma oportunidade de aquisição de saberes e habilidades ligadas às tipologias das bibliotecas serviços e demais ambientes de informação contemporânea. Essa constatação advém da soma dos percentuais das duas primeiras justificativas expressas nessa questão (80,8%). Assim sendo, o melhor posicionamento no mercado de trabalho, a terceira justificativa apresentada, parece ser compreendido, não como um objetivo principal, mais como uma consequência natural da qualificação.

Já quando indagados quanto aos temas mais relevantes para a continuidade de sua educação, a maioria desses bibliotecários indicou mais intensamente os temas

relacionados às tecnologias da informação (52 – 55,3%), à gestão (48 – 51,0%) e aos aspectos interdisciplinares da área (17 – 18,0%), conforme se verifica na Tabela 13.

Tabela 13
Distribuição percentual dos temas sugeridos pelos bibliotecários como importantes para a educação continuada

| Temas sugeridos | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|----------|
| Tecnologia da informação (automação de bibliotecas, bases de dados, informática, programas de computador, redes, sistemas) | 52 | 55,3 |
| Gestão (de pessoas, de unidades de informação, liderança, planejamento estratégico) | 48 | 51,0 |
| Temas interdisciplinares (matemática, economia, filosofia etc.) | 17 | 18,0 |
| Representação da informação e organização do conhecimento | 15 | 15,9 |
| Atendimento ao usuário (estudo, orientação, pesquisa) | 14 | 14,8 |
| Metodologia da pesquisa | 9 | 9,5 |
| Línguas estrangeiras | 8 | 8,5 |
| Disseminação e recuperação da informação | 7 | 7,5 |
| Marketing | 7 | 7,5 |
| Formação e desenvolvimento de coleções | 5 | 5,3 |
| Ética | 4 | 2,5 |
| Preservação, conservação e restauração de documentos | 3 | 1,9 |
| Bibliotecas públicas e escolares | 1 | 0,6 |
| Bibliotecas universitárias | 1 | 0,6 |
| Total de respondentes | (94) | |

A sugestão do tema tecnologia da informação reflete a preocupação com um aspecto que tem modificado o fazer do bibliotecário. O profissional percebe que, em concomitância com o conhecimento sobre os sistemas especialistas e gerenciadores aplicados às bibliotecas, também são necessárias habilidades práticas e básicas para o manuseio dessa tecnologia. O desconhecimento desses princípios básicos contribui para que o bibliotecário não seja respeitado junto a outros profissionais, especialmente aos da

área da Informática, e também tenda a minorar sua atuação com os demais segmentos com os quais interagem nas bibliotecas.

A indicação da gestão como tema a ser estudado indica a acuidade dos profissionais, posto que, para gerir é necessária uma gama substancial de conhecimentos para alicerçar a tomada de decisão e administrar conflitos de interesse. O papel de gestor tem em si ambigüidades próprias das organizações e da conjuntura brasileira. Estudar e apreender essas nuances é um exercício necessário e urgente para os bibliotecários.

Os temas interdisciplinares, a terceira opção mais indicada, refletem a necessária preocupação que o bibliotecário deve ter com o atendimento ao usuário e às suas necessidades de pesquisa. Conhecer de outros saberes o mínimo necessário para a interlocução produtora com profissionais e estudantes qualifica as ações do bibliotecário tanto no processamento de materiais pertinentes quanto à interpretação das questões de pesquisa. Ao profissional cabe o uso eficiente das fontes de informação, tanto para o usuário quanto para sua atualização, tendo em vista sua atuação.

4.2 O FAZER BIBLIOTECÁRIO

A satisfação das necessidades de informação está na base dos serviços oferecidos pelas bibliotecas e, conseqüentemente, na base das atividades desenvolvidas pelos bibliotecários. Nesta seção far-se-á a apresentação dos dados referentes às atividades que envolvem o fazer profissional dos bibliotecários que integraram desta amostra de pesquisa.

Quanto à formação e desenvolvimento de coleções obteve-se a ocorrência de 103 respondentes (94,4%) para a atividade de seleção; aquisição foi a segunda atividade mais pontuada (93 respondentes – 85,3%) enquanto que o desbaste ficou na terceira posição (88 respondentes – 80,7%), conforme a Tabela 14.

Tabela 14
Distribuição percentual das atividades de formação e desenvolvimento de coleções

| Atividades | Nº de respostas | % |
|------------------------------|------------------------|----------|
| Seleção | 103 | 94,4 |
| Aquisição | 93 | 85,3 |
| Desbaste | 88 | 80,7 |
| Intercâmbio | 77 | 70,6 |
| Total de respondentes | (109) | |

Essa distribuição evidencia grande atuação dos profissionais em uma função chave para o bom desempenho dos serviços biblioteconômicos. O aporte das tecnologias facilita a seleção e racionaliza os custos e a quantidade dos materiais a serem adquiridos. As atividades voltadas para a formação de coleções devem ser mediadas, no entanto, por uma política que considere os sujeitos, a instituição, objetivos e recursos disponíveis.

Quanto às atividades de controle bibliográfico, a catalogação exercida por 112 dos 114 respondentes (98,2%) foi a atividade de maior ocorrência, sendo classificação a segunda atividade de controle bibliográfico mais realizada (111 respostas – 97,3%).

A catalogação foi citada por uma das participantes do grupo focal como um exemplo cabal de produto do trabalho bibliotecário, especialmente na forma eletrônica, pois, segundo a mesma, através dessa atividade é possível demonstrar para leigos uma etapa importante da função social da profissão, que é a descrição e divulgação de fontes informacionais.

As atividades de registro (107 respostas – 93,8%) e de indexação (104 respostas – 91,2%), ambas bastante indicadas apresentaram percentuais menores, talvez em razão de que muitas vezes, a primeira pode ser efetuada por um auxiliar de biblioteca bem treinado. Já a indexação pode ter a realização impedida pelo número reduzido de profissionais bibliotecários disponíveis para realizar tarefas a serem executadas em sua biblioteca. A Tabela 15 apresenta os dados referentes a essa função.

Tabela 15
Distribuição percentual das atividades de controle bibliográfico

| Atividades | Nº de respostas | % |
|------------------------------|------------------------|----------|
| Registro | 107 | 93,8 |
| Catálogo | 112 | 98,2 |
| Classificação | 111 | 97,3 |
| Indexação | 104 | 91,2 |
| Total de respondentes | (114) | |

As atividades ligadas ao controle bibliográfico são aquelas que historicamente definem a parte técnica do exercício profissional. Na contemporaneidade elas recebem um aporte valioso através das novas tecnologias de informação e comunicação, porém esse dinamismo adquirido deve ser bem utilizado, considerando o trabalho em rede e a catalogação cooperativa, o rigor e a qualidade nessa atividade devem ser buscados.

Reservada a essa função estão o controle físico e vocabular dos estoques informacionais para possibilitar a recuperação e a circulação da informação. Os profissionais se dedicam a essas atividades sistemática e exaustivamente, mas não percebem que antes de um serviço técnico essas são atividades cognitivas que trabalham os signos das linguagens para traduzir a informação. Constituem-se também em um diferencial da profissão bibliotecária, entre as outras que também atuam no universo da informação.

O atendimento ao usuário é uma das atividades fim da biblioteca. No âmbito dessa função o treinamento sobre o uso dos recursos da biblioteca foi apontado por 99 respondentes, perfazendo o percentual de 86,0% dos participantes da pesquisa. O índice de indicação da orientação para normalização foi o segundo maior (94 respondentes – 81,7%). Tendo sido o treinamento para acesso às bases de dados a terceira atividade de atendimento ao usuário mais indicada (87 respondentes – 75,6%), conforme demonstra a Tabela 16.

Tabela 16
Distribuição percentual das atividades de atendimento ao público

| Atividades | Nº de respostas | % |
|---|------------------------|----------|
| Treinamento sobre os recursos da biblioteca | 99 | 86,0 |
| Orientação para normalização | 94 | 81,7 |
| Treinamento para acesso a bases de dados | 87 | 75,6 |
| Comutação bibliográfica | 54 | 46,9 |
| Levantamento bibliográfico | 5 | 0,43 |
| Orientação para pesquisa | 5 | 0,43 |
| Normalização | 2 | 0,17 |
| Catálogo na publicação | 1 | 0,8 |
| Total de respondentes | (115) | |

As atividades de atendimento ao usuário compreendem o trabalho do bibliotecário de referência. É esse profissional que, munido das fontes, indica aos usuários os veios mais promissores para suas necessidades de informação. Pelos dados coletados na pesquisa parece que as atividades desse segmento começam a ganhar corpo nas bibliotecas. O contato do bibliotecário com o usuário foi ressaltado com muita ênfase no grupo focal, inclusive como medida para que o profissional tenha visibilidade e seja reconhecido pelo seu público.

O treinamento sobre os recursos da biblioteca foi apontado por uma das participantes do grupo focal como uma experiência gratificante e de grande efeito para a visibilidade profissional. Segundo essa bibliotecária seus usuários agora sabe quem é e o que faz o bibliotecário.

As participantes do grupo focal estabeleceram a seguinte relação: como o bibliotecário não se dá a conhecer, não se posiciona na sociedade, esta o desconhece, bem como desconhece suas práticas. A redução da profissão ao mero emprestar e receber materiais, na visão da sociedade em geral, é outra consequência do não envolvimento físico do bibliotecário com os demais sujeitos que necessitam ou estão relacionados ao seu fazer profissional. Por outro lado, o afastamento das atividades de atendimento é apontado exatamente como medida para estabelecer uma diferença entre o bibliotecário e os auxiliares de biblioteca, como pontuou uma das participantes da pesquisa.

As atividades de chefia estão expressas na Tabela 17 que demonstra a elaboração de relatórios (96 respondentes – 82,0%); o planejamento de serviços e atividade (92 respondentes – 78,6%) e a elaboração de diagnósticos realizados por bibliotecários (69 respondentes – 58,9%); o planejamento de layout e a elaboração de projetos também alcançaram um número de indicações (65 respondentes – 56,0%), o que indica que os incluem entre as atividades de chefia mais executadas por esses bibliotecários.

Tabela 17
Distribuição percentual das atividades de chefia

| Atividades | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|----------|
| Relatórios | 96 | 82,0 |
| Planejamento de serviços e atividades | 92 | 78,6 |
| Diagnósticos | 69 | 58,9 |
| Planejamento de lay out de bibliotecas | 65 | 56,0 |
| Projetos | 65 | 56,0 |
| Gerenciamento de pessoas | 5 | 2,7 |
| Organização de eventos | 4 | 2,0 |
| Elaboração de documentos | 2 | 1,7 |
| Participação em comissões | 2 | 1,7 |
| Implantação de bibliotecas | 1 | 0,8 |
| Total de respondentes | (117) | |

Os resultados dessa distribuição evidenciam o papel do chefe mais burocratizado do que efetivamente como estrategista. A direção de bibliotecas ou de seções dentro de uma unidade de informação quase sempre é um cargo de confiança, atribuído por motivos políticos, funcionais ou de antiguidade. Em muitas situações, no entanto, o cargo vem esvaziado de poder e de condições reais de realização de mudanças, sejam de ordem estrutural ou organizacional. Desse modo, o chefe termina estabelecendo uma relação mais direta com as funções burocráticas. seja de ordem estrutural ou organizacional. Desse modo, os bibliotecários terminam por estabelecer uma ligação mais estreita com as funções burocráticas da chefia.

A gestão de bibliotecas ou de serviços bibliotecários, como contemporaneamente se fala, envolve uma gama muito grande de aspectos que devem

ser considerados quando na função de chefe. A gestão de pessoas, as relações interpessoais são tópicos que de certo modo, já são objeto de estudo, pois quando mal administrados prejudicam enormemente as atividades fins das bibliotecas. Entretanto, a atividade de gestão de pessoas, tão relevante na atividade de gestão inerente a chefia, foi indicada por apenas 5(2,7%) dos 117 participantes como ficou exposto nas distribuições sobre a educação continuada desses profissionais.

Quando foram perguntados se participavam do processo de tomada de decisão nos locais em que atuam, 114 bibliotecários ofereceram resposta, sendo que 51 deles (44,5%) afirmaram participar desse processo. No entanto, quando adicionados o número de respondentes que afirmou não participar (33 respondentes – 28,9%) com o daqueles que afirmam participar relativamente (30 respondentes – 26,3%) desse processo, verifica-se que essa participação não é tão expressiva quanto deveria ser.

Por outro lado, ao se somar o número de indicações que afirmar ter uma participação plena (44,7%) ou relativa (26,3%) verifica-se que 71,3% desses bibliotecários têm estado envolvidos com tomada de decisão. Esse é um resultado promissor que sinaliza alguma possibilidade de avanços no desenvolvimento das atividades de chefia apresentadas na Tabela 18.

Tabela 18
Distribuição percentual da participação no processo de tomada de decisão

| Ocorrências | Nº de respostas | % |
|------------------------------|-----------------|------|
| Participa do processo | 51 | 44,7 |
| Participa relativamente | 30 | 26,3 |
| Não participa | 33 | 28,9 |
| Total de respondentes | (114) | |

Os comentários acerca da participação na tomada de decisão evidenciaram que 44 bibliotecários detêm total autonomia nesse processo, representando 38,6% do total de respondentes, enquanto 39 respondentes informaram que participam de processos de tomada de decisão colegiada (34 2%).

A participação no processo de tomada de decisão também representa um ganho para a auto-estima do profissional, considerando que, essa participação sinaliza a existência de confiança sua competência. Essa confiança depositada no profissional bibliotecário pode motivá-lo a empreender esforços cada vez maiores no

desenvolvimento de novos projetos, buscando seu melhor desempenho profissional e conquista de novas realizações para a sua área de atuação.

Quanto à disseminação da informação atualmente bastante evidenciada em razão do grande volume de informações disponíveis e dos impactos gerados pelas novas tecnologias é realizada pelos bibliotecários da amostra por meio da elaboração de alertas bibliográficos (7 – 75,0%); de bibliografias (56 – 56,0%), de catálogos (34 – 34,0%), e de guias (26 bibliotecários – 26,0%) conforme os dados da Tabela 19.

Tabela 19

Distribuição percentual das atividades de disseminação seletiva da informação

| Atividades | Nº de respostas | % |
|--------------------------------|------------------------|----------|
| Alertas bibliográficos | 75 | 75,0 |
| Bibliografias | 56 | 56,0 |
| Catálogos | 34 | 34,0 |
| Guias | 26 | 26,0 |
| Publicações eletrônicas | 2 | 0,2 |
| Comunicações técnicas e folder | 2 | 0,2 |
| Organização de campanhas | 1 | 0,1 |
| Total de respondentes | (100) | |

A disseminação muitas vezes é esquecida, diluída nas outras funções da biblioteca. As iniciativas de disseminação seletiva da informação agregam funções do processamento técnico, do serviço de referência, da chefia e do atendimento ao usuário na produção de serviços personalizados para o usuário. O advento das novas tecnologias de informação e comunicação possibilita o acesso simultâneo e a qualquer hora de conteúdos informacionais variados, inclusive àqueles armazenados fisicamente nas bibliotecas. Essas tecnologias deveriam estar, portanto, a serviço da disseminação em todas as funções da biblioteca sendo explorada intensamente de modo a intensificar e diversificar as atividades de disseminação seletiva da informação.

Compreendendo que as tecnologias e o ambiente de trabalho, de alguma maneira promovem alterações e impactos no fazer profissional, procurou-se identificar junto a esses bibliotecários a percepção deles a respeito desses tópicos.

No que tange à automação de bibliotecas 89 bibliotecários (78,1%) afirmaram trabalhar em unidades de informação já automatizadas ou em processo de automação. Quanto à contribuição da automação para o melhor desenvolvimento das atividades, 108 desses profissionais se expressaram da seguinte maneira: acreditam que favorece a eficácia na disseminação, busca e recuperação da informação (77 bibliotecários – 71,3%), contribui para o controle, rapidez e padronização dos processos (57 bibliotecários – 52,8%), racionaliza o uso do tempo e dos recursos (20 bibliotecários – 18,5%), conforme apresenta a Tabela 20.

Tabela 20
Distribuição percentual sobre a percepção dos bibliotecários quanto à contribuição da automação para o desenvolvimento das atividades profissionais

| Argumentos | Nº de respostas | % |
|---|------------------------|----------|
| Favorece a eficácia na disseminação, busca e recuperação da informação (permite a melhoria no atendimento ao usuário) | 77 | 71,3 |
| Contribui para o controle, rapidez e padronização dos processos (catalogação, classificação, circulação de materiais e estatística) | 57 | 52,8 |
| Racionalização de tempo e recursos (possibilitando o desenvolvimento de maior número e diversidade de serviços) | 20 | 18,5 |
| Permite maior acessibilidade (democratização, confiabilidade e rapidez na recuperação de informações e acesso pelo usuário) | 14 | 12,9 |
| Cooperação e intercâmbio entre bibliotecas | 11 | 10,1 |
| Melhoria na conservação e no armazenamento do acervo | 2 | 1,8 |
| Possibilita melhor organização do ambiente de trabalho | 1 | 0,9 |
| Contribui para a valorização pessoal | 1 | 0,9 |
| Minimiza o problema de carência de pessoal em bibliotecas | 1 | 0,9 |
| Total de respondentes | (108) | |

As participantes do grupo focal apontaram as tecnologias da informação e comunicação nas bibliotecas como um marco importante que modificou e facilitou o fazer do bibliotecário. Contudo, elas ressaltaram que essas tecnologias são ferramentas e não protagonistas da atividade profissional, o que sugere a compreensão desses

profissionais quanto à necessidade dos bibliotecários explorarem as possibilidades e potencializar o uso no seu fazer profissional.

Os argumentos presentes na distribuição apresentados na Tabela 20 tangenciam o alcance das tecnologias nas bibliotecas. Longe de ser uma panacéia, as tecnologias que permitem a automação das bibliotecas são herdeiras dos métodos e práticas refinados ao longo da história pela Biblioteconomia.

A aplicação das novas tecnologias sem as normas, o controle técnico e vocabular presta um desserviço à comunidade, já que dificulta o acesso à informação de qualidade gerando prejuízos quanto ao tempo de identificação e seleção das informações e induzindo a utilização de conteúdos com baixo grau de confiabilidade.

Na percepção desses bibliotecários a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação nas bibliotecas:

- a) são importantes para o desempenho funcional das bibliotecas (55 – 51,8%);
- b) são necessárias para inserção das bibliotecas no contexto atual (27 – 24,0%) e
- c) aperfeiçoam os serviços e divulgam os acervos das bibliotecas (13 – 11,5%).

No entanto, deve-se ressaltar que 11 bibliotecários (10,0 %) consideraram que as novas tecnologias ainda não são plenamente exploradas para o desenvolvimento das atividades de biblioteca.

Quanto ao ambiente de trabalho, como destaca a Tabela 21, maioria dos participantes da pesquisa informou considerá-lo inadequado (85 bibliotecários – 70,8%), enquanto somente 28 deles (23,4%) consideraram o ambiente de trabalho adequado e 7 (5,8%) o avaliaram como relativamente adequado, indicando o alto índice de insatisfação com as condições ambientais das bibliotecas.

Tabela 21
Distribuição percentual da avaliação quanto à inadequação do ambiente de trabalho

| Avaliação | Número de respostas | % |
|--|----------------------------|----------------|
| Consideram o ambiente inadequado | 85 | 70,8 |
| Consideram o ambiente adequado | 28 | 23,4 |
| Consideram o ambiente relativamente inadequado | 7 | 5,8 |
| Total de participantes | (120) | (100,0) |

Conforme a Tabela 22 os aspectos inadequados do ambiente de trabalho foram assinalados por 92 dos respondentes, tendo sido os mais indicados: o ruído (62 – 73,2%); a iluminação (55 – 64,9%); o mobiliário (52 – 61,4%). Além desses aspectos também alcançaram um número considerável de indicações a temperatura (40 respondentes – 57,8%) e a limpeza (47 respondentes – 55,5%), indicando que as condições mais elementares de conforto ambiental para o bom funcionamento das bibliotecas.

Tanto as considerações quanto à inadequação do ambiente de trabalho quanto aos aspectos que caracterizam essa situação são importantes, posto que abordam tópicos relacionados à qualidade de vida no trabalho, ao conforto ambiental, às condições ergonômicas e materiais que podem gerar satisfação e estímulo ou sentimento de impotência na realização das atividades profissionais.

Tabela 22
Distribuição percentual quanto aos aspectos inadequados do ambiente de trabalho

| Aspectos | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|----------|
| Ruído | 62 | 73,2 |
| Iluminação | 55 | 64,9 |
| Mobiliário | 52 | 61,4 |
| Temperatura | 49 | 57,8 |
| Limpeza | 47 | 55,5 |
| Carência e inadequação de recursos | 11 | 12,9 |
| Infra-estrutura e condições que favoreçam a acessibilidade | 6 | 6,6 |
| Localização | 2 | 2,3 |
| Total de respondentes | (92) | |

Quando indagados sobre as interferências do ambiente de trabalho na atuação profissional dos 59, 50 deles (84,7%) afirmaram que o ambiente de trabalho inadequado afeta o desempenho profissional enquanto 09 destacaram que essa inadequação causa prejuízos à saúde e o prejudicial para a saúde (15,3%), provavelmente fazendo alusão às condições insalubres da biblioteca quando esta não conta com condições limpeza, climatização e iluminação adequadas. (Tabela 23).

Tabela 23
Distribuição percentual sobre as conseqüências do ambiente inadequado na
satisfação profissional

| Tipos de interferência | Nº de respostas | % |
|-------------------------------|------------------------|----------|
| Afeta o desempenho | 50 | 84,7 |
| Prejudica a saúde | 9 | 15,3 |
| Total de respondentes | (59) | |

O ambiente de trabalho adequado, ergonomicamente planejado, significa um ganho para o profissional para quem nele trabalha, que terá satisfação e produzirá mais, sem contudo, desenvolver ou adquirir doenças, representando também prestígio profissional já que sinaliza cuidado com os sujeitos ali trabalham. Além disso, as condições adequadas da biblioteca oferecem àqueles que se dirigem fazer suas pesquisas, o sentimento de serem respeitados como seres humanos e cidadãos.

Os dados levantados sobre o fazer profissional do bibliotecário apontam as atividades, o aporte das tecnologias para a realização dessas atividades, as condições ambientais e materiais para tanto e o nível de autonomia que o profissional detém nesse processo, enfim componentes importantes, que separados ou agregados contribuem para se dimensionar o lugar socialmente ocupado pelo bibliotecário.

A construção da auto-imagem do bibliotecário certamente sofre influência da consciência que se tem sobre o lugar que ocupa na sociedade. Nesse sentido, buscou-se também compreender o nível de percepção desses profissionais quanto à imagem que a sociedade faz sobre sua profissão, como também como eles próprios se percebem.

4.3 A IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO

A compreensão dos bibliotecários acerca da imagem social da sua profissão percepções levantadas através das respostas obtidas de múltipla escolha, considerando o panorama contemporâneo da emergência da informação e o intenso uso das tecnologias que o caracteriza.

Nesse contexto se procurou saber qual a interpretação desses profissionais quanto à compreensão da sociedade sobre o papel do bibliotecário. Após a eliminação de respostas inconsistentes, se alcançou um total de 81 válidas, das quais 51 delas (62,9%) afirmaram que a sociedade não compreende o papel acerca do bibliotecário,

enquanto 19 respondentes (28,9%) afirmaram acreditar que, de certo modo, a sociedade tem uma compreensão sobre o valor do bibliotecário. Por fim, 11 deles (13,5%) entendem que a compreensão é dependente do tipo da biblioteca na qual trabalha e da sua própria postura profissional, conforme a Tabela 24.

Tabela 24
Distribuição percentual quanto ao nível de compreensão da sociedade sobre com o papel do bibliotecário

| Percepções | Nº de respostas | % |
|---|------------------------|----------|
| A sociedade não compreende o papel do bibliotecário | 51 | 62,9 |
| Há certa compreensão quanto ao valor do profissional | 19 | 28,9 |
| Essa compreensão depende do tipo de biblioteca e da postura do profissional | 11 | 13,5 |
| <i>Total de respondentes</i> | (81) | |

A distribuição acima descrita coaduna-se com a fala das participantes do grupo focal, tanto na ocorrência que obteve maior número de respostas quanto naquela de menor índice que relaciona o reconhecimento, a compreensão do real papel do bibliotecário e a valorização do seu fazer à postura assumida pelo profissional frente ao seu trabalho como também ao tipo de biblioteca na qual ele atua. Compreende-se que àqueles ambientes mais valorizados socialmente costumam ter maiores recursos e condições de funcionamento, como também atendem a camadas sociais ou espaços socialmente mais valorizados, o que por extensão, proporcionam maior visibilidade ao profissional e as suas atividades.

De certo modo, na visão desses bibliotecários a compreensão ou a incompreensão da sociedade quanto ao papel e a importância do bibliotecário engloba questões ligadas à sua formação e ao seu fazer, mas também, elementos da sua conduta e a valorização social das próprias organizações às quais estiveram inseridas as bibliotecas e à tipologia dela.

Nessas condições, percebem-se pontos que ainda podem representar barreiras ao conhecimento e valorização da sociedade sobre o fazer bibliotecário como a situação crônica de precarização das condições no campo da educação e da cultura. Essa situação tem reflexo em grande parte das bibliotecas existentes no Brasil, o que acaba reforçando a desvalorização desses espaços sociais, como também os estereótipos em torno da imagem do bibliotecário.

Para encontrar outros elementos que pudesse oferecer sinais de alteração ou não da imagem social do bibliotecário e, conseqüentemente, das possíveis interferências disso na sua própria auto-imagem, buscou-se compreender como esses bibliotecários percebem as suas relações interpessoais com seus superiores hierárquicos, com outros profissionais, com os quais interagem no trabalho e com os próprios usuários das bibliotecas. Nesse sentido, a Tabela 25 informa a percepção desses bibliotecários. Suas relações interpessoais com superiores hierárquicos (84, 9%), com outros profissionais (80, 5%) e com usuários de suas bibliotecas (83,2%) como positivas.

A relação considerada distante e pontual obteve o maior número de indicação quando ligada a outros profissionais (18 respondentes – 17,5%), chamando a atenção o número reduzido de indicações no que diz respeito a relação conflituosa com os três segmentos, em especial com relação aos superiores hierárquicos (5,7%). Talvez sugerindo uma tendência de conduta redutora de confrontos muitas vezes inevitáveis em processos de exposição de propostas e resolução de problemas que emergem do fazer de qualquer profissional.

Tabela 25
Distribuição percentual quanto às percepções dos bibliotecários acerca das relações interpessoais no trabalho

| <i>Tipo de relação</i> | <i>Superiores hierárquicos</i> | | <i>Outros profissionais</i> | | Usuários | |
|------------------------------|--------------------------------|----------------|-----------------------------|----------------|-----------------|----------------|
| | N | % | N | % | N | % |
| Boa relação | 90 | 84,9 | 83 | 80,5 | 84 | 83,2 |
| Relação distante, pontual | 10 | 9,4 | 18 | 17,5 | 15 | 14,8 |
| <i>Relação conflituosa</i> | 6 | 5,7 | 2 | 1,9 | 2 | 1,9 |
| <i>Total de respondentes</i> | (106) | (100,0) | (103) | (100,0) | (101) | (100,0) |

Quando perguntados sobre a imagem social do bibliotecário que lhes parece mais representativa na atualidade, o maior número de respostas indicou a imagem de mediador da informação (21 respondentes – 27,2%), seguida da de guardião de livros (18 deles – 23,3%) e disseminador da informação (17 respondentes – 20,8%), conforme a Tabela 26.

Tabela 26
Distribuição percentual quanto à percepção sobre a imagem social mais representativa do bibliotecário

| Imagens | Nº de respostas | % |
|------------------------------|------------------------|----------|
| Mediador da informação | 21 | 27, 2 |
| Guardião de livros | 18 | 23, 3 |
| Disseminador da informação | 17 | 20,8 |
| Agente social | 12 | 15,5 |
| Imagem inexistente | 11 | 14,2 |
| Gestor da informação | 9 | 11,6 |
| Imagem em evolução | 5 | 6,4 |
| Total de respondentes | (93) | |

Os dados referentes a imagem de agente social (12 – 15,5%) e de gestor da informação (9 – 11,6%) parecem não tão elaboradas para a sociedade na compreensão desses bibliotecários. Talvez parte desses bibliotecários perceba que a imagem social do profissional ainda não é tão consolidada, o que pode ser reforçado pelas indicações que, ao invés de professar uma denominação, preferiram apontar a inexistência de uma imagem social (11 – 14,2%) ou que está em processo de evolução (5 – 6,4%), indicando, portanto, que 20,6% desses profissionais parecem ter o entendimento de que a imagem social do bibliotecário ainda é um tanto quanto difusa.

Na realização do grupo focal idéias divergentes sobre a imagem do bibliotecário foram partilhadas. Uma das participantes ponderou que a imagem é de um profissional sisudo, apático e pedindo silêncio, muito associado ainda ao estereótipo do bibliotecário. Essa imagem foi imediatamente contestada, pois, o contato que teve com bibliotecas bem como, com familiares que exerciam a profissão, possibilitou a percepção do bibliotecário como um profissional dinâmico e atuante, influenciando o seu ingresso na carreira de Biblioteconomia. A terceira participante se manifestou, dizendo que a imagem identificada com o estereótipo era percebida, por ela anteriormente, hoje acredita que a imagem mudou.

Procurando esclarecer a questão da imagem do bibliotecário, foi lançada às participantes do grupo focal, a questão se o bibliotecário seria a primeira opção de contratação para trabalhar com informação nas empresas. A participante que, anteriormente associou imagem com estereótipo respondeu que não, pois, a sociedade

desconhece o fazer do profissional. Continuando disse, que houve uma proposta do Conselho Federal de Biblioteconomia de divulgar as competências do profissional nos eventos de recursos humanos, infelizmente desconhece se a proposta foi posta em prática.

A participante que havia ponderado sobre a mudança da imagem argumentou que em um processo de seleção limpo, sério, todos os candidatos são ouvidos e avaliados, desse modo, é possível, sim, se for de interesse dos objetivos da empresa selecionar um bibliotecário para funções que, inicialmente, parece fugir da alçada do bibliotecário. Continuando ela relatou o caso de uma bibliotecária com nível de especialização que foi contratada para realizar a memória institucional da empresa Vale do Rio Doce, a partir de depoimentos de ex-empregados da empresa. Sendo muito bem sucedida no empreendimento.

Uma segunda opinião sobre a mudança de imagem do bibliotecário foi dada pela participante que mencionou a influência familiar como determinante para escolha da profissão. Relatou que em função da solicitação de apresentar para calouros do curso de Medicina as bases de dados eletrônicas da área e o serviço da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME). Falou que precisou superar sua natural timidez, preparar uma exposição e realizar a demonstração. Apesar de esse não ser o objetivo da solicitação, relata a bibliotecária, no desenvolvimento da série de exposições que precisou realizar, as atividades da profissão terminaram por ser veiculadas: a indexação dos materiais para que a informação possa ser encontrada, as estratégias de busca e o valor do trabalho para a divulgação da literatura na área de saúde de forma cooperativa e constante. Entusiasmada, a participante relatou sua gratificação com a realização dessa atividade, e como, depois da mesma os usuários da sua biblioteca já sabem quem é o bibliotecário e o que ele faz, não o identificando mais com o auxiliar de biblioteca, concluiu a participante.

A presença do estereótipo e ações diferenciadas por parte de distintos profissionais ocasiona segundo uma das participantes do grupo focal, imagens diferentes ou subgrupos de imagens, conduzindo a pergunta sobre qual é a imagem que se sobrepõe. Houve unanimidade quanto a ser a imagem estereotipada que mais se destaca, pois o trabalho bibliotecário passa despercebido. Assim sendo, uma das participantes colocou que não permite que as emoções negativas, pessimistas sobre a profissão sejam inseridas no seu dia-a-dia. Disse que combate essas percepções em si e nos colegas procurando manter em alta a auto-estima.

Procurando compreender as percepções dos bibliotecários quanto ao seu fazer profissional, buscou-se perguntar aos participantes da amostra como eles entendiam o significado do seu exercício profissional. Conforme indica Tabela 27, dos 120 participantes da pesquisa, 50 deles (41,7%) consideraram que o seu fazer representa o fazer de um gestor da informação; enquanto 46 deles (38,4%) destacaram que na sua percepção o fazer do bibliotecário equivale ao de um educador e 42 profissionais (29,7%) compreendem o seu trabalho como o de um agente social.

Tabela 27
Distribuição percentual quanto às percepções dos bibliotecários relativas ao seu fazer profissional

| Percepções | Nº de respostas | % |
|--|------------------------|----------|
| Gestor da informação | 50 | 41,7 |
| Educador | 46 | 38,4 |
| Agente social | 42 | 29,7 |
| Documentalista | 35 | 24,3 |
| Processador da informação | 33 | 22,9 |
| Cibertecário | 30 | 20,8 |
| Intérprete dos cenários de informação | 28 | 9,5 |
| Guardião de livros | 21 | 14,5 |
| Mediador da informação | 4 | 2,8 |
| Disseminador da informação | 2 | 1,7 |
| Gerente da informação | 2 | 1,7 |
| Corretor do conhecimento | 1 | 0,8 |
| Agente cultural | 1 | 0,8 |
| Interlocutor da sua comunidade de informação | 1 | 0,8 |
| Total de participantes | (120) | |

As três categorias mais indicadas sobre as percepções quanto ao fazer profissional do bibliotecário parecem sinalizar a busca de uma identidade mais pró-ativa, assertiva, expressando uma tendência, um desejo de vir a ser. Em consonância com outros resultados apresentados neste trabalho, a distribuição acima reflete as funções sociais que a literatura da área vem, historicamente, focalizando em torno do fazer profissional do bibliotecário, apontando o momento atual de mudanças.

Indagados sobre as características e habilidades pessoais que esses respondentes

percebiam em si próprios e consideravam inerentes ao bibliotecário, parte considerável deles destacou a flexibilidade (101 – 84,4%); o hábito de leitura (100 – 83,4%); a habilidade para resolver problemas (98 – 81,7%); o espírito investigativo (97 – 8,4%); dinamismo (96 – 80,0%); objetividade (91 – 75,8%); agilidade mental (90 – 75,0%) e habilidade de comunicação oral (89 – 74,1%), conforme destaca a Tabela 28.

Tabela 28

Distribuição percentual das percepções quanto às habilidades do bibliotecário

| Características/Habilidades | Nº de respostas | % |
|---------------------------------------|------------------------|----------|
| Flexibilidade | 101 | 84,4 |
| Hábito de leitura | 100 | 83,4 |
| Habilidade para resolver problemas | 98 | 81,7 |
| Senso de organização | 98 | 81,7 |
| Espírito investigativo | 97 | 80,4 |
| Dinamismo | 96 | 80,0 |
| Criatividade | 96 | 80,0 |
| Objetividade | 91 | 75,8 |
| Agilidade mental | 90 | 75,0 |
| Habilidade de comunicação oral | 89 | 74,1 |
| Sensibilidade | 84 | 70,0 |
| Motivação interna | 76 | 64,0 |
| Liderança | 71 | 59,2 |
| Visão política | 70 | 58,4 |
| Boa memória | 65 | 54,2 |
| Pró-atividade | 02 | 1,7 |
| Solidariedade | 01 | 0,8 |
| Saber ouvir e interpretar | 01 | 0,8 |
| Conviver em grupo | 01 | 0,8 |
| Visão gerencial, interdisciplinar | 01 | 0,8 |
| Aquelas pertinentes ao momento social | 01 | 0,8 |
| Total de participantes | (120) | |

A flexibilidade, a habilidade para resolver problemas e o senso de organização características importantes para o desempenho profissional de modo um geral. A leitura

como hábito a ser cultivado e trabalhado junto aos usuários é uma habilidade muito requisitada em bibliotecas escolares e públicas e tem sido disseminada, inclusive através de campanhas de incentivo. Saber ler e interpretar são competências valiosas para o homem ao longo da vida e relevantes para o bibliotecário que atua na área de leitura.

Ao escolher e pontuar essas quatro opções os bibliotecários revelam acuidade com a contemporaneidade e, talvez, estes sejam aspectos ligados ao fazer profissional que mereçam ser estudados, trabalhados e adquiridos, para o desempenho eficaz desses profissionais.

Quando indagados sobre as habilidades e características que a sociedade espera que o bibliotecário possua para um bom desempenho profissional esses profissionais consideraram a habilidade para o atendimento ao usuário como a mais importante (41 – 48,8%). As habilidades com informática e cultura geral alcançaram a segunda posição em indicação (12 – 14,2%), de acordo com a Tabela 29 Conhecimentos específicos da área na qual atua (11 – 13,0%) foi o terceiro item mais pontuado de acordo com a Tabela 29.

Tabela 29
Distribuição percentual das habilidades que a sociedade espera do bibliotecário na percepção dos entrevistados

| Habilidades | Nº de respostas | % |
|---|------------------------|----------|
| Habilidades para atendimento ao usuário | 41 | 48,8 |
| Habilidade com informática | 12 | 14,2 |
| Cultura geral | 12 | 14,2 |
| Conhecimentos específicos da área onde atua | 11 | 13,0 |
| Boa postura pessoal e profissional | 10 | 11,9 |
| Comprometimento social | 9 | 10,7 |
| Visão empreendedora | 7 | 8,4 |
| Raciocínio lógico | 7 | 8,4 |
| Curiosidade, inovação | 6 | 7,1 |
| Comportamento ético | 4 | 4,7 |
| Sociabilidade | 3 | 3,5 |
| Visão interdisciplinar e multidisciplinar | 2 | 2,3 |
| Habilidade para línguas | 2 | 2,3 |
| Trabalho em equipe | 1 | 1,1 |
| Total de respondentes | (84) | |

Os dados presentes nessa distribuição refletem uma percepção diferenciada dos profissionais sobre o que se espera do seu fazer. As características e habilidades enunciadas como aquelas que se percebem esperadas pela sociedade em relação ao bibliotecário parecem estritamente ligadas a um dos objetivos principais das bibliotecas e do trabalho do bibliotecário que é o atendimento ao usuário. Nesse sentido os resultados aqui apresentados denotam um comportamento sensível e atento desses profissionais em relação às demandas da sociedade, caracterizando um esforço de análise a partir do outro, da visão externa, que muitas vezes pode não estar tão presente na sua própria atuação.

Por outro lado, ainda que com um número menor de indicações foram destacadas como características que se espera encontrar no bibliotecário o domínio de conhecimentos específicos da sua área (11 – 13,0%); uma boa postura pessoal e profissional (10 – 11,9%) e um comprometimento social (9 – 10,7%).

Como o foco nas competências, habilidades e atitudes dos bibliotecários têm sido uma tônica nos estudos que tratam sobre a mudança de seu perfil e compreensivelmente, recaem sobre a formação desse profissional se procurou investigar, junto às participantes do grupo focal qual a percepção das mesmas sobre os princípios profissionais recebidos. Inicialmente a questão não foi muito entendida pelas participantes se procurou reformulá-la falando dos fundamentos filosóficos que norteiam a atividade profissional.

Uma das participantes foi enfática ao dizer que ao longo da sua formação faltaram princípios técnicos necessários à prática profissional, porém logo no início do curso através da Professora Vanda Angélica da Cunha, segundo a profissional, o caráter humano e social da Biblioteconomia foi esclarecido, deixando muito claro o objetivo da profissão.

Fundamentos da profissão segundo outra participante a fez lembrar-se do Professor Paulo da Terra Caldeira um professor que tinha uma visão de mundo muito marcante e grande experiência na área. Ao longo da sua atividade profissional, a bibliotecária avalia que os ensinamentos daquele professor foram norteadores para suas atitudes.

A terceira participante do grupo focal iniciou dizendo que por ser a mais velha e ter estudado em um período em que o ensino não estava tão estruturado, ela terminou o curso sem muita clareza quanto aos princípios profissionais. Ressaltou, entretanto, as atuações das Professoras Margarida Pinto de Oliveira e Carmélia Regina de Mattos como docentes que se destacaram na sua época. Continuando essa participante pontuou que os estágios e as experiências como profissional contribuíram, para o aprendizado sobre os princípios profissionais, mas determinante nesse aspecto foi o exemplo materno, pois sua mãe foi “[...] uma bibliotecária em serviço”.

A preocupação em se colocar no lugar do usuário no momento da recuperação da informação foi revelada por uma das participantes que disse verificar na base bibliográfica que alimenta o acerto do seu trabalho. Fazer as coisas da melhor maneira possível é também a preocupação de outra participante, que entende nessa postura um viés filosófico. Contudo, essa participante chama a atenção para o arranjo da grade curricular que fragmenta o conteúdo dificultando a apreensão do mesmo ou gerando confusão. Continuando a bibliotecária exemplifica falando da confusão entre

catalogação e referência bibliográfica; o ensino de catalogação sem indexação pondera, por fim, que seria benéfico se o ensino pudesse transcorrer em uma biblioteca.

Depreende-se dessas colocações que a formação no sentido lato da palavra antecede os conhecimentos técnicos e científicos e tem na atuação, no nível de comprometimento dos docentes um componente importante a ser considerado que se pereniza atuando como um modelo para os profissionais ao longo da vida.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISA

Neste capítulo far-se-á a discussão dos dados apresentados no capítulo anterior, destacando-se os pontos principais e confrontando-os à luz da literatura e dos objetivos previamente definidos. Assim, a discussão apresenta-se dividida em quatro subseções, nas quais os dados obtidos foram organizados e analisados de acordo com as suas inter-relações temáticas abordando a formação acadêmica e a construção da auto-imagem do bibliotecário; as mudanças percebidas no fazer profissional; a percepção do bibliotecário sobre a imagem social da sua profissão e sobre características e habilidades importantes para o exercício da profissão de bibliotecário.

5.1 FORMAÇÃO ACADÊMICA E A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO

A formação acadêmica foi avaliada como insatisfatória por 63,4% dos bibliotecários participantes da amostra, sendo que a precariedade de recursos se constituiu no argumento mais apresentado para justificar essa avaliação negativa do curso. Contudo, complementando a avaliação outros aspectos foram ressaltados como o despreparo do corpo docente e a defasagem do currículo. Os aspectos levantados coadunam-se com Almeida Júnior (2002) quando o mesmo trata das condições precárias do ensino, mencionando a falta de infra-estrutura, a ausência de formação específica por parte dos professores, bem como dos recursos pedagógicos necessários a qualidade do ensino.

O estágio extracurricular foi apontado por 91,7% dos participantes da amostra como fator preponderante para a formação profissional. Esse dado reúne, portanto, tantos os bibliotecários que avaliaram o curso negativamente, quanto àqueles que se disseram satisfeitos com sua formação acadêmica. Os depoimentos a seguir demonstram o papel desse componente educacional na formação dos bibliotecários.

As aulas teóricas foram importantes, assim como as práticas, porém os estágios nos dão uma visão mais clara da necessidade da profissão. (Caso 8 - Bibliotecário escolar).

Os estágios em empresas e bibliotecas universitárias abriram um leque de possibilidades de organização da informação. (Caso 79 – Bibliotecário universitário).

O contato extra-curso fez-me ver que o curso estava ampliando muito 'a área da Ciência da Informação'. (Caso 74 – Bibliotecário universitário)

A partir dos estágios pude perceber minhas aptidões e confirmar minha escolha. (Caso 34 – Bibliotecário especializado).

Os estágios tiveram melhor impacto na minha formação. (Caso 28 – Bibliotecário especializado).

Foi nos estágios que realmente aprendi o que era uma biblioteca. (Caso 50 - Bibliotecário público).

O estágio no curso de graduação em Biblioteconomia tem se revelado como uma fonte de renda para apoio a subsistência dos alunos e, do ponto de vista dos empregadores, essa opção também se revela como uma alternativa menos onerosa para prover auxiliares de biblioteca, ao mesmo tempo assegurando uma mão de obra semi-especializada nas organizações, como já foi dito na apresentação dos dados. Uma inferência sobre o significado do estágio para os alunos de Biblioteconomia é que este representa uma oportunidade de consolidação do capital intelectual do estudante, no momento que este tem no estágio a sua única possibilidade de experimentar, no fazer, o conhecimento especializado da sua área ao qual foi apresentado nas aulas teóricas. Isso decorre das condições precárias do ensino, da ausência de bibliotecas e de laboratórios adequadamente estruturados nos cursos, onde práticas assistidas e mediadas por docentes e profissionais seriam relevantes para o aprendizado da profissão.

Como apresentados nos depoimentos, o estágio termina por se tornar mais importante do que o conhecimento teórico apresentado nas aulas. Nesse sentido, o domínio profissional concentra-se essencialmente na experiência empírica em detrimento da reflexão teórica, evocando, como ressaltou Roggau (2006), a prática que deu origem a este campo profissional.

Essa situação de ausência de condições adequadas ao ensino de qualidade reforça o exercício restrito da técnica, conduzindo a uma compreensão do fazer como um fim em si mesmo. O afastamento do processo de aprendizagem da reflexão teórica, que se dá na associação de teoria e prática, do exercício da crítica e da investigação sistemática, contribui para o distanciamento da biblioteca e de seus profissionais em relação aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos que, conforme Almeida Júnior (2000), Castro e Ribeiro (2004), forjam o contexto histórico, as estruturas e afetam o humano.

As aulas teóricas, com 53,4%, representaram o segundo elemento mais importante na formação, segundo a percepção desses bibliotecários, que destacaram ter se dado nas aulas teóricas o contato com os princípios e fundamentos profissionais, o que foi reforçado pelos depoimentos obtidos no grupo focal.

Por outro lado, pelos depoimentos registrados na página 32 deste trabalho, percebe-se que, no que diz respeito aos fundamentos do fazer bibliotecário, somente as aulas teóricas de algumas disciplinas, a exemplo da Introdução a Biblioteconomia, são as que mais freqüentemente contemplam essa condição essencial para a aprendizagem, o que também acaba por restringir o contato do estudante de Biblioteconomia com as concepções e opções teóricas dos docentes que as ministram.

A apresentação dos fundamentos do fazer bibliotecário não é uma constante ao longo do curso, desse modo ocorre um prejuízo para a construção da identidade profissional. Esse prejuízo inibe e enfraquece a postura consciente e comprometida com a missão do bibliotecário defendida por Ortega Y Gasset em 1935. A compreensão clara dos princípios da profissão por parte do bibliotecário é importante, já que como afirma Rendon Rojas (2007), esses princípios são fundamentais para que se faça frente à manipulação negativa da informação na atualidade.

A sociedade contemporânea apresenta desafios a serem superados pelos bibliotecários como o de atuar em um contexto de desigualdades profundas que gera a infoexclusão, a manipulação das informações, a valorização extrema da técnica em prejuízo do humano e da desinformação que ainda são vigentes na sociedade, como destacaram respectivamente Baggio (2000), Demo (2000), Lazarte (2000), Weil (2000), Sanchez Gamboa (2002) e Kurz (2002). Todas essas barreiras que impedem o trânsito pleno e eficiente da informação devem ser objeto de estudo e reflexão dos bibliotecários e que demandam a sua preparação desde a formação acadêmica para enfrentá-los com sucesso.

Já a educação continuada dos profissionais que integraram essa amostra expressa o desejo dos mesmos em superar deficiências oriundas da graduação, buscando sua inserção social e procurando atender as demandas do contexto contemporâneo no que tange à gestão e aos conhecimentos de informática.

No que diz respeito aos cursos de atualização/aperfeiçoamento, a informática (34,0%) e os temas ligados à Biblioteconomia (25,0%) foram os mais procurados pelos bibliotecários, indicando talvez uma relação de complementaridade. No nível da

especialização cursos buscados dentro das temáticas da administração e da gestão quando somados representam 37,9% dos temas dos cursos eleitos pelos bibliotecários.

Na sugestão de temas importantes para a educação continuada (ver Tabela 13), 55,3% dos respondentes indicaram temas na área de informática. A forma como o fazer profissional vem sendo auxiliado pelas tecnologias da informação e comunicação explica essa eleição do tema como relevante no processo de qualificação profissional. (ARRUDA, MARTELETO E SOUZA, 2000; ARAÚJO E DIAS, 2005; VALENTIM, 2002).

Os temas na área de administração e gestão apontam, talvez, para uma mudança na forma como o profissional se percebe ou deseja ser percebido. A adoção do termo gestão da informação procura definir as atividades inerentes a administração, fornecendo ao bibliotecário um título de relevância, ainda que essa função, na prática profissional acabe, normalmente, afastando a gestão cotidiana das unidades de informação da gestão estratégica que deveria nortear todas as atividades de gestão.

Já em nível de mestrado, apenas 7,5% dos respondentes cursaram ou estão freqüentando algum curso. Esse resultado permite inferir que pode haver uma interferência dos tipos de vínculos empregatícios que acabam por representar barreiras para o ingresso na pós-graduação de *strictu senso*, quando os profissionais enfrentam dificuldades de disponibilidade de tempo contra uma demanda de dedicação exclusiva nesse nível de qualificação.

Os outros temas presentes na educação continuada dos bibliotecários apontam para a compreensão que estes têm da natureza interdisciplinar da área. Essa característica também se faz presente entre aqueles que têm outra graduação (16 - 13,4%).

Os resultados gerais sobre a tendência desses bibliotecários, tanto em buscar a educação continuada quanto em focalizar temas diversos atendendo a característica interdisciplinar da área demonstram uma compreensão quanto a demanda contemporânea desse nível de formação, o que confirma os resultados de Tarapanoff (1997). Esse comportamento mostra ainda a atenção desses profissionais ao que Assmann (2000), Werthein (2000) e Valentim (2002) falaram quanto a necessidade da busca constante da qualificação profissional.

Avaliando a percepção do bibliotecário em relação aos aspectos ligados a sua formação, a necessidade de permanecer trilhando o caminho da educação continuada, não apenas para atualizar seus conhecimentos específicos da Biblioteconomia, mas

também para se introduzir no conhecimento de áreas afins, pode-se inferir que os bibliotecários ouvidos por esta pesquisa parecem experimentar algum sentimento de impotência para o pleno atendimento das exigências do mundo do trabalho. A sua formação acadêmica parece ter sido ineficiente no desenvolvimento de suas competências para o exercício da crítica e investigação sistemática do seu fazer, como também para a realização da observação das condições do entorno que envolve suas atividades.

Isso tem levado esse bibliotecário a buscar a educação continuada para qualificar o seu fazer e conquistar certo grau de segurança, de domínio de novos conhecimentos que lhe permitam avançar no aperfeiçoamento e inovação de suas ações concretas, de modo que possa comprovar socialmente as potencialidades do seu fazer profissional, abrindo assim as condições de aceitação e reconhecimento externo que se revertam em apoio concreto às atividades no local de trabalho e valorização profissional. (VALENTIM, 2002). Por outro lado, esse sentimento observado entre os bibliotecários também pode, em algum nível, estar contribuindo para certa fragilização da sua auto-imagem. Assim, parece que esses profissionais, ao mesmo tempo em que sentem as limitações de sua formação, tentam a superação dessas limitações para alcançar a melhoria do seu fazer, frente às mudanças advindas dos avanços sócio-técnicos.

5.2 MUDANÇAS PERCEBIDAS NO FAZER PROFISSIONAL

O fazer profissional dos bibliotecários foi analisado considerando as atividades de formação e desenvolvimento de coleções, de controle bibliográfico, de atendimento ao usuário, de disseminação seletiva da informação e de chefia. As condições do ambiente de trabalho e o nível de autonomia na tomada de decisão, especialmente no exercício da chefia, pelos bibliotecários foram outros pontos tratados em relação ao fazer profissional.

A automação das bibliotecas foi outro aspecto abordado pelos bibliotecários, indicando que as novas tecnologias conquistaram um lugar de importância no exercício e na consciência profissional. Esse resultado se aproxima aos encontrados por Morigi e Pavan (2005), como também por Morigi e Silva (2006) ao identificarem em suas pesquisas que as tecnologias inseriram novas sociabilidades e mudanças nas práticas, contribuindo para uma nova compreensão do próprio profissional, como reflexo do

contexto contemporâneo e suas demandas para os bibliotecários. (VALENTIM, 1995; CASTRO e RIBEIRO, 1997; ARRUDA, MARTELETO E SOUZA, 2000; MARDERO ARELLANO, 2001; ARAÚJO E DIAS, 2005).

Nas atividades de formação e desenvolvimento de coleções, destacaram-se como as mais realizadas pelos bibliotecários foram a seleção (94,4%), a aquisição (85,3%) e o desbaste (80,7%). Importantes para o desenvolvimento do trabalho bibliotecário, essas atividades nem sempre estão sob a liderança do profissional, considerando a falta de recursos e na administração deles. Além disso, há certa impotência no gerenciamento das comissões que tomam as decisões quanto a seleção e aquisição, assim como sobre a aquisição na modalidade de doação.

Nas atividades de controle bibliográfico, a catalogação (98,2%), a classificação (97,3%), o registro (93,8%) e a indexação (91,2%) foram atividades de alta predominância no fazer bibliotecário, refletindo, por um lado, a grande concentração de tempo do exercício profissional nesses procedimentos. Atualmente, o uso das tecnologias da informação e comunicação tem permitido a forma cooperativa de processar três desses procedimentos.

Por outro lado, essa concentração de tempo sugere que a execução dessas atividades não é meramente mecânica, exigindo o esforço intelectual, contrariando o que no senso comum se costuma afirmar sobre a facilidade que os sistemas inteligentes promovem para a realização da organização da informação. Essa percepção do senso comum conduz a uma percepção reducionista dessa atividade.

Nas atividades de atendimento ao público o treinamento sobre os recursos da biblioteca (86,0%), a orientação para normalização de textos (81,7%), o treinamento para o acesso a bases de dados (75,6%) e a comutação bibliográfica (46,9%) destacaram-se como atividades freqüentemente realizadas pelos bibliotecários. O atendimento ao usuário é uma atividade que permite a visibilidade do profissional, destacando o seu papel de mediador da informação. As possibilidades de identificação e acesso a informação estão diretamente vinculadas às tecnologias e recursos presentes no ciberespaço ou em outras bibliotecas, cujos registros podem ser acessados através da internet. Nesse sentido, Araújo e Dias (2005) chamam a atenção sobre a competência que o profissional deve deter para mediar esse acesso, levando os usuários para os locais em que estão disponíveis informações com maior grau de confiabilidade.

As atividades de chefia pontuam questões bem burocráticas (Tabela 17) que são desenvolvidas pelos bibliotecários quando investidos desses cargos. O clima

organizacional e a autonomia que o profissional deve ter para alcançar um bom desempenho são pré-requisitos ao exercício bem sucedido dessa função. No caso da amostra em questão, que tem entre servidores públicos quase 70% dos respondentes, esse aspecto assume grande relevância. Por outro lado, o provimento da infra-estrutura e dos recursos necessário ao bom funcionamento das bibliotecas não é consistente, nem tampouco tem regularidade. Desse modo, na amostra estudada o exercício da chefia, na maioria das vezes representa a administração de conflitos e a condução de rotinas.

Na pesquisa de Oliveira (1980), a autonomia foi um ponto focalizado como um dos componentes construtores da auto-imagem do bibliotecário. Em sendo assim, a partir dos resultados desta pesquisa, nos quais 44,7% dos respondentes afirmaram participar do processo de tomada de decisão e 26,3% afirmaram participar relativamente, pode-se inferir que vem ocorrendo, ainda que relativamente, a inserção do profissional no processo de tomada de decisão, o que pode favorecer o fortalecimento de uma auto-imagem mais positiva. Porém, quando analisado o resultado que aponta o exercício burocratizado da chefia e fraca inserção do bibliotecário na gestão de pessoas (2,7%), percebe-se que ainda há elementos que permanecem influenciando negativamente no exercício da gestão na área, o que provavelmente se configura como uma barreira no avanço da construção de uma auto-imagem positiva.

Os resultados referentes às relações interpessoais dos bibliotecários com os vários segmentos que interagem nas bibliotecas destacam a existência de uma boa relação com seus superiores hierárquicos, com outros profissionais e com os usuários (Tabela 25), sugerindo que pode estar ocorrendo uma facilitação nos trâmites de comunicação para a resolução de problemas e para o andamento das atividades das bibliotecas.

Por outro lado, na avaliação sobre as condições ambientais no trabalho, 70,8% dos bibliotecários consideraram esse ambiente inadequado (Tabela 21), em razão de fatores como excesso de ruído, má iluminação, temperatura, limpeza e mobiliário inadequados (Tabela 22), o que exigiria certo enfrentamento que, em alguns casos, acabaria por gerar relações conflituosas com os superiores hierárquicos. Assim sendo, esses dados permitem o questionamento quanto à percepção positiva do relacionamento com os superiores. Parece contraditório que esses profissionais tenham a avaliação negativa das condições ambientais, que para eles afetam o desempenho de suas atividades (84,7%) e prejudicam a saúde tanto deles quanto dos usuários da biblioteca (15,3%), sem que situações de enfrentamento sejam vividas na tentativa de modificar tal

cenário caótico. Frente a isso, desdobra-se desta análise a questão do quanto tal contradição, aparentemente não verbalizada, não elaborada e pouco consciente, pode estar agindo de modo subjacente na construção ou manutenção de uma auto-imagem desfavorável, frente a uma postura “indiferente” e o sentimento de impotência que esta acaba causando.

Quanto às contribuições do emprego das tecnologias de informação e comunicação no fazer bibliotecário, 108 dos respondentes formalizaram suas percepções sobre o uso dessas tecnologias nas bibliotecas, destacando o favorecimento na disseminação, busca e recuperação da informação (71,3%), além da contribuição para o controle, rapidez e padronização dos processos (52,8%) e a racionalização do tempo e dos recursos (18,5%), conforme foi apresentado na Tabela 20.

Assim, a avaliação dos profissionais foi bastante positiva, embora uma parcela deles (10,0%) tenha ressaltado que estas ainda não foram plenamente exploradas para o desenvolvimento das atividades bibliotecárias. Em razão das informações prestadas anteriormente pelos profissionais quanto às suas condições de trabalho, pode-se supor que estas se estendam a própria infra-estrutura material da biblioteca que envolve, por sua vez, os recursos de informática necessários a uma exploração mais intensa das tecnologias na inovação dos serviços e produtos da biblioteca, fortalecendo, em especial, o serviço de referência como defende Mardero Arellano (2001). Este resultado acaba por estabelecer também um contraponto às previsões de Araújo e Dias (2005) de que essas tecnologias permitiriam o renascimento da disseminação seletiva da informação.

As novas tecnologias de informação e comunicação, de algum modo já estão presentes nas bibliotecas especializadas e universitárias. No entanto, para as escolares e públicas a automação ainda não é uma realidade concreta. Isso se deve às diferenças estruturais desses tipos de bibliotecas. As escolares têm a desvantagem de não estarem organizadas em sistemas de bibliotecas, que possibilitam ações mais sistematizadas no investimento da automação. Além disso, essas e as públicas dependem em alto grau da vontade política dos governantes estaduais e municipais, já que o país carece de uma política de informação consistente que abarque o conjunto total de bibliotecas que atendem a sociedade em todas as suas instâncias.

Desse modo, esses resultados apontam para certa dualidade que parece permear as atividades bibliotecárias. Por um lado, as tecnologias trazem a possibilidade da prestação de serviços de qualidade, refinando a organização da informação e

tornando ágil o atendimento ao usuário. Mas, por outro, a ausência de políticas públicas de fomento, de permanência de projetos dessa natureza e da conseqüente carência e ausência de adequação e manutenção da infra-estrutura acabam gerando frustração, colocando o bibliotecário entre a esperança quanto à potencialidade de aperfeiçoamento e renovação do seu fazer, com conseqüente valorização e maior visibilidade social da sua profissão, e o niilismo e a imobilidade por ele gerado. Possivelmente essa dualidade seja uma fonte mantenedora de abalos na auto-imagem do bibliotecário.

5.3 IMAGEM SOCIAL E AUTO-IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO

A imagem do bibliotecário ora é tratada como tema específico de pesquisas ou abordada de maneira incidental na literatura, como pôde ser visto no capítulo dois deste estudo. As discussões sobre ela são sazonais, com períodos que destacam a sua relevância, seja na formação, na busca por um perfil e das competências para o bom exercício profissional, ora ela é tratada como sub-tema ou tratada perifericamente nos estudos da área.

Como neste trabalho se pretendeu identificar a auto-imagem do bibliotecário, constatou-se a importância de se verificar qual a percepção desses profissionais sobre a sua imagem social, já que a auto-imagem recebe influências do meio, dos sistemas de formação, dos estereótipos e da compreensão que a sociedade tem sobre o papel do profissional.

Assim, quando perguntados sobre a imagem social do bibliotecário, 62,9% avaliaram que a sociedade não compreende bem o papel desse profissional. O posicionamento que analisa de forma relativa essa percepção pontua que ocorre certa compreensão (28,9%), o que pode variar de acordo com o tipo de biblioteca e das atitudes profissionais (13,5%) adotadas.

Essas três percepções acabam explicando a dispersão da visão que o bibliotecário tem sobre o papel social mais característico e marcante do seu fazer na compreensão da sociedade. Na indicação deles há uma distribuição percentual equivalente entre as características de mediador da informação (27,2%), de guardião de livros (23,3%) e de disseminador da informação (20,8%) e, até mesmo quando destacaram a inexistência de uma imagem social (14,2%) ou que ela está em evolução (6,4%). A imprecisão dessas definições observadas pelos percentuais semelhantes entre

essas categorias sugere a impossibilidade de se definir qual a imagem que os bibliotecários acreditam ser socialmente a mais representativa da sua profissão.

Embora se revele a grande dificuldade de se definir uma imagem do profissional bibliotecário, o caminho para conhecê-la passa pela análise das funções sociais dos papéis que ele desenvolve. Desse modo, o foco mais importante dessas discussões, talvez devesse estar sob o sentido do fazer profissional, mais do que sobre as atividades especializadas propriamente ditas, ou ainda acerca do aparato tecnológico que as sustentam. Enfim, o debate mais promissor deveria concentrar-se na função social do profissional ou, como destaca Targino (1997), na análise do fazer bibliotecário, focalizando o significado de suas atividades para ele próprio e para a sociedade.

A não compreensão do papel social do bibliotecário e, conseqüentemente, a difícil percepção do próprio profissional quanto à compreensão que a sociedade tem do seu trabalho, também deve estar relacionada com a posição contraditória que os diversos tipos de bibliotecas ocupam na sociedade brasileira. Enquanto as bibliotecas especializadas são mais valorizadas e bem estruturadas, as bibliotecas públicas e as escolares enfrentam as mais variadas dificuldades para atender adequadamente as necessidades de informação da população, sugerindo que, além das especificidades dos usuários e suas necessidades informacionais, há interesses bastante próprios de acordo com o estrato social de comunidade usuária. Essa posição contraditória pode ser a causa dessa visão imprecisa que a sociedade tem acerca do trabalho do bibliotecário. Isso reforça o que afirma Souza (2006, p. 38), quando este diz “[...] que a visibilidade do bibliotecário tem relação direta, sobretudo, com o modo como a sociedade está organizada economicamente (sobretudo pelo tamanho e pela complexidade de produção de bens e serviços).”

Quando procuraram expressar as razões pelas quais acreditam que a sociedade não compreende bem o papel do profissional, alguns participantes da pesquisa justificaram que:

A sociedade não compreende que o bibliotecário tem algum papel no contexto da sociedade da informação e isso é reflexo da falta de marketing do profissional. (Caso 71 – Bibliotecário universitário).

[Isso] precisa se mais discutido. Acho que a sociedade, sabe muito pouco desse profissional. Ação: ICI, CRB, Estado [sugerindo a ação integrada das entidades representativas da área]. (Caso 40 – Bibliotecário público)

As percepções desses bibliotecários, no que diz respeito à consciência da importância do seu trabalho confirmam os resultados de Oliveira (1980) que mostraram a existência de uma crença desse profissional na natureza intelectual da sua atividade e na utilidade social dela.

Isso também se confirma nas indicações que os participantes desta pesquisa fizeram sobre qual seria a imagem social mais representativa do bibliotecário e a sua própria compreensão sobre as características da sua atividade, revelando uma percepção com contornos difusos quanto ao entendimento que a sociedade tem e àquela que o profissional guarda do seu exercício. Esses resultados parecem indicar uma dissociação entre os limites que se apresentam no seu fazer concreto e a sua crença quanto a potencialidade dele. Por compreenderem a natureza intelectual do seu fazer e o potencial da profissão na execução de atividades de mediação, disseminação, gestão, educação e ação social, o bibliotecário mantém a crença que Oliveira identificou existir em sua pesquisa realizada na década de 1980.

Há uma possibilidade de que tal crença se fortaleça através da experiência profissional que, ao longo do tempo, permite que o bibliotecário identifique as potencialidades do seu trabalho, como verificou Walter em sua pesquisa concluída em 2008 e na qual constatou que no seu exercício profissional, o bibliotecário constrói uma identidade positiva do seu trabalho.

Os papéis de disseminador e mediador da informação colocam o fazer profissional numa postura ativa e disponível para o usuário. De maneira especial o papel de mediador se inscreve na missão proposta por Ortega Y Gasset (2006) para os bibliotecários. A mediação pode e deve ser praticada em todas as atividades bibliotecárias e não apenas naquelas voltadas diretamente para a indicação de fontes de informação. Desse modo, a gestão, a organização da informação, a interface com bases de dados e recursos eletrônicos se inserem na mediação direta ou indireta.

O papel de guardião de livros remete para o bibliotecário preocupado com a preservação e o armazenamento. Tais funções são necessárias e continuam tendo sua relevância, posto que a preservação não é um fim em si mesma, mas visa o acesso ao longo do tempo. O papel de curador como ressaltam Baptista e Brandt (2006) está ligado ao controle que durante décadas caracterizou o fazer dos bibliotecários. A referência ao bibliotecário como guardião de livros alia-se, no entanto, a uma imagem que denota imobilismo, como se no campo não ocorressem avanços, que de fato

ocorrem, modificando os papéis do profissional, sem que, como concluiu Silveira (2008), haja alterações perceptíveis em seu fazer.

De outro modo, procurou-se ainda compreender as próprias percepções dos bibliotecários sobre o seu fazer profissional, buscando entender os pontos de convergência entre aquilo que eles imaginam que a sociedade pensa sobre isso e a sua auto-compreensão como profissionais.

Assim, observou-se que a maioria dos participantes entende que o bibliotecário, no seu exercício profissional, caracteriza-se como um gestor da informação (41,7%), como um educador (38,4%) e como um agente social (29,7%).

A característica de gestor, nas duas dimensões trazidas por Ramos (1996), aponta para um trabalhador que tem ou quer ter autonomia sobre o seu fazer. Seja implementando as políticas da instituição onde trabalha, introduzindo na escala da biblioteca as micro-políticas para se alcançar o objetivo geral da instituição, ou, então, agindo no nível operacional, buscando atingir a eficiência de suas ações.

Ser gestor requer habilidades ligadas à liderança e às relações interpessoais, como também conhecimento intrínseco da área na qual atua e da instituição onde trabalha. O exercício da gestão envolve, portanto, a busca de competências gerenciais para que os trabalhos possam ser conduzidos com habilidade.

Já a percepção do fazer bibliotecário relacionado ao de um educador ou de um agente social denota o entendimento do profissional de que o seu saber-fazer deve estar ou já está alinhado com a formação do cidadão, enfim com face mais social da profissão. A união dessas duas percepções perfaz um total de 88 respondentes, o que representa que 73,4% deles (38,4% educador e 35,0% agente social) estão conscientes do seu papel social.

A função de educador ligada aos bibliotecários associa esses profissionais às práticas de incentivo a leitura das bibliotecas escolares e públicas. Em um sentido mais geral, podem-se associar as atividades do bibliotecário de referência como eminentemente educativas. Por outro lado, a competência em informação preconiza tanto questões que caracterizam a função educativa do bibliotecário, como também as de agente social desse profissional. De certo modo, quando a competência em informação é abordada de modo mais amplo, e não no sentido restrito da capacitação para a busca e o uso de informações especializadas, ela se posiciona no cerne do cunho humanista das práticas do serviço de referência.

Os papéis de agente social e de educador caracterizam o bibliotecário comprometido com a mudança social. De certo modo, o papel de agente social engloba o de educador e torna-se mais próximo das atividades biblioteconômicas porque perpassa todo o fazer do bibliotecário, embora esse vínculo torna-se mais evidente quando se trata do desenvolvimento da competência em informação. Abordando a competência em informação, Dudziak (2007) toca na função social do bibliotecário, como aquele profissional que nas suas atividades pode contribuir para dotar o cidadão de autonomia no manuseio da informação.

As atividades do serviço de referência põem em evidência as funções de educador e de agente social do bibliotecário, em função de que elas estão diretamente voltadas para o apoio ao usuário, na construção do seu conhecimento e na consolidação da sua cidadania, como ilustram as citações de algumas percepções manifestadas pelos participantes da pesquisa:

O papel do bibliotecário está diretamente relacionado ao fator conhecimento, a informação, que gera ação, e que constitui o mais importante recurso de agregação de valor. (Caso 22 – Bibliotecário especializado)

O papel do bibliotecário na sociedade pós-moderna é de fundamental importância para diminuir o abismo social que separam os ‘privilegiados’ dos ‘excluídos’ social, econômica, política e culturalmente.. (Caso 25 – Bibliotecário especializado)

Tenho trabalhado muito com as bibliotecas comunitárias e, nesse meio, o bibliotecário quando há, é visto como um agente social ou comunitário. (Caso 32 – Bibliotecário especializado).

A fala desses bibliotecários é eloquente no sentido de precisar uma postura política frente ao momento contemporâneo. Nesse sentido, elas se associam àquelas manifestadas por Rendon Rojas (2007) e por Sanchez Gamboa (1997) ao tocarem na questão da desinformação entre a maioria da população, mesmo quando se vive na chamada “Sociedade da Informação”.

Por outro lado, percebe-se que as três funções destacadas pelos bibliotecários como aquelas que estes acreditam melhor caracterizar o seu fazer profissional, exigem a implantação de um projeto político que aponte para a sociedade o potencial bibliotecário para exercício pleno e promissor dessas funções, permitindo maior visibilidade para os bibliotecários, como destaca Souza (2006).

No entanto, ao lado de um projeto político, torna-se relevante que, a partir das características inerentes ao trabalho bibliotecário, se invista no desenvolvimento de

competências e habilidades que instrumentalize esse profissional para o cumprimento de suas funções sociais.

Quando indagados sobre quais seriam, na opinião deles, as habilidades mais importantes para o exercício profissional, a maioria destacou a flexibilidade (84,4%); o hábito de leitura (83,4%), a habilidade para resolver problemas e o senso de organização (81,7%), como também o espírito investigativo (80,4%), o dinamismo e a criatividade (80,0%). Percebe-se que há uma correspondência entre as habilidades destacadas e as funções mencionadas anteriormente.

A flexibilidade, o hábito de leitura, habilidades para solucionar problemas, senso de organização, espírito investigativo, dinamismo e criatividade são elementos necessários ao papel de gestor, mediador, disseminador da informação, educador e agente social.

Na livre indicação de características e habilidades (Tabela 29) os bibliotecários privilegiaram habilidades para o atendimento ao usuário (48,8%), a habilidade com informática (14,2%) e a cultura geral (14,2%). A habilidade para o atendimento ao público revela uma atitude do profissional em se voltar para uma atividade na qual, historicamente não tem se destacado, já que o serviço de referência e a própria figura do bibliotecário de referência são um tanto quanto ausente do atual cotidiano das bibliotecas.

Todas essas habilidades, de um modo geral, refletem as exigências desse momento histórico de intensas mudanças, no qual aprender é uma atividade que deve ser constante para que se possa continuar atuando no mercado de trabalho. Conforme Valentim (2000) as competências e habilidades devem ser desenvolvidas na formação e na experiência profissional, sendo que na formação acadêmica esse desenvolvimento deve se dar de modo mais dirigido, cabendo ao bibliotecário, buscar enriquecer sua experiência profissional na educação continuada que lhe permita o aprimoramento dessas competências e habilidades.

Em uma perspectiva deontológica, assim como os demais profissionais, os bibliotecários devem estar comprometidos com a qualidade dos serviços que prestam e fazer uso das melhores ferramentas para promover a seleção, o tratamento, a organização, a guarda, a disseminação e a mediação da informação. Na relação entre a ética e a aquisição de competências e desenvolvimento de habilidades reside a possibilidade de redimensionamento da auto-imagem do bibliotecário e, conseqüentemente da sua imagem social.

A coerência entre a auto-imagem e a imagem social do bibliotecário depende das mudanças que se possa promover no fazer concreto do bibliotecário que, para ser bem sucedido exige a superação dos limites postos a ele e ao mesmo tempo o atendimento das necessidades de informação que a sociedade apresenta.

Nesse sentido a Figura 4 tenta representar a dinâmica das relações entre os elementos que se acredita interferir na auto-imagem e, conseqüentemente no próprio fazer do profissional bibliotecário.

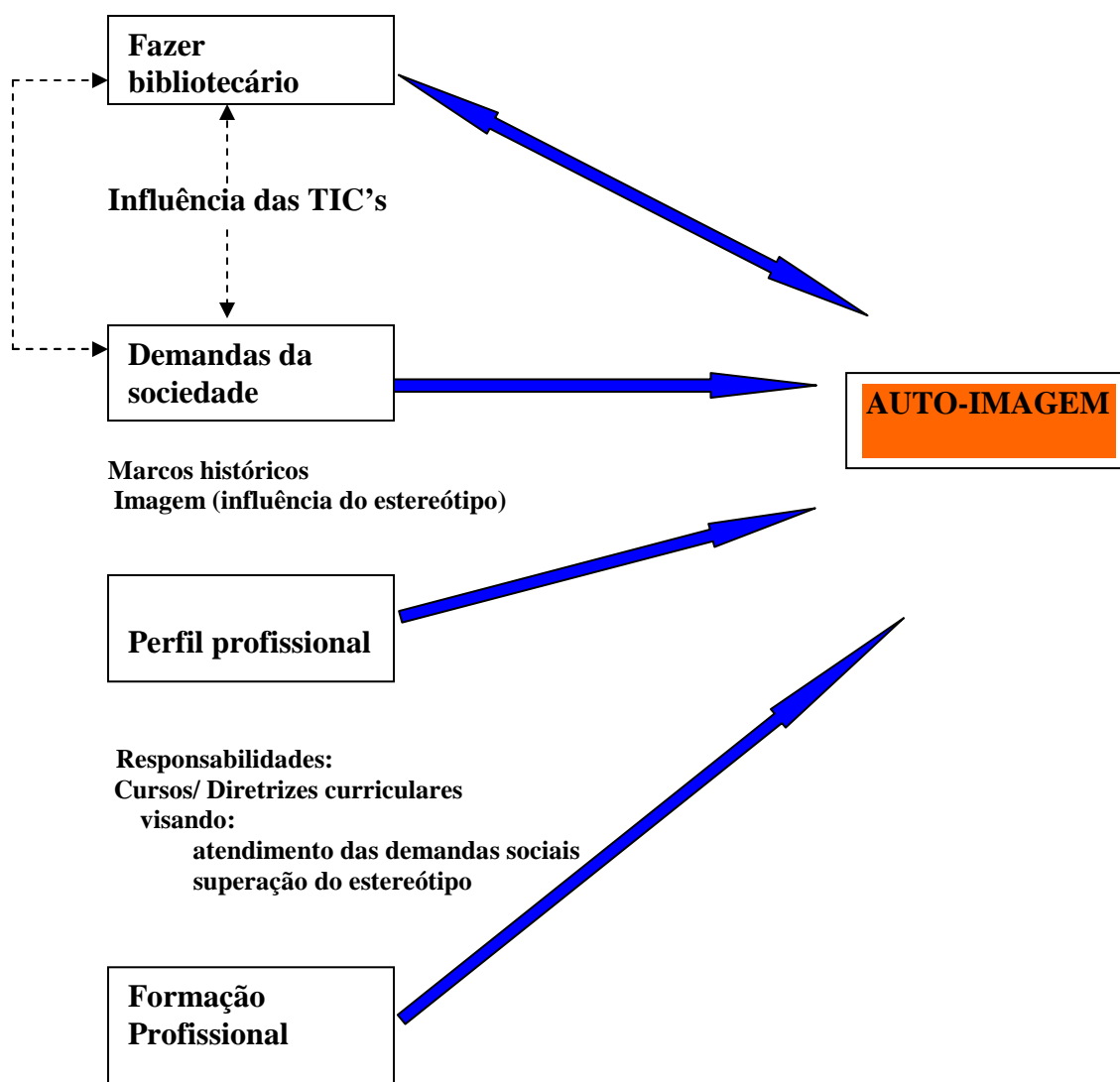


Figura 4 – Representação gráfica da dinâmica das relações entre os elementos constitutivos da auto-imagem do bibliotecário

Há um processo de retro-alimentação entre o fazer bibliotecário e a auto-imagem desse profissional. Entretanto, esse processo não é tão linear quanto se imagina. As mudanças na sociedade, que ocorrem ao longo do tempo e sob as influências dos marcos históricos geram necessidades que apresentam novas exigências ao trabalho com a informação. Esses marcos terminam por forjar uma imagem social diferenciada ao longo do tempo. Na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na contemporaneidade essas necessidades se diferenciaram levando a certas alterações na imagem do bibliotecário. Se na Idade Média essa imagem estava relacionada ao guardião dos livros, com a Modernidade, as demandas de disseminação e acesso a informação de qualidade no fomento para o desenvolvimento científico e tecnológico deram nos contornos ao fazer bibliotecário, não mais restrito ao armazenamento e guarda de livros. Na contemporaneidade, especialmente sob a influência das tecnologias, novas demandas surgiram, levando o bibliotecário a trilhar novas fronteiras que expandem as esferas do seu objeto de trabalho.

Essas necessidades repercutem na imagem social do bibliotecário. Contudo, ainda que essa imagem sofra alterações, a força do estereótipo mantém-se agindo como um freio da evolução positiva que poderá fortalecer e trazer maior valorização do profissional.

Como em uma luta de resistência, os cursos e associações de ensino e de classe, esforçam-se na busca de uma auto-avaliação para redefinir o perfil dos egressos que orientará as reformulações curriculares que buscam adequar a formação acadêmica, de modo a assegurar que os profissionais possam, no exercício profissional, responder positivamente às exigências e demandas sociais. Com isso acredita-se estar vencendo as barreiras que freiam a construção de uma imagem social mais favorável, que suplante ou reduza a força negativa do estereótipo.

6 CONCLUSÃO

Após o esforço de investigação para identificar a auto-imagem do bibliotecário, as informações obtidas no processo de coleta e análise dos dados, demonstraram que esse objetivo só pode ser alcançado parcialmente, já que para tanto seriam necessários estudos de longo alcance, empregando-se metodologias e fundamentos teóricos de outras áreas, em especial da Psicologia. No entanto, os resultados atingidos neste estudo autorizam a afirmação de que há traços que insinuam os contornos dessa auto-imagem.

A formação acadêmica do bibliotecário é um dos elementos de força determinante na construção da auto-imagem. Neste estudo observou-se uma insatisfação com essa formação que manteve distante os fundamentos teóricos da área do exercício concreto do seu fazer, não favorecendo a análise crítica das práticas profissionais em associação, tanto com os fundamentos quanto com os entornos relacionados ao meio social no qual e para o qual estas são desenvolvidas. Na tentativa de superar esse limite e melhor qualificar-se, o bibliotecário tem buscado se apoiar na educação continuada, mais intensamente em nível de especialização.

Nesse mesmo movimento de superação, as entidades de classe, de representação da área do ensino e os próprios cursos instituídos no Brasil têm procurado avaliar periodicamente a estrutura curricular, as diretrizes e a infra-estrutura para a concretização de projetos pedagógicos que permitam a formação mais coerente com as exigências contemporâneas. Como resultado disso, a formação acadêmica tem sido direcionada a consolidação de um novo perfil profissional. Parece, entretanto, que esse esforço necessita de uma complementação, com a avaliação mais direta no fazer docente que efetivamente coloca em execução tais projetos. O ambiente pedagógico e seus sujeitos guardam uma dinâmica própria que precisa ser conhecida e melhor compreendida para a objetivação dessas diretrizes e parâmetros de qualidade que se busca na formação.

As mudanças na sociedade contemporânea, especialmente sob as influências das novas tecnologias, também se revelaram como outro fator determinante da auto-imagem, em razão de que elas apresentam exigências patentes de redimensionamento do trabalho com a informação. No entanto, não têm ocorrido alterações substanciais na melhoria das atividades realizadas no âmbito das bibliotecas, independentemente do seu tipo, embora os bibliotecários afirmem que essas tecnologias têm contribuído

significativamente para auxiliar a execução do seu trabalho, racionalizando o tempo de tratamento e organização da informação, assim como facilitando a disseminação e o acesso. Mas, por outro lado, eles também expressam uma consciência de que tais recursos ainda precisam ser mais bem explorados no fazer bibliotecário, o que talvez esteja interferindo na visibilidade social do próprio potencial da profissão.

As demandas que emergem dessas mudanças conduzem as entidades representativas da área, tanto do ensino e pesquisa, quanto do registro e fiscalização do exercício profissional ao esforço de investigação, re-estruturação dos currículos e do perfil almejado pela formação acadêmica, buscando superar as barreiras impeditivas da construção de uma imagem social de maior valorização.

Esses três elementos: a formação acadêmica, as demandas da sociedade decorrentes das suas mudanças históricas e a tentativa de redefinição do perfil profissional orientando a formação voltada ao atendimento das necessidades sociais são fatores constitutivos da auto-imagem. Esta, por sua vez, influencia e é influenciada pelo fazer bibliotecário, que enfrenta o paradoxo existente entre o estado permanente de carências de recursos e de infra-estrutura para o desenvolvimento das atividades das bibliotecas e as exigências da sociedade, assim como as potencialidades decorrentes das mudanças sociais que acabam por estimular o bibliotecário a agir no sentido de expandir os horizontes da sua profissão. Isso faz com que o bibliotecário, no âmbito da sua percepção, construa uma consciência dual.

Assim, conclui-se que, embora o bibliotecário identifique as potencialidades do seu fazer e creia no valor social da sua profissão, ele percebe os limites que impedem e frustram a conquista do seu reconhecimento social, já que a sociedade não é plenamente atendida em suas necessidades, o que provoca uma crise de identidade. Como resultado dessa crise há uma tendência a inibição de atitudes e comportamentos capazes de transformar esse cenário adverso, impulsionando os avanços da área e conseqüentes desdobramentos positivos no fazer e na valorização profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Júnior, Osvaldo Francisco de. **A imagem do bibliotecário – I**. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/pessoais_conteudo_print.php?cod+8>. Acesso em: 28 jan. 2008.

_____. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p.31-51.

_____. Formação, formatação: profissionais de irformação produzidos em série. In: VALENTIM, Lígia Marta Pomim. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p.133-142.

AQUINO, Mirian de Albuquerque . A problemática dos indivíduos, suas lutas e conflitos no turbilhão da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.202-221, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v.12n.2/13pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2009.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade de informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, Marlene, coordenador. **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2005. p.111-122.

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.3, p.14-24, set./dez. 2000.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.1-15, maio/ago. 2000.

BAGGIO, R. A sociedade da informação e a infoexclusão. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.16-21, maio/ago. 2000.

BAPTISTA, Sofia Galvão,; Brandt, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp. p. 21-40, 2006.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Regimes de visibilidade dsa práticas do profissional bibliotecário. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA D INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. 1 CD ROM

BORGES, Maria Alice G. A compreensão da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.3, p.25-32, set./dez.. 2000.

- CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.3, p.33-39, set./dez. 2000.
- CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.
- CASTRO, C A., RIBEIRO, M. S. P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p.41-52, jan./jun.2004.
- _____. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. **Transinformação**, v.9, n.1, p.17-25, jan./abr. 1997. Disponível em:
<http://revistas.puc_campinas.edu.br/transinfo/view>. Acesso em: 16 maio 2009.
- COELHO NETO, José Teixeira. **Do paradigma do acervo para o paradigma da informação**. Disponível em: <
http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteudo.php?cod=27>. Acesso em: 10 dez. 2004.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.1, p. 71-89, jan./abr. 2000.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.37-42, maio/ago. 2000.
- DUDZIAK, E. A. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. Ponto de Acesso, Salvador, v.1, n.1, p.88-98, jun.2007. Disponível em:
<<http://www.poralseer.ufba.br>> Acesso em: 20 maio 2009.
- FIGUEIREO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.21, n.3, p.186-191, set./dez. 1992.
- FONSECA, Edson Nery da. **A imagem do bibliotecário em Arcimboldo e Rimbaud**. Palavra-Chave, São Paulo, n.2, p.4-5, 1982. Disponível em:
<[http://cademica.extrlibis/bibliotecario/a_imagem do bibliotecario_em_a.html](http://cademica.extrlibis/bibliotecario/a_imagem_do_bibliotecario_em_a.html)>. Acesso em: 5 set. 2006.
- FREITAS, Lídia Silva de. A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.12, n.2, p.1-23, 2002. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 11 set. 2006.
- KAKU, Michio. A nova riqueza das nações. **Veja especial tecnologia**, São Paulo, n.71, p. 76-79, jul. 2006.
- KELLY, Kevin. A biblioteca universal. **Veja especial tecnologia**, n. 71, São Paulo, p.42-45, jul. 2006.

KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento. Tradução Marcelo Rondinelli. 7 f. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/textos_gerais_texto06.html>. Acesso em: 12 maio 2003.

LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.43-51, maio/ago. 2000.

LEMAITRE, Renée. **A imagem do bibliotecário e documentalista em filmes e livros**. Palavra-Chave, São Paulo, n.2, p.6-7, 1982. Disponível em: <http://academica.extralibris.info/bibliotecarioo_bibliotecario_em_filmes_e_li.html>. Acesso em: 21 set. 2006.

MARDERO ARELLANO, M. A. Serviços de referência virtual. **Ci. Inf.**, Brasília, v.30, n.2, p.7-15, maio/ago. 2001.

MIRANDA, Antonio. Cecily ou a missão do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.7-18, mar., 1978.

MORIGI, V. J.; PAVAN, C. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.33, n.1, p.117-125, jan./abr. 2004.

MORIGI, V. J. ; SILVA, M. L. Paradigma tecnológico e representações sociais dos bibliotecários sobre o seu papel e suas práticas no contexto da sociedade da informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 15, n.1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.informacoesociedade.ufpb.html>>. Acesso em: 28 ago. 2006.

NISKIER, Arnaldo, **LDB: a nova lei da educação**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira, 1983.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre a biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **Datagramazero**, Campinas, v.5, n.5, out./2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 4 nov. 2007.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução e posfácio de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF, Briquet de Lemos/Livros, 2006. 82 p.

RAISH, Martin, **Librarians in the movies: na annotated filmography**. Disponível em: <<http://empbyui.edu.raishm/films/introduction.html>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

RENDON ROJAS, M. A. Los valores sociales y politicos dentro del paradigma bibliotecológico en la era de la información. **Transinformação**, Campinas, v.19, n.1, p.9-18, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://revistas.puc_campinas.edu.br/transinfo/view>. Acesso em: 5 maio 2009.

ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecários, El estereótipo y la comunidd. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n.15, p.13-34, 2006. Disponível em:

<http://www.acesmylibrary.com/coms2/summary_0286-321148999_itm>. Acesso em: 31 out. 2007.

SANCHEZ GAMBOA, S. Revolução informacional: pontos de vista para o debate sobre a sociedade da informação. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, p.32-42, jan./abr. 1997. Disponível em: <http://revistas.puc_campinas.edu.br/transinfo/view>. Acesso em: 16 maio 2009.

SILVA, Helena de Fátima Nunes; BUFREM, Leilah, Santiago. A biblioteca entre o subjetivo e metáfora. **Transinformação**, Campinas, v.10, n.1, jan./abr. 1998. Disponível em: <<http://puccamp.br/~biblio/transinforacao/old/vol0n01pag97.htm>>. Acesso em: 16 jan.2002.

_____. **A biblioteca e suas representações**: análise das representações de alunos e professores da UFPR. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/doc/pt/044.doc>>. Acesso em: 20 jun. 2006.

SILVEIRA, F. J. N. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.18, n.3, p.83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.informacoesociedade.ufpb.html>>. Acesso em: 4 fev. 2009.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Bibliotecário in memorian: um canto de morte em feito de psicodrama. *Palavra-Chave*, São Paulo, n.2, p.2-3. Disponível em: <<http://academica.extralibris.info>>. Acesso em: 16 out.2006.

SOARES, Maria de Fátima ; FREIRE, Bernardina, Maria Juvenal. Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas. *Biblionline*, João Pessoa, v.1, n.1, 2005. Disponível em:<<http://www.biblionline.ufpb.br/Arquivos/Arquivo9.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2005.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.16, n.1, p.32-46, jan.:jun , 2006. Disponível em: <<http://informacaoesociedade,ufpb.html>>. Acesso em: 18 out. 2007.

_____. O discurso sobre educação em biblioteconomia e ciência da informação no Brasil: caminhos teóricos-metodológicos para a compreensão . In: CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira, Souza, Francisco das Chagas de. **Comunicação, gestão profissional**: abordagens para o estudo da ciência da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 151-172.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.61-60, maio/ago. 2000.

TARAPANOFF, K. **Perfil do profissional da informação no Brasil**. Brasília, DF: IEL/DF, 1997. p. 77-86.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.7, n.1, p.39-53, 1997.

TEIXEIRA, CENIDALVA Miranda Souza, SCHIEL, Ulrich. A internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.16, n.1, p.65-71, jan./abr. 1997.

VALENTIM, M.L.P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v.0, n.0, p.2-6, jul./dez.1995.

VALENTIM, M. L. P. Atuação e perspectivas profissionais do profissional da informação. In: _____. (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000, p. 135-152.

VALENTIN, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. **Formação do profissional d informação**. São Paulo: Polis, 2002. p.117-132.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008. Orientador Prof^a. Dra^a Sofia Galvão Baptista.

WEIL, P. A Normose informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.61-70, maio/ago. 2000.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.2, p.71-77, maio/ago. 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO: AUTO-IMAGEM DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Atenção: As informações de identificação pessoal serão mantidas em sigilo

Solicito sua colaboração em responder todas as questões.

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Idade: _____ 1.2 Local de trabalho: _____.

2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 Indique a data de conclusão da sua graduação em Biblioteconomia: _____.

2.2 Em relação a sua graduação em Biblioteconomia, você considera que o Curso foi:

Satisfatório Não satisfatório Relativamente satisfatório

Por favor, justifique: _____

_____.

2.3 Que fatores contribuíram ou influenciaram a sua formação profissional?

Aulas teóricas Aulas práticas Estágios extracurriculares

Eventos promovidos pelo Curso Eventos indicados pelo Curso

Participação em pesquisas docentes Outros _____

Por favor, justifique: _____

_____.

2.4 Você concluiu outro curso de nível superior? Sim Não

Caso tenha respondido sim, informe qual: _____.

3 EDUCAÇÃO CONTINUADA

3.1 Nos últimos anos você tem participado de cursos para sua educação continuada? Sim Não Indique o tipo e informe a área:

Atualização/aperfeiçoamento Concluído Em curso

Área do curso: _____.

Especialização Concluído Em curso

Área do curso: _____.

Mestrado Concluído Em curso

Área do curso: _____.

Doutorado Concluído: Em curso

Área do curso: _____.

3.2 Comente a contribuição da pós-graduação para sua vida profissional:

 _____.

3.3 Em sua opinião quais seriam os temas mais importantes a serem estudados em um processo de educação continuada?

 _____.

4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

4.1 Informe qual ou quais das atividades/funções abaixo você desenvolve ou já desenvolveu. Pode assinalar quantas opções forem necessárias.

Atividade de formação e desenvolvimento de coleções

Seleção

Aquisição (compra, doação, permuta).

Desbaste

Intercâmbio

Outras Por favor, indique: _____.

Atividade de controle bibliográfico

Registro

Catalogação

Classificação

Indexação

Outras Por favor, indique: _____.

Atividade de atendimento a usuários

Treinamento sobre os recursos da biblioteca

Orientação para normalização

- Treinamento para acesso a base de dados
- Comutação bibliográfica
- Outras Por favor, indique: _____.

Atividades de chefia

- Planejamento de serviços e atividades
- Projetos
- Diagnósticos
- Planejamento de *layout* de biblioteca
- Relatórios
- Outras Por favor, indique: _____.

Atividades de disseminação seletiva da informação:

- Alertas bibliográficos
- Bibliografias
- Catálogos
- Guias
- Outras Por favor, indique: _____.

4.2 A biblioteca em que você atua já é automatizada? Sim Não
Em sua opinião, qual a contribuição da automação, para o melhor desenvolvimento de suas atividades profissionais?

4.3 Como você avalia o uso das novas tecnologias de informação e comunicação nas bibliotecas?

4.4 Com relação ao seu ambiente de trabalho existem aspectos que você considera inadequados?

- Sim Não Relativamente Caso tenha respondido sim, indique quais:
 Limpeza Iluminação Mobiliário Ruído Temperatura Outros
 Esses aspectos dificultam sua atuação e satisfação profissional?

4.5 Você tem oportunidade de participar do processo de tomada de decisão na biblioteca? Sim Não Relativamente

Comente, por favor: _____

5 A IMAGEM DO BIBLIOTECÁRIO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

“Sociedade da informação” designa um estado geral caracterizado pelo elevado número de atividades produtivas, sociais, políticas e de lazer que dependem da gestão de fluxos informacionais, aliado ao intenso uso das chamadas tecnologias de informação e de comunicação.

5.1 Considerando a importância dada à informação atualmente, como você avalia a compreensão da sociedade quanto ao papel do bibliotecário nesse contexto?

5.2 Buscando compreender como vêm ocorrendo as relações interpessoais do Bibliotecário no seu local de trabalho, gostaria que você explanasse sobre as mesmas nas seguintes instâncias:

- Superiores hierárquicos: _____

- Outros profissionais ou setores da instituição: _____

- Usuários da biblioteca; _____

5.3 Para você qual a imagem social do bibliotecário mais representativa atualmente?

Nas questões seguintes você poderá assinalar mais de uma opção.

5.4 Você entende que o bibliotecário no seu exercício profissional é:

- | | |
|--|---|
| Agente social <input type="checkbox"/> | Cibertecário <input type="checkbox"/> |
| Documentalista <input type="checkbox"/> | Educador <input type="checkbox"/> |
| Gestor da informação <input type="checkbox"/> | Guardião de livros <input type="checkbox"/> |
| Intérprete dos cenários de informação <input type="checkbox"/> | Processador de informações <input type="checkbox"/> |
| Outras <input type="checkbox"/> Indique, por favor: _____. | |

5.5 Assinale as características e habilidades pessoais que você tem e considera inerentes ao bibliotecário:

- | | |
|---|---|
| Agilidade mental <input type="checkbox"/> | Boa memória <input type="checkbox"/> |
| Criatividade <input type="checkbox"/> | Dinamismo <input type="checkbox"/> |
| Espírito investigativo <input type="checkbox"/> | Flexibilidade <input type="checkbox"/> |
| Habilidade de comunicação oral <input type="checkbox"/> | Habilidade para resolver problemas <input type="checkbox"/> |
| Hábito de leitura <input type="checkbox"/> | Liderança <input type="checkbox"/> |
| Motivação interna <input type="checkbox"/> | Objetividade <input type="checkbox"/> |
| Sensibilidade <input type="checkbox"/> | Senso de organização <input type="checkbox"/> |
| Visão política <input type="checkbox"/> | Outras <input type="checkbox"/> _____. |

5.6 Indique livremente quais características e habilidades você acredita que a sociedade espera que o bibliotecário tenha para um bom desempenho profissional:

Agradeço desde já sua colaboração!

APÊNDICE B

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DOS DADOS

Autorizo a mestranda Alda Lima da Silva a utilizar as informações que prestei ao responder este questionário para a elaboração da sua dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto à minha identificação pessoal.

Salvador, de de 2008.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ilmo (a) Senhor (a)

Diretor (a) do (a)

Prezado (a) Diretor (a)

Solicito sua colaboração no sentido de autorizar a mestrande Alda Lima da Silva – PPGCI-ICI/UFBA, a manter contato com os bibliotecários desta conceituada Instituição, para aplicação de questionário com o objetivo de coletar informações para a elaboração de sua dissertação de mestrado, cujo objetivo é o de identificar a auto-imagem do bibliotecário na sociedade contemporânea.

Todas as informações serão utilizadas unicamente para essa pesquisa, sendo que os dados de identificação pessoal dos respondentes serão preservados em sigilo utilizando-se nomes fictícios no caso de citações dessas informações na dissertação. O resultado final desse estudo estará à disposição dos participantes da amostra da pesquisa, após a conclusão e defesa da dissertação.

Salvador, 20 de julho de 2008

Dra. Henriette Ferreira Gomes
Professora Orientadora PPGCI
ICI-UFBA

APÊNDICE D

ROTEIRO PARA O GRUPO DE FOCO

Tema geral: Auto-imagem do bibliotecário

Vocês consideram que na atualidade têm ocorrido alterações na forma de atuação do bibliotecário?

Fale sobre a experiência do estágio para sua atuação profissional.

O que foi possível compreender na experiência de vocês, enquanto bibliotecários, sobre os fundamentos filosóficos que norteiam cada atividade que praticam na profissão?

Qual a visibilidade que a profissão de bibliotecário tem na sociedade?

Fale um pouco sobre a imagem que vocês fazem de vocês mesmos enquanto bibliotecários?

(O que vocês pensam sobre o trabalho de vocês?).

(Como vocês sentem realizando esse trabalho?)

(Vocês consideram que realizam um trabalho importante?)

(Vocês se sentem realizadas como pessoa fazendo esse trabalho?)